



volume 6

é você que eu quero

gossip girl

Cecily von Ziegesar

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Vocês conhecem aquele ditado: hoje é o primeiro dia do resto de nossa vida? Eu sempre achei tão idiota e brega, mas hoje ele parece mesmo meio profundo. Além disso, estou começando a pensar que não há nada de errado com o brega. Tudo bem dizer ao porteiro para ter um bom dia quando ele abre a porta para você de manhã quando você vai para a escola. E porque não parar para sentir o cheiro dos lilases plantados nas calçadas dos prédios da Quinta Avenida? Enquanto você está nessa, vá em frente e prenda um ramo em sua orelha. Ainda é abril, mas você agora pode pegar aqueles novos tamancos de couro verde-menta Coach - sabe quais são, aqueles com as rosinhas amarelas bordadas que vocês andaram usando dentro de casa por um mês? – e usar *na rua*. É claro que vocês provavelmente terão problemas na escola por saírem do uniforme, mas como é que vão exibir as novas unhas de pedicure brasileira?

Eu sei, eu sei. Vocês devem estar pensando que fiquei maluca por parecer tão animada, porque esta é a semana em que todos nós vamos descobrir se fomos ou não aceitos na universidade a que nos candidatamos. Isso é a coisa mais fundamental da nossa vida. A partir de agora, vamos ficar marcados pela faculdade que escolhemos ou, melhor, a faculdade que nos escolheu: os nerds que vão para Yale, as alunas classe B e jogadoras de vôlei lésbicas que

vão para a Smith, a herdeira maluquinha cujo pai comprou a vaga dela na Brown. O que eu estou dizendo é o seguinte: por que não ver o lado bom das coisas? As cartas estão no correio, o que passou passou e eu, pelo menos estou doida para agitar.

AQUELE JOGO IDIOTA QUE A GENTE COSTUMAVA FAZER (E AINDA FAZ

ESCONDIDO)

Agora que a admissão na universidade está quase para trás, é hora de dedicar toda a nossa atenção a uma coisa igualmente importante: *nossa vida amorosa*. Está quase na hora de você e o cara de seus sonhos (por favor, acrescente "na cama" a cada item que se segue:.) Tomar um porre de Fuzzy Navels e ficar acordado até amanhecer Um dar ao outro sundae com calda

Ver filmes antigos

Nadar sem roupa

Soltar anéis de fumaça

Jogar Twister

Fazer tatuagens temporárias um no outro

Escolher o nome dos filhos

Matar a academia

Experimentar ioga Bikram

Não estou defendendo nada ilegal demais. Certamente esta não é a hora de ferra tudo.

Vocês souberam daquela jovem atriz promissora que entrou para Harvard no ano passado e depois fugiu para Los Angeles para ficar

com o namorado ator pelo mês de maio?

Aceitação em Harvard... revogada! A lista anterior é simplesmente a melhor maneira que eu conheço da gente se livrar dos quilos de estresse que andam pesando. Se fosse uma dieta eu não largaria nunca!

Seu e-mail

P: Cara Gossip Girl,

Eu só queria te agradecer por manter meu astral alto porque sou um caso totalmente perdido. Não sei quanto a você, mas eu me candidatei a doze universidades e ontem à noite sonhei que não tinha entrado para nenhuma. Algum conselho que me dê motivo para eu não fugir para o México? Você é d+.

-rose

R: Cara rose,

O México parece ótimo, mas doze universidades? Qual é, você vai entrar para uma, ou até para todas as doze! E se você tiver vontade de se atirar de uma ponte antes que cheguem as doze cartas, cole nos seus amigos... A não ser que você esteja preocupada que eles possam te empurrar! Esta é uma época complicada para todos nós.

-GG

P: Cara GG,

Quer dizer que aquela garota doida da reabilitação de Connecticut, tipo assim, saiu da vida de **N**? Porque, se ele está solteiro, eu vou voar para cima dele.

-reddy

R: Cara reddy,

Desculpe, meu bem, mas terá de esperar na fila - e sem furar, por favor! Infelizmente para nós, alguém chegou primeiro. Na verdade, ela sempre esteve lá e provavelmente sempre estará. Acho que você sabe de quem eu estou falando. Mas não seja muito ciumenta: a vida dela pode ser qualquer coisa, menos perfeita.

-GG

Flagra

N acordando e ficando chapado na escadaria do **Met**. Aposto que, agora que é capitão de lacrosse e não está mais saindo com a maravilhosa doida interna da reabilitação, ele pode relaxar e curtir a vida. **B** matando uma reunião esta manhã para correr para casa, na hipótese de **Yale** estar tão ansiosa para aceitá-la que mandou por FedEx pela manhã. Isso que é ansiedade! **B** também foi vista no departamento de lingerie na **Barneys** experimentando o que só pode ser descrito como um conjunto de "boa sorte." **S** roendo as unhas ao tomar banho de sol no **Sheep Meadow** enquanto montes de admiradores olhavam. Com o que está preocupada, aliás? **D** e **V** fingindo não perceber um ao outro enquanto esperavam na fila para comprar ingressos para o novo filme de Ken Mogul no **Angelika**. **J** experimentando um par de **Manolos** exclusivos pele de jibóia na **Bergdorf Goodman**. Como exatamente ela estava planejando pagar por eles e onde exatamente pretendia usar? Ela pode ser só uma caloura, mas sem dúvida nenhuma é ambiciosa.

SÓ PARA O CASO DE VOCÊ QUERER REVIVER AQUELES MOMENTOS

PRECIOSOS...

V está fazendo um documentário sobre todo esse negócio de entrar para a universidade.

Pense nele como uma oportunidade de se expressar e conseguir quatro minutos de refletores. Nas próximas duas semanas, ela estará filmando perto da Fonte Bethesda no Central Park, depois da aula.

Meus dedos das mãos e dos pés estão cruzados. Boa sorte a todos!

Você sabe que eu falo sério,

gossip girl

b é a estrela de seu próprio filminho

- Basta falar de como está se sentindo agora. Sabe como é, com as cartas de admissão da faculdade chegando essa semana e tudo isso.- Vanessa Abrams semicerrou os olhos para a câmera a ajustou a lente para enquadrar os brincos de pinjentes de jade e cristal Swarovski de Balir. Fazia uma tarde agradável de abril e o parque estava um hospício.

Atrás delas, um grupo de terceiranistas da St. Jude corria atrás de um Frisbee pelos degraus em plataforma que davam para a Fonte Bathesda, xingando-se e se agarrando num frenesi de estresse pré-admissão na faculdade. Ao redor da fonte espalhavam-se os corpos perfeitamente bronzeados e bem-cuidados das meninas do secundário do Upper East Side, fumando cigarros e passando o último bronzeador Lancôme nas pernas, enquanto a mulher alada de bronze no meio da fonte olhava para elas com magnanimidade.

Vanessa apertou o botão de gravar.

- Pode começar quando quiser.

Blair Waldorf lambeu os lábios brilhantes e enfiou mechas do cabelo castanho-escuro atrás das orelhas. Por baixo da camisa pólo preta e do uniforme da Constance Billard, ela usava o novo conjunto de sutiã e calcinha de seda turquesa e renda preta que comprara no departamento de lingerie da Barneys. Ela apoiou as costas na beira da fonte e ajeitou a bunda na toalha de banho dobrada que Vanessa tinha lhe dado para sentar.

Clima quente e tangas não combinam muito bem.

- Prometi a mim mesma que, se eu entrasse para Yale, Nate e eu finalmente íamos fazer-começou Blair. Ela olhou para baixo e girou o anel de rubi repetidamente no dedo anular da mão esquerda.- Nós não estamos exatamente juntos... *ainda não*. Mas nós dois sabemos que queremos ficar, e assim que as cartas chegarem...- Ela olhou para a câmera, ignorando a encarada estranhamente intensa da cabeça raspada e botas de combate de Vanessa.- Mas para mim não é só uma questão de transar. É todo o meu futuro. Yale e Nate. As duas coisas que eu sempre quis na vida.

Ela tombou a cabeça para o lado. Na verdade, ela queria muitas coisas. Mas, a não ser pelo lindo par de sandálias plataforma de lagarto prateado Christian Louboutin, aquelas duas eram as principais.

- Boa tentativa, mané!- gritou um garoto enquanto pegava o Frisbee no ar debaixo do nariz do amigo.

Blair fechou os olhos azuis e os abriu novamente.

- E se eu *não* entrar...- Ela fez uma pausadramática- Alguém vai ter que pagar por essa porra.

Talvez alguém devesse colocar uma focinheira nela nesta semana.

Blair suspirou, estendeu a mão para a blusa e ajeitou as alças do sutiã.

- Alguns de meus amigos... tipo Serena e Nate... não estão pirados com toda essa história de faculdade. Mas isso é porque eles não estão morando com a mãe velha-demais-para-engravidar e o padrasto gordo e grosso. Quer dizer, eu nem tenho mais o meu próprio quarto!- Ela enxugou uma lágrima e olhou para a câmera com uma expressão de pesar.-

Esta é tipo a minha *única* chance de ser feliz. E eu acho que mereço, sabe?

Aplausos de claque.

n só quer sentir o gosto do brilho labial dela

Ao chegar ao fim da esplanada ladeada por olmos que levava ao Terraço e Fonte Bethesda, Nate Archibald atirou no chão a bagana do baseado que estava fumando e passou direto pelos amigos do Frisbee. A menos de três metros de distância, Blair estava sentada de pernas cruzadas na base da fonte, falando para uma câmera. Ela parecia nervosa e meio inocente. Suas mãos delicadas se agitavam em torno do rosto pequeno de raposa, e o uniforme cinza e curto da escola mal cobria as coxas musculosas. Nate afastou as mechas castanho-douradas dos olhos verde-esmeralda e enfiou as mãos nos bolsos da calça cáqui. Ele estava totalmente sexy.

É claro que naquele exato momento todas as solteiras do parque estava pensando exatamente na mesma coisa- *nele*.

Nate reconhecia só vagamente agarota estranha e careca atrás da câmera. Blair nada teria a ver com ela, mas Blair sempre estava pronta para qualquer coisa que envolvesse falar de si mesma. Ela gostava de atenção, e mesmo de romper com ela e traí-la um monte de vezes, Nate ainda gostava de lhe dar atenção. Ele

mergulhou a mão na fonte, andou atrás dela e espirrou umas gotas de água no braço nu de Blair.

Blair girou a cabeça rapidamente e viu Nate mais irresistível do que nunca numa camisa amarela desbotada, por fora das calças e com as mangas arregaçadas, então só o que ela pôde ser foram os músculos maravilhosamente bronzeados e o rosto perfeito.

- Você não estava ouvindo o que eu disse, estava?- perguntou Blair.

Ele sacudiu a cabeça e ela se levantou da toalha, ignorando Vanessa completamente. No que dizia respeito a Blair, elas haviam acabado.

- Oi.- Nate se curvou e lhe deu um beijo no rosto. Ele tinha cheiro de fumo, roupa limpa e couro novo- os cheiros bons de homem.

Hmmmm.

- Oi.- Blair ajeitou o uniforme. Porque diabos não tinha entrado para Yale *hoje*?

- Eu só estava pensando que no verão passado você era totalmente viciada em sanduíche de sorvete- observou Nate. Ele teve o impulso súbito de lambe todo o brilho labial que cheirava a doce nos lábios de Blair e passar a língua pelos dentes dela.

Ela fingiu ajeitar os brincos novos para que ele percebesse.

- Estou nervosa demais para comer, mas uma limonada agora cairia bem.

Nate sorriu e Blair enfiou a mão na curva do braço dele, como sempre fazia quando eles saíam juntos. O velho e conhecido arrepio percorreu-lhe o corpo. Era sempre assim quando eles voltavam- ao mesmo tempo agradável e assustador. Eles foram até o vendedor estacionado no alto da escada e Nate comprou duas latas de

limonada Country Time. Depois eles se sentaram em um banco próximo e ele tirou uma garrafinha prateada da mochila verde-oliva Jack Spade.

Hora do coquetel!

Blair ignorou a limonada e pegou a garrafinha.

- Não sei por que você está nervosa. Você é tipo a melhor aluna da sua turma.- Nate se sentia meio ambivalente em relação a entrar na faculdade. Tinha se candidatado a cinco universidades e, sim, ele queria ingressar em uma delas, mas estava confiante de que teria uma época razoável aonde quer que fosse.

Blair tomou outro gole da garrafinha antes de devolver.

- Caso você tenha se esquecido, eu meio que me fodi totalmente *nas duas* entrevistas.-

lembrou Blair a ele.

Nate tinha ouvido falar do pequeno colapso nervoso que ela teve na primeira entrevista em Yale e como Blair terminara a sessão dando um beijo no entrevistador. Ele também soube da paquerinha rápida que ela teve num quarto de hotel com o entrevistador que era ex-aluno da universidade. De certa forma, ele era responsável pelos dois infortúnios.

Sempre que eles terminavam, Blair ficava totalmente sem noção.

Ele estendeu a mão e ajeitou o anel de rubi no dedo dela.

- Relaxa. Tudo vai ficar bem.- disse ele delicadamente- Eu prometo.

- Tá legal- concordou Blair, embora a verdade fosse que ela não ia parra de se estressar até que a carta de aceitação de Yale estivesse pendurada acima da cama dela em uma moldura de prata feita sob

encomenda na Tiffany. Ela ia colocar o novo CD do Raves que sempre a deixava excitada, embora fosse meio estridente e irritante, e se deitaria na cama, lendo sem parar a carta de admissão enquanto Nate vagava por seu corpo...

- Wue bom.- Nate se sobreviu e começou a beijá-la, interrompendo a pequena fantasia pornô dela.

Blair gemeu por dentro. Se ao menos pudesse transar com ele ali mesmo, no banco de madeira velho e seboso do Central Park! Mas ela teria de esperar até saber de Yale. Foi esse o acordo que fez consigo mesma.

A única coisa que ela não conseguiu

Do outro lado da esplanada, Serena van der Woodsen estava comendo um sorvete Fudgsicle e pensando na vida quando viu os dois melhores amigos em um banco do parque, devorando-se com os olhos e parecendo o anúncio publicitário do amor verdadeiro. Serena suspirou, andando lentamente enquanto lambia as gotas adocicadas do palito. Se ao menos o amor verdadeiro fosse uma coisa que a gente *pudesse* comprar.

Não que ela não tivesse passado por um zilhão de namorados que eram totalmente apaixonados por ela e totalmente divertidos. Teve o Perce, o francês que a perseguiu em um pequeno conversível laranja por toda a Europa. Depois o Guy, o lorde inglês que queria fugir com ela para Barbados. Conrad, o cara do internato de New Hampshire, que ficou com ela até o amanhecer, fumando charuto. Dan Humphrey, o poeta mórbido que nunca encontrava uma metáfora certa para ela. Flow, o astro do rock que se revelou chegado a um assédio – não que ela realmente *se importasse* em ser assediada por alguém tão gato e famoso. E Nate Archibald, o cara com quem ela perdeu a virgindade e que amaria para sempre, mas só como amigo.

E esta era a lista de favoritos.

Ainda assim, ela nunca teve um amor *verdadeiro*, o tipo de amor que tinham Blair e Nate.

Ela atirou o resto do sorvete numa lixeira e apressou o passo, os tamancos Mella de veludo rosa fazendo barulho na calçada pavimentada, os longos cabelos louros fluindo atrás e o uniforme curto, cinza e pregado da Constance Billard batendo nas pernas intermináveis de compridas. À medida que se aproximava, os meninos que brincavam em volta da Fonte Bethesda e andavam de patins de um lado a outro da esplanada apertaram o botão pause e se viraram boquiabertos. Serena, Serena, Serena – ela era tudo o que eles queriam.

Até parece que eles tinham coragem de dizer um oi que fosse a ela.

- Porque vocês não pegam um quarto no Mandarin? Fica só a algumas quadras daqui-brincou Serena quando alcançou os amigos no banco.

Nate e Blair olharam para ela com um expressão feliz e deslumbrada.

- Você fez o troço?- perguntou Serena a Blair de um jeito que só as grandes amigas podiam entender.

- Arrã.- assentiu Blair- Mas não falei por muito tempo, porque o Nate estava ouvindo.

- Não estava!- protestou Nate.

Serena olhou para Nate.

- Eu só queria ter certeza que Blair não estava pirando demais. Eu devia saber que você era capaz de acalmá-la.

Blair tomou um gole da limonada.

- Não soube de nada ainda?

Serena pegou a limonada dela.

- Não, pela décima quinta vez, eu ainda não soube de nada.- Ela tomou um gole e limpou a boca com a manga da blusa Tacco rosa-claro.- E você?

Blair sacudiu a cabeça. Depois teve uma idéia.

- Olha, porque a gente não pega todas as cartas e abre junto? Sabe como é, a gente podia, tipo assim, pirar ao mesmo tempo.

Serena tomou um gole da limonada. Parecia a pior idéia que ouvira na vida, mas ela estava disposta a se arriscar a ter os olhos dilacerados para fazer a amiga feliz.

- Tudo bem.- concordou ela com relutância.

Nate não disse nada. De jeito nenhum queria se juntar a *essa* festinha. Ele ergueu a garrafinha para Serena.

- Quer?

Ela torceu o nariz perfeito e agitou os dedos sem esmalte.

- Não. Estou atrasada para fazer as unhas. A gente se vê.- Depois ela se virou e foi para o sul, ao fim do parque, levando a lata de limonada pela metade.

Serena tinha o hábito de pegar as coisas sem nem perceber o que estava fazendo.

Limonada, homens...

D resgata V, ou vice-versa

Vanessa esperou pacientemente enquanto Chuck Bass ajeitava a gola vermelha no pescoço de seu macaco de estimação com o monograma em S ficasse visível para a câmera. Chuck tinha chegado à fonte logo depois de Blair partir. Ele nem cumprimentou, só se sentou na toalha com o macaco e começou a falar.

- É melhor a NYU me deixar entrar, porque quero ficar no apartamento que meus pais compraram para mim. E, depois, eu e Sweetie podemos ficar juntos.- Chuck passou as mãos no casaquinho branco do macaco, o anel rosa com o monograma em ouro brilhando na luz do sol.- Sei que é só um macaco, mas ele é meu melhor amigo.

Vanessa deu um zoom no logo Prada das sandálias masculinas de couro preto de Chuck.

As unhas dos pés estavam recém-feitas, e uma pulseira fininha de ouro se pendurava frouxa do tornozelo artificialmente bronzeado. Ela fora aceita antecipadamente na NYU

em janeiro. A idéia de que ela e Chuck pudessem ser colegas de turma no ano seguinte era mais do que um pouco perturbadora.

- É claro que vou conseguir um lugar aonde quer que eu vá - continuou Chuck.- Mas o decorador acabou de fazer meu apartamento na Armani Casa, e qual é, quem quer morar na porra de um lugar como Providence, em Rhode Island?

Daniel Humphrey atirou o que restava do cigarro Camel em uma pilha de folhas verdes e molhadas na beira da esplanada. Zeke Freedman e um bando de seus outros colegas de turma da Riveside Prep estavam jogando hóquei sobre patins, e por um breve segundo ele pensou em se juntar a eles. Afinal, Zeke era seu melhor amigo – antes de Dan ficar com Vanessa Abrams, sua outra melhor amiga. Agora ele estava completamente sem amigos e tudo parecia ter sido muito tempo atrás. Ele se virou, acendeu outro Camel e

continuou a caminhada ritual solitária pelo parque que fazia depois da aula.

A Fonte Bathesda, em um dia de sol, não era realmente o ambiente para ele – tinha fortões demais correndo chapados por ali sem camisa e garotas bronzeadas ouvindo seus iPods com biquínis Missoni – mas o dia estava lindo e ele não tinha outro lugar para ir.

Havia sua irmã mais nova, Jenny, e a amiga dela da Constance Billard School, Elise, uma fazendo o pé da outra. Tinha aquele babaca do Chuck Bass da sua turma na Riverside, esparramado na base da fonte com o macaco no colo, falando com...

Dan passou uma mão trêmula pelo cabelo comprido de poeta boêmio e deu um longo trago no cigarro. Vanessa odiava o sol e odiava ainda mais gente como Chuck, mas estava aturando qualquer coisa para fazer um filme. A disposição de sofrer pela arte era uma das muitas coisas que ela e Dan tinham em comum.

Ele vasculhou a bolsa de carteiro e pegou uma caneta e um caderno de capa de couro preto que sempre levava, rabiscando uns versos sobre o modo como Vanessa usava a ponta da bota, exibindo o metal. Talvez fosse o começo de um novo poema.

Pretas

Botas de ponta de aço

Pombos mortos

Chuva turva

- Estou fazendo um documentário, se quiser participar- gritou Vanessa para ele, interrompendo Chuck no meio de uma frase. Dan vestia camiseta branca queimada de cigarro e calças baggy caramelo. Ele parecia o mesmo poeta desganhado e relaxado que ela sempre conhecera e amara. Depois que o poema "Putas" dele

foi publicado na *New Yorker*, Dan começara a dar mais atenção à aparência, comprando roupas em lojas francesas como Agnès B. e APC. Foi nessa época que ele começou a trair Vanessa com aquela anoréxica de dentes tortos e putinha da poesia Mystery Craze. Mas Mystery era passado, e talvez o velho Dan tenha voltado para sempre.

A idéia de sentar e falar com Vanessa cara a cara era meio enervante, mas talvez, se só se concentrassem no filme, eles não tivessem de revirar toda aquela sujeira. Dan olhou para Chuck, que estava penteando o macaco com uma escova de tartaruga cor-de-rosa para crianças.

- Você está...?

- Terminamos.- Vanessa dispensou Chuck.- Volte quando souber de alguma coisa.

É claro que ela nem precisava dizer isso. Chuck voltaria. Todos voltariam. Não conseguiam evitar. Arranjar gente que só pensava em si mesma para lavar a própria roupa suja era tão fácil que devia ser ilegal.

- Mas eu nem cheguei na parte sobre o publicitário que contratei para o Sweetie- disse Chuck com um beicinho.- Vamos levá-lo na TV...

- Me poupe- ladrou Vanessa. Ela puxou a manga da blusa preta e fingiu olhar o relógio, quando Dan sabia que na realidade ela nem tinha relógio.- O próximo.

Chuck se levantou e se afastou com o macaco no ombro. Com a palma das mãos suando de nervosismo, Dan assumiu o lugar dele.

- E aí, o filme é sobre o quê?- perguntou ele.

Uma garota que perambulava pela fonte deixou cair o isqueiro e Vanessa devolveu com um chute da bota.

- Ainda não sei bem. Quer dizer, tem alguma coisa a ver com o modo como todo mundo está maluco. Sabe como é, com a faculdade e essas coisas- explicou ela.- Mas não é sobre *isso*.

- Arrã.- Dan assentiu. Nada que Vanessa fazia era simples. Ele procurou pela Camel na bolsa e acendeu outro.- Ultimamente eu ando meio ansioso com a correspondência-admitiu ele.

Vanessa olhou pela câmera e começou a gravar. O rosto pálido de Dan parecia tão vulnerável na luz do sol que era difícil acreditar que ele a tivesse traído- que era capaz de fazer uma coisa tão cruel.

- Continue.

- Acho que o que mais me irrita é ouvir os caras da minha turma dizendo: "Cara, vou sentir sua falta no ano que vem".- Dan deu um longo trago no cigarro. A brancura da maçã da face interna do braço de Vanessa o fez esquecer do que estava falando. *Branca como maçã*, isso era bom.

- Continue- insistiu Vanessa.

Dan soprou a fumaça diretamente na câmera.

- Ninguém vai sentir minha falta e eu não vou sentir falta de ninguém, a não ser do meu pai e talvez da minha irmã.- Ele se interrompeu e engoliu em seco. *E você e dos seus braços brancos como maçã*, ele quis acrescentar, mas concluiu que era melhor escrever do que falar.

Vanessa tentou ficar quieta, mas o discursinho meio xarope de Dan a balançara, mesmo sem a menção a seus braços.

- Ninguém vai sentir falta de mim também- declarou ela, mantendo a cara firmemente pressionada no visor para que eles não se olhassem nos olhos.

Dan bateu a cinza no chão e a esfregou com o salto de um de seus Pumas azuis surrados.

Parecia estranho falar com Vanessa de uma forma tão distante quando há pouco mais de um mês eles estavam apaixonados e ele transou pela primeira vez.

- Vou sentir a *sua* falta- admitiu ele em voz baixa.- Eu já sinto a sua falta.

Que droga, por que ele tinha de ser tão bonitinho?

Vanessa desligou a câmera antes que pudesse dizer alguma coisa reveladora demais.

- A bateria da câmera arriou- disse ela bruscamente.- Talvez você possa voltar outro dia-acrescentou, desejando não ser tão cretina sempre.

Dan se colocou de pé e passou a alça da bolsa de carteiro pelo ombro.

- Foi bom te ver- respondeu ele com um sorriso tímido.

Incapaz de se conter, Vanessa retribuiu o sorriso.

- Foi bom te ver também.- Ela hesitou.- Promete que vai voltar quando souber das novidades?

Era meio legal ver Vanessa sorrindo para ele novamente.

- Prometo- disse Dan com sinceridade, antes de saltar de volta à esplanada.

Talvez só estivesse ajustando a lente, mas meio que parecia que Vanessa estava olhando para a bunda dele através da câmera enquanto ele se afastava.

Ah, jovem e despreocupado

- Foi muito legal da parte do seu irmão dar uma parada aqui- comentou Elise Wells sarcasticamente para Jenny Humphrey. Ela esticou os longos braços sardentos acima da cabeça e depois deixou que caíssem ao lado do corpo.- Acho que ele tem medo de mim.

Jenny tirou o pé do colo de Elise e examinou as unhas recém-pintadas. Elise tinha passado esmalte vermelho MAC New York Apple em todo o dedinho mínimo do pé, onde a unha era superpequena, e parecia que o dedo tinha sido esmagado com um martelo.

- Ultimamente Dan anda muito esquisito- observou ela.- E odeio te deixar frustrada, mas não acho que tenha alguma coisa a ver com você. Ele deve ter a resposta da faculdade esta semana.

As duas meninas estavam sentadas junto à Fonte Bethesda, do lado oposto de onde Vanessa tinha colocado a câmera. Jenny protegeu os olhos do sol e espiou sobre a borda da fonte para ver o que estava acontecendo.

Vanessa agora filmava Nicki Button- outra veterana da Constance. Era de conhecimento geral que Nicki tinha feito duas plásticas no nariz. Se você comparasse as fotos do livro do ano dos últimos três anos, ia perceber de cara.

- Ela só está entrevistando veteranos- declarou Elise. Ela enfiou o cabelo louro-avermelhado e grosso trás da orelha sardento.- Eu perguntei a ela na escola durante o recreio.

Jenny franziu a testa. Por que é que as veteranas sempre faziam as coisas mais legais? Ela puxou o sutiã para baixo no ponto onde ele sempre corria para debaixo do braço. Gotas de suor tinham se acumulado no sutiã, deixando-o mais parecido com um traje de mergulho do que um confortável sutiã de Bali com suporte reforçado para mulheres de seios grandes.

- Eu não quero mesmo aparecer no filme idiota dela- murmurou Jenny.

- Ah, tá- zombou Elise.- Até parece que você não tenta imitar tudo que Serena van der Woodsen faz.

Olá, maldade.

Jenny abraçou os joelhos, trazendo-os até o peito, e olhou para Elise na defensiva. Por acaso ela era uma modelo internacionalmente famosa? Era loura? Usava impermeável comprido Burberry e fumava cigarros franceses e andava por ai parecendo distraída enquanto os homens a olhavam com a língua de fora? Por acaso ela era secretamente a garota mais inteligente da sala? Não!

Na verdade, Jenny *era* a garota mais inteligente da sala, mas isso não era segredo.

- Me diga uma coisa que eu fiz e que Serena tenha feito.

Elise abriu o vidrinho de esmalte que estava na beira da fonte e começou a pintar as unhas dos pés. A cor parecia berrante e inadequada em sua pele clara e sardenta.

- Não é bem o que você *fez*..- a voz dela falhou.- É só que você sempre fica tão *amiguinha* dela durante o grupo de discussão. Sabe como é, como se você quisesse que todo mundo soubesse que você é amiga daquela *modelo*. E você sempre experimenta todas aquelas roupas elegantes nas lojas, como se realmente tivesse

onde usar, como Serena faz.- Ela nem mencionou o breve namoro de Jenny com Nate Archibald, que tinha sido um exemplo espalhafantoso de uma caloura se exibindo com um cara mais velho.

Era um assunto constrangedor demais para mencionar.

Uma bola de futebol de repente apareceu do nada e quicou na cabeça de Jenny.

- Ai!- exclamou ela com raiva, o rosto ficando vermelho. Ela se levantou e calçou as mules DKNY de veludo cotelê rosa que tinha comprado na última liquidação da Bloomie, borrando ainda mais as unhas molhadas.- Não sei qual é o problema- disse ela a Elise-, mas seria muito melhor sair com o pirado do meu irmão do que ouvir você me criticando.

De uma forma enfurecedora, Elise continuou pintando as unhas dos pés.

- Legal.- Jenny se ofendeu, descendo os degraus e se afastando da fonte em direção ao Central Park West. *Imito Serena*, zombou ela, seus estupendos peitos 52 balançando a cada passo. *Como se pudesse chegar aos pés dela.*

Mas Jenny não era de encarar os desafios com tranquilidade, e nada lhe agradaria mais do que provar para Elise que ela não era nenhuma tiete idiota, tentando inutilmente imitar Serena e fracassando sempre. Um garoto assoviou enquanto ela passava e ela jogou o cabelo castanho crespo para trás, fingindo que ignorava. Ela podia não ter um e oitenta de altura e nem loura e linda, mas os homens ainda assoviavam para ela. Isso significava que Jenny tinha *alguma coisa*, não é? E nem todas as modelos eram altas e louras. Ela ergueu o queixo e acrescentou uma certa pompa ao andar, imitando o modo como as modelos andavam nas passarelas que ela via no Metro Channel. Elise ia engolir as próprias palavras quando visse a cara de Jenny nas páginas da *Vogue* e da

Elle. Ela ia ser um tremendo sucesso, até Serena ia ficar com inveja.

Mas Serena não ficaria com tanta inveja do monte de cocô de cachorro que Jenny quase pisou enquanto tentava ser a próxima Gisele.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

A PIOR IDÉIA DO MUNDO

Quer dizer que já é quina-feira e ninguém soube de anda ainda. Acorda, gente! Tudo isso por causa da idéia irritante de tão imbecil que se tem dos correios dos EUA.

Aparentemente, na mesma época do ano passado, os correios receberam milhões de telefonemas pré-universitários acusando-os de extraviar as cartas de admissão e até de adulterar o conteúdo de algumas cartas. Ah, tá, até parece que alguns carteiros realmente ligam se você entrou para rinceton ou não. Então este ano eles decidiram experimentar uma coisa chamada Lote Nacional de Cartas de Admissão a Universidades, que parece muito mais inteligente do que realmente é. Basicamente, significa que as faculdades devem mandar suas cartas de aceitação aos montes de acordo com o código postal para que os correios possam entregá-las todas de uma vez.

Como se já não houvesse sofrimento suficiente. De qualquer forma, os boatos são de que os lotes chegam na segunda, e como todos nós praticamente moramos no mesmo código postal, é possível que a gente receba as nossas, tipo assim... HOJE!!

Seu e-mail

P: Cara GG,

Você é dinamite pura. Para sua informação, e todo mundo: Festa no restaurante do meu pai hoje à noite. O True West, Pier Hotel, Cobertura, West Street. Reservei alguns quartos no hotel também, para ter muito espaço para a gente desafogar. Fica frio aí.

-jay

R: Caro jay,

Não, *você* é que é dinamite. Te vejo hoje à noite!

-GG

Flagra

B perturbando o carteiro. É graças a gente como **B** que agora todos nós estamos sofrendo!

S lendo os anúncios pessoais da **Time Out** durante a pedicure no **Mandarin Oriental Spa**. Que coisa interessante, ela ficou meio presa na página de Mulher Procura Mulher. **D**

sentado no chão de mármore do saguão do prédio dele, bem embaixo das caixas de correio, escrevendo furiosamente em um caderninho preto. Acho que está sofrendo com a pressão. **N** bebendo uísque com soda com os pais no **Yale Club**.

Comemorando por antecipação? **J** comprando uma pilha de revistas de revistas de moda de um metro de altura na banca perto da casa dela. Estaria pesquisando para um trabalho da escola ou só fazendo uma colagem? E **V** entrevistando qualquer um e todo mundo. Esse filme vai encher o saco!

Se você tem um cachorrão que gosta de morder carteiros, por favor, mantenha o bicho na trelha.

E, gente, lembrem-se, estamos nisso *juntos*.

Para você que me ama,

gossip girl

Em suas posições, preparar, rrrrip!!

- Ai, meu Deus, nem consigo respirar – arfou Blair dramaticamente. Estava abraçada com um dos travesseiros do meio-irmão Aaron na cama de palha de cevada. – Acho que vou vomitar.

Não seria a primeira vez.

- Calma – aconselhou Serena, arrumando duas pequenas pilhas de envelopes brancos, creme e pardos na colcha de cânhamo tingida de berinjela de Aaron. Seus instintos no parque outro dia, sobre a festinha de abertura de cartas, tinham sido mortalmente preciosos. Blair simplesmente era competitiva demais para ficar civilizada com tudo aquilo.

- Eu vou morrer – gemeu Blair, agarrando a barriga.

As duas meninas estavam sentadas de pernas cruzadas na cama de Aaron, no quarto dele, que na verdade era o quarto de Blair a partir de agora, até que ela fosse para a universidade. O quarto dela na verdade estava sendo transformado em um quarto para a Yale, a nova meia-irmã, que devia nascer em junho. Aaron se mudara para o quarto do irmão mais novo, Tyler. Blair desdenhou a decoração ecológica do quarto e o cheiro persistente de cachorro-quente de soja e cigarros naturais. Ela até estava pensando em requisitar um quarto no Carlyle Hotel da Madison, pelo menos até a formatura.

E pensar em um cenário perfeito para um encontro pós-ingresso-em-Yale com Nate! Mas vamos começar pelo começo: primeiro Blair tinha de entrar.

- Tá legal. Pronta? – perguntou Serena. Ela estendeu a mão para dar um pequeno aperto de boa sorte na mão de Blair.

- Espera! – Blair pegou a garrafa de vodka Ketel One que tinha tirado da mesa-de-cabeceira do padrasto e a abriu com os dentes.

- Quanto mais tempo você enrolar, mais doloroso vai ser – respondeu Serena, começando a perder a paciência.

Blair tomou um gole, depois fechou os olhos e pegou o primeiro envelope da pilha.

- Foda-se. Tá legal. Vamos nessa.

Rrriip!

Cara Srta. Waldorf,

O Escritório de Admissão lamenta informar que sua inscrição foi analisada e não podemos lhe oferecer uma vaga na Universidade de Harvard no próximo outono Rrriip!

Cara Srta. Van der Woodsen ,

O Escritório de Admissão analisou sua solicitação e tem o prazer de lhe oferecer uma vaga na Universidade de Harvard...

Rrriip!

Prezada Srta. Waldorf,

Obrigada por sua solicitação. A Universidade de Princeton teve muitos candidatos este ano. A decisão de admissão é sempre difícil. Lamentamos informar à senhorita que não podemos lhe oferecer uma vaga no curso de...

Rrriip!

Prezada Srta. Van der Woodsen,

Obrigada por sua solicitação de destaque. A Universidade de Princeton tem o prazer de lhe oferecer uma vaga no curso de...

Rrriip!

Cara Srta. Waldorf,

Lamentamos informar que a Universidade Brown não pode...

Rrriip!

Cara Srta. Van der Woodsen,

O Escritório de Admissão ficou impressionado com sua solicitação. Temos o prazer de convidá-la a se matricular...

Rrriip!

Prezada Srta. Waldorf,

Analizamos sua solicitação e decidimos não lhe oferecer uma vaga na Wesleyan no próximo outono...

Rrriip!

Prezada Srta. Van der Woodsen,

O escritório de Admissão da Universidade Wesleyan tem o prazer de lhe oferecer uma vaga...

Rrriip!

Prezada Srta. Waldorf,

A Vassar College é uma pequena faculdade e só pode aceitar um número limitado de candidatos. Lamentamos informar que não podemos lhe oferecer uma vaga...

Rrriip!

Prezada Srta. van der Woodsen,

Obrigada por sua solicitação de ingresso à Universidade de Yale. Temos o prazer de convidá-la a se matricular no curso de...

Rrriip!

Cara Srta. Waldorf

Obrigada por sua solicitação de ingresso à Universidade de Yale. O Escritório de Admissão acrescentou seu nome na lista de espera. O

escritório lhe informara sobre sua situação até o dia 15 de junho deste ano.

Rrriip!

Prezada Srta. Waldorf,

Analizamos sua solicitação e temos o prazer de lhe oferecer uma vaga na Universidade de Georgetown no próximo outono.

Blair atirou a última carta na mesa-de-cabeceira e pegou a garrafa de vodca. Lista de espera em Yale, e ela só entrou para a Georgetown? Mas essa era a opção de segurança dela! De jeito nenhum ela pensou que realmente iria parar lá.

Beba e reflita um pouco, meu bem.

Em pânico, ela tomou um gole e passou a garrafa a Serena.

- Como você foi? – perguntou Blair.

Serena percebeu, pela cara assustada de Blair, que as notícias não eram boas. Ela não sabia o que dizer.

- Hmmmmm, eu entrei pra... hmmm... basicamente... todas?

Blair olhou com descrença para as cartas de admissão nas mãos de Serena. No topo estava a carta de cor creme com o timbre distinto da Universidade de Yale em azul. Sua vista se toldou.

- Peraí, você se candidatou a Yale?

Serena assentiu.

- Na última hora eu simplesmente pensei, por que não, entendeu?

- E você entrou?

Serena assentiu novamente.

- Desculpe. – ela pegou o controle remoto e ligou a TV de Aaron e depois desligou. O

modo como Blair a estava olhando com os dentes à mostra a deixava nervosa.

Blair continuou a encarar. Na primeira série, ela havia cortado por acidente uma mecha de trinta centímetros do cabelo dourado de Serena com uma faca de carne. Em todos esses anos ela sentiu culpa por isso – até agora. Agora ela queria cortar toda a porra da cabeça dourada de Serena. Ela pegou a garrafa e tomou outro gole colérico de vodca. O

que Serena fez que ela não fez? Ela era uma das primeiras da turma da Constance Billard e fez todos os cursos avançados que foram oferecidos. Gabaritou todo o teste de aptidão escolar. Fez obras de caridade, dirigia o clube de francês. Era uma tenista do ranking nacional. Em toda sua carreira no secundário – praticamente toda a sua vida – ela se esforçou para ingressar em Yale. O pai dela fora aluno de lá. O pai dele também. O tio-avô de Blair doou dois prédios e uma quadra de esportes. Serena fora expulsa do colégio interno naquele outono. Ela não fez nenhum curso avançado, praticamente não teve nenhuma atividade extracurricular, parecia ter as notas mais medíocres e até a pontuação no SAT, o teste de aptidão escolar, mais baixa do que a de Nate. O pai de Serena foi para Princeton e Brown, duas das maiores concorrentes de Yale. E ainda assim Yale aceitou Serena e prendeu Blair numa porra de lista de espera!

Havia algo que Serena soubesse e Blair ignorasse, mesmo depois de 22 horas de sessões com a Srta. Glos, a orientadora educacional nervosinha e de peruca da Constance Billard School, e depois de 144 semanas de preparação para o teste SAT?

- De repente eu nem vou – titubeou Serena numa tentativa de desmerecer o problema. –

Eu vou ter de... sabe como é... visitar todas as faculdades antes de decidir. – Ela reuniu o luxuriante cabelo no alto da cabeça e franziu a testa. – Talvez eu nem vá para a faculdade agora. Posso ficar na cidade e tentar trabalhar um pouco como atriz, ou coisa assim.

Blair disparou para fora da cama, espalhando a pilha de cartas de rejeição. Então Serena entrou para Yale mas nem queria realmente ir para lá?

- Que merda é essa?! – gritou ela, espalhando vodca em todo o tapete de fibras naturais embaixo de seus pés.

- E as outras universidades? Você deve...

De repente o meio-irmão de Blair, Aaron Rose, enfiou no quarto a cabeça convencida cheia de trancinhas rasta de admitido-cedo-em-Harvard.

- Pensei ter ouvido um grito. – Ele semicerrou os olhos para as cartas na mão de Serena. –

Foi aceita em Harvard! – Ele entrou no quarto e ergueu a mão para cumprimentar Serena.

– Legal! – Ele sorriu para Blair. – E você mana?

Blair não sabia bem se devia matar os dois ou a si mesma.

- Não sou sua irmã – rebateu ela. Blair bateu a garrafa de vodca pela metade no tampo da cômoda de madeira cultivada organicamente de Aaron, quase quebrando a base da garrafa. – Mas, como vocês dois estão tão obviamente interessados, eu entrei pra porra da lista de espera de Yale. O único lugar que me aceitou foi Georgetown. A merda babaca de Georgetown.

Serena e Aaron a olharam por um momento, os olhos arregalados numa mistura de descrença e medo da Ira Poderosa de Blair.

- Isso não é tão ruim assim – murmurou Serena por fim. Ela não sabia muito de Georgetown, mas conheceu uns caras bonitinhos que foram para lá, e podia ser meio legal morar na mesma cidade do presidente. – Tenho certeza de que Yale só esta jogando duro com os candidatos. E se você não conseguir entrar, pelo menos tem alternativa.

Era fácil para Serena falar de alternativas quando as universidades de segunda opção dela eram Harvard e Brown. Blair calçou novamente os novos sapatos cinza Eugenia Kim e pegou o cardigã preto DKNY da cama.

- Qual é, Blair, não seja tão chorona. De qualquer forma, New Haven é um lixo. Você provavelmente vai odiar aquilo lá. – Aaron enganchou os dedos cheios de calos de violão nos bolsos da calça cargo verde-oliva. – Pelo menos ele tem uma Prada em Washington.

É claro que a única coisa que Blair ouvira Aaron dizer foi mane.

- Vão se foder. – sibilou ela para os dois enquanto marchava pela porta a caminho da casa de Nate. Era provável que Nate só tivesse aceito em uma universidade idiota de chapado como Hobart ou a UNH. Pelo menos ele seria solidário.

Ele provavelmente até teria um sexo solidário. Não que ela estivesse nem perto desse estado de espírito.

As novidades de N não são boas demais para contar

Não havia ninguém em casa, mas, por simples habito, Nate enfiou uma toalha de banho Ralph Lauren azul-marinho enrolada no espaço entre o piso de madeira e a porta fechada de seu quarto antes de se sentar na colcha xadrez verde e preta e acender um.

Ele deu um tapa e depois pegou o primeiro envelope na pilha pequena que estava na mesa-de-cabeceira. Abriu-o com um rasgão.

Parabéns, Sr. Archibald

A Brown University tem o prazer de lhe oferecer...

Ponto pra mim!

Nate largou a carta na cama, deu outro tapa e depois abriu o segundo envelope.

O Escritório de Admissão analisou sua solicitação de ingresso e gostaria de convidá-lo a se matricular na Universidade de Boston no curso de...

Dois pontos!

Ele puxou o baseado e depois equilibrou na beira da mesa-de-cabeceira. O próximo envelope.

Este ano, o Hampshire College teve um grupo de candidatos fortes e interessantes. O

senhor se destacou. Sr. Archibald, temos o prazer de lhe oferecer uma vaga...

Três pontos!

O ultimo envelope – ele só conseguiu lidar com a candidatura a quatro universidades.

Obrigado pela sua solicitação de ingresso. O escritório de admissão da Universidade de Yale tem o prazer de lhe oferecer uma vaga no curso de...

Quatro pontos!!!

Nate examinou a outra papelada enfiada dentro dos envelopes. Com as cartas de admissão de Brown e Yale havia cartas de treinadores universitários de lacrosse, prometendo-lhe um lugar de iniciante no time.

- Caraca – disse Nate baixinho, lendo as cartas. Eles não apenas me queria lá. Eles queriam desesperadamente.

Bem-vindo ao clube.

Ele pegou o celular e estava prestes a ligar para a linha privativa de Blair quando o aparelho tocou em sua mão. O nome Blair apareceu na telinha.

- Oi, eu ia te ligar agora. – Nate riu – Como é que foi?

- Abre o portão para mim – respondeu Blair com um tom de voz cortante. – Estou a duas portas da sua casa.

Epa.

Nate lambeu os dedos e apertou a ponta acesa do baseado até que se apagasse. Depois borrifou no ar um pouco de Eau d'Orange Verte de Hermès para refrescar o quarto. Não que ele estivesse tentando esconder totalmente o fato de que estava fumando macinha; ele só não queria aborrecer Blair com o cheiro.

A campainha tocou e ele a deixou entrar.

- estou no meu quarto – disse ele no sistema de vídeo-intercomunicador de alta tecnologia. – Suba.

Na cama estavam suas quatro cartas de admissão. Ele as juntou, ansioso para dar a Blair a notícia incrível: eles iam juntos para Yale! Esse bagulho em especial sempre o deixava excitado. Talvez Blair finalmente estivesse pronta para transar, e eles podiam finalmente comemorar adequadamente, sem roupa.

Ou talvez não.

A casa de Nate era ainda mais elegante do que a de Blair – afinal, era uma casa com um jardim e tudo, e desde que era criança, Nate até tinha seu próprio andar. Mas a escada sempre irritava Blair. Será que os pais dele não podiam instalar uma escada rolante?

- Eu vou morrer – gemeu Blair assim que chegou ao ultimo degrau. Ela entrou no quarto de Nate e caiu de cara na cama. Depois se virou e olhou para o céu azul-claro através da clarabóia no teto – Pelo menos eu queria estar morta.

Era muitíssimo provável que Blair não estivesse pensado em morrer se tivesse entrado para Yale. Nate largou as cartas de admissão na mesa e se sentou ao lado dela.

Cautelosamente, passou o polegar no rosto macio e perfeito dela.

Obrigada creme facial La Mer.

- O que é que tá pegando? – perguntou ele delicadamente.

- Aquela puta idiota da Serena entrou para Yale e todas as porras de faculdades a que ela se candidatou, e eu só entrei pra porra da Georgetown. Yale me colocou na lista de espera, e eu fui rejeitada em todas as outras. – Blair se virou na cama e colocou o rosto na perna de Nate. Era hoje que ela devia perder a virgindade, mas agora estava obvio: ele era um fracasso grande demais para sequer transar. – Ah, Nate. O que agente vai fazer?

Nate não sabia o que dizer. Uma coisa era certa. Ele não ia contar a Blair que tinha entrado para Yale também. Ela podia asfixiá-lo com um travesseiro ou coisa assim.

- Sei de um monte de caras que ficaram na lista de espera no ano passado. A maioria deles acabou conseguindo entrar. Sugeri eu.

- É, mais não para Yale – gemeu Blair. – Todas as universidades de merda têm listas de espera supercompridas porque a galera as usa como opção de segurança para o caso de não entrar.

- Ah.

Era típico de Blair. A idéia de uma universidade de merda era qualquer universidade que não fosse Yale.

- Yale sabe que todo mundo que eles admitiram vai pra lá, então a lista de espera deles provavelmente tem, tipo assim, duas pessoas, e essas duas pessoas nunquinha vão entrar.

– Ela suspirou dramaticamente. – Porra! – Depois se sentou e tirou um fiapo de linha da jeans Seven. – E você? Entrou pra onde?

Nate sabia que era errado esconder informações da namorada – a garota que ele amava –, mas ele não suportaria magoá-la.

Ou deixá-la tão que ele não ia querer namorar?

- Hmmm. – Ele bocejou, como se essa fosse a conversa mais chata do mundo. –

Hampshire. Boston. Brown. É isso aí.

Então ele se esqueceu de falar em Yale. Não era a mesma coisa que mentir, era?

Hmmm, era?

Blair olhou friamente para o piso de madeira nu, girando o anel de rubi no dedo com tanta rapidez que deixou Nate tonto. Ele se deitou ao lado dela e passou os braços por sua cintura.

- Georgetown é uma boa universidade.

O corpo de Blair ficou rígido.

- Mas fica tão longe da Brown – queixou-se ela.

Nate deu de ombros e começou a massagear o ponto entre as omoplatas de Blair.

- De repente eu vou para Boston. Aposto que tem um trem de Boston para Washington.

Lágrimas rolaram dos olhos de Blair e ela chutou o colchão com os calcanhares.

- Mas não quero ir para Georgetown. Eu odeio Georgetown.

Nate puxou a cabeça dela para o peito e beijou seu pescoço. Ele e Blair não se deitavam nessa cama há meses e ele estava ficando seriamente excitado.

- Já deu um pulo lá para verificar?

Na realidade, Blair não tinha visitado nenhuma universidade a não se Yale.

- Não – admitiu ela.

Nate passou a língua pelo lóbulo da orelha de Blair. O cheiro de pêssego de seu xampu lhe deu larica.

- Conheci um monte de garotas legais de Georgetown. Você devia ir lá. Talvez até goste mais do que de Yale. – disse ele, a voz abafada enquanto passava o nariz pelo pescoço dela.

Ah, tá – respondeu ela amargamente. Blair tinha uma vaga consciência de que Nate estava vindo para cima dela, mas ela estava tão aborrecida que só o que podia sentir era a saliva dele na orelha. Nate se deitou de costas na cama e puxou-a para cima dele. Seus olhos estavam fechados e os lábios juntos num sorriso feliz de chapado excitado.

- HmMMM – Murmurou ele, curtindo o peso dele em cima dele.

- Eu só queria entrar para Yale – sussurrou Blair. Depois ela podia tirar as roupas e eles finalmente podiam transar, como Blair sempre imaginou. Ela pos a cabeça na curva do queixo de Nate e respirou seu cheiro bom de fumo. Só o que ela precisava agora era de um bom aconchego. O sexo teria que esperar.

Nate abriu os olhos e soltou um suspiro pesado. Coitus interruptus, parte XX, produzido especialmente para ele por Blair Waldorf.

Não que ele realmente merecesse ter sexo.

- Só me prometa que vai dar uma olhada em Georgetown – tornou ele, tentando parecer um bom namorado que apóia a garota, não um filha-da-puta mentiroso.

Blair o abraçou com força. Sua vida era um inferno miserável, e a melhor amiga era uma piranha mentirosa, mas pelo menos Blair tinha Nate – o adorável, carinhoso e franco Nate. E ele tinha razão. Visitar Georgetown não ia doer. A essa altura ela faria qualquer coisa.

- Tá legal, eu prometo – concordou ela.

Nate colocou a mão por dentro do cós da jeans de Blair, mas ela tirou-a dali novamente.

Bem, quase qualquer coisa.

E o vencedor é...

- Ele chegou! – Dan ouviu a irmã mais nova, Jenny, sussurrar enquanto ele fechava a porta do apartamento. – Rápido!

Ele largou as chaves na mesa velha e bamba no hall da frente e tirou os Pumas.

- Oi – chamou ele, entrando na cozinha, para onde em geral convergia a família. Como sempre, Marx, o enorme gato preto dos Humphrey, estava esparramado na mesa de fórmica amarela e rachada da cozinha, a cabeça apoiada em um pano de prato laranja. A caneca de café pela metade de Dan estava onde ele a deixara de manha, ao lado do focinho rosa de Marx. As luzes da cozinha estavam acesas e um iogurte Danone de blueberry sem gordura meio consumido – o preferido de Jenny – estava na bancada amarela. Dan coçou as orelhas pretas e peludas de Marx. A pilha habitual de correspondência não estava na mesa, o que era suspeito, e Jenny não estava em lugar nenhum. – Oi. Alguém em casa?

- Ele chegou! – Dan ouviu a irmã mais nova, Jenny, sussurrar enquanto ele fechava a porta do apartamento. – Rápido!

Ele largou as chaves na mesa velha e bamba no hall da frente e tirou os Pumas.

- Oi – chamou ele, entrando na cozinha, para onde em geral convergia a família. Como sempre, Marx, o enorme gato preto dos Humphrey, estava esparramado na mesa de fórmica amarela e rachada da cozinha, a cabeça apoiada em um pano de prato laranja. A caneca de café pela metade de Dan estava onde ele a deixara de manha, ao lado do focinho rosa de Marx. As luzes da cozinha estavam acesas e um iogurte Danone de blueberry sem gordura meio consumido – o preferido de Jenny – estava na bancada amarela. Dan coçou as orelhas pretas e peludas de Marx. A pilha habitual de correspondência não estava na mesa, o que era suspeito, e Jenny não estava em lugar nenhum. – Oi. Alguém em casa?

- Sente-se, filho. Estávamos esperando por você – explicou Rufus com um sorriso ansioso.

– Nós até compramos seu donuts favoritos. Hoje é o grande dia!

Dan pestanejou. Nos últimos 17 anos se pai reclamara do custo de criar e educar dois adolescentes ingratos e ameaçava constantemente se mudar para o interior, onde a assistência médica e a educação eram gratuitas. E no entanto ele mandou Dan e Jenny para as duas das mais competitivas e mais caras escolas particulares exclusivas de Manhattan, colava o histórico escolar estelar deles na geladeira e constantemente lhes fazia perguntas sobre poesia e latim. Ele parecia ainda mais animado com as cartas de admissão universitária do filho do que o próprio Dan.

- Vocês já abriram minha correspondência? – perguntou Dan.

- Não. Mas vamos abrir se você não correr e sentar já – disse Jenny a ele. Ela bateu na pilha de envelopes com uma unha vermelha. – Coloquei a Brown por cima.

- Cara, obrigado – murmurou Dan enquanto se sentava. Como se todo o processo já não fosse bastante enervante.

Ele não havia previsto abrir a correspondência diante de uma platéia.

Rufus pegou a caixa de donuts na mesa e a abriu.

- Anda – instou ele, antes de enfiar um donut na boca.

Com os dedos trêmulos, Dan cuidadosamente abriu o envelope da Brown e desdobrou as folhas de papel que havia dentro dele.

- Ai, meu Deus, você entrou! – guinchou Jenny.

- O que eles dizem? O que eles dizem? – perguntou Rufus, as sobrancelhas grisalhas e bastas contorcendo-se de empolgação.

- Entrei – disse Dan baixinho. Ele passou a carta ao pai.

- É claro que entrou! – vangloriando-se Rufus. Ele pegou na mesa a garrafa quase vazia de chianti da noite anterior, tirou a rolha com os dentes e tomou um gole. – Anda, abre a próxima!

A segunda carta era da Universidade de Nova York – a NYU – onde Vanessa tinha sido aceita antecipadamente.

- Aposto que entrou – previu Jenny de uma forma irritante.

- Shhhh! – sibilou o pai para ela.

Dan abriu o envelope. Olhou para o rosto deles em expectativa e anunciou tranquilamente:

- Dentro!

- Uuuu-huuu! – gritou Rufus, batendo no peito como um gorila orgulhoso. – Esse é o cara!

Jenny pegou o envelope seguinte.

- Posso abrir este?

Dan revirou os olhos. Ele tinha alguma escolha?

- Claro.

- Colby College – leu Jenny. – Onde fica?

- No Maine, sua ignorante – respondeu o pai. – Pode abrir, por favor?

Jenny riu e passou o dedo sobre a dobra do envelope. Isso era divertido, como ser uma apresentadora do Oscar ou coisa assim.

- E o Oscar vai para... Dan! Você entrou!

- Legal. – Dan deu de ombros. Ele nem mesmo foi ao Maine para visitar a Colby, mas seu professor de inglês insistiu em que eles tinham o melhor curso de redação da Costa Leste.

Jenny pegou o envelope seguinte e o abriu sem nem pedir permissão.

- Universidade de Columbia. Opa. Eles te rejeitaram.

- Cretinos – grunhiu Rufus.

Dan deu de ombros de novo. Columbia tinha um curso de redação criativa e de prestígio, e ficava tão perto de casa que ele nem ia precisar morar num alojamento. Mas, Considerando a situação claustrofóbica em que se encontrava agora, não parecia nada atraente morar em casa pelos próximos quatro anos.

O último envelope era do Evergreen College, no estado de Washington, tão longe que tinha um apelo meio romântico. Ele deslizou o envelope pela mesa para Rufus e pegou o copo de café de cortesia.

- Abra essa, pai.

- Evergreen! – berrou Rufus. – Quer nos trocar pelo noroeste do Pacífico! Tem alguma idéia de como chove por lá?

- Pai – gemeu Jenny.

- Tudo bem, tudo bem. – Rufus abriu o envelope e com isso rasgou a carta. Ele semicerrou os olhos para a folha de papel retalhada. – Dentro! – Ele pegou outro donut, pos na boca e passou a caixa para Dan. – Quatro em cinco... Nada mal!

- Vamos comer fora para comemorar! – gritou Jenny, batendo palmas. – Tem um restaurante novo na Orchard Street que deve ser bem legal. Todas as modelos vão lá.

Rufus deu um sorriso duro para Dan.

- Antes de você chegar, sua irmã anunciou que vai ser supermodelo. Ao que parece, no fim do mês estarei voando no meu próprio jato para comprar cavalos de corrida e barcos com todos os milhões que ela vai ganhar. – Ele apontou um dedo sujo de chocolate para Jenny. – Você também vai pagar pela universidade do Dan, não é?

Jenny revirou os olhos.

- Pai.

Rufus estreitou os olhos para ela.

- Alias, onde foi que conseguiu essa blusa? – A testa de Rufus ficou vermelha e brilhante, como ficava quando ele estava empolgado. – Se não parar de fazer mau uso de meu cartão de credito, vou te manda para o colégio interno. Ouviu?

Jenny revirou os olhos novamente.

- É possível que nem tenha que me mandar. Vou ficar feliz em ir.

Dan deu um pigarro ruidoso e se levantou.

- já chega crianças. Tem uma festa mais tarde, mas, antes de eu sair, vocês podem me levar para comer comida chinesa. No lugar que eu gosto, na Columbus.

- Que té-dio – murmurou Jenny.

- Você venceu – concordou Rufus, piscando para ele. – A propósito, eu voto na NYU.

Assim você pode morar em casa, eu posso te ajudar com os estudos e em troca você me apresenta algumas das professoras intelectuais de inglês.

Dan sentia como se tivesse entrado em um filme da Disney sobre pais empolgadinhos que cuidam da casa. Ele pegou um donut da caixa, reuniu a pilha de cartas e foi para o quarto.

Um caderno em branco estava na cama desfeita, esperando que ele o pegasse e o enchesse com seus versos sombrios e torturados. Mas Dan estava feliz demais para escrever. Ele entrou para quatro das cinco universidades a que se candidatou! Estava louco para contar as novidades.

O problema era, para quem?

Se ele está feliz, ela também está

- e se ele estiver em casa totalmente sozinho cortando os pulsos ou coisa assim?

- Vanessa corroia-se em voz alta. Ela olhou a bunda na calça de couro da irmã de 22

anos, Ruby. Ruby estava apoiada na soleira da porta do quarto de Vanessa, falando no telefone fixo e no celular ao mesmo tempo, organizando a próxima turnê da banda.

- Islândia! – gritou Ruby. – Estamos em quinto lugar na parada indie em Reykjavik!

- Mas que máximo – resmungou Vanessa, verificando o e-mail pela décima vez sexta vez, embora ninguém tivesse mandado mensagem nenhuma. Ela se convencera de que Dan tinha sido rejeitado por cada uma das faculdades a que se candidatara e naquele momento estava a beira da ponte George Washington, escrevendo seu epitáfio antes de saltar. Mesmo que ele tenha entrado para alguma universidade, provavelmente estava passando por um momento de apocalipse pessoal e, nesse exato momento, andava pelado pelo rio Hudson perto do píer para se limpar de todo

carma negativo que drena a criatividade antes de poder escrever novamente.

Se ela fosse sincera consigo mesma, admitiria que não estava tão preocupada assim. Dan era bom aluno e um escritor brilhante. Ele ia entrar para algum lugar. Só o que ela realmente queria era uma desculpa para ligar e falar com ele de novo, porque, desde que viu Dan no parque na segunda-feira, não conseguia parar de pensar nele.

Ela pensou em ligar para Dan com a desculpa de outra entrevista para o documentário, mas isso era obvio demais; só pensar no assunto lhe dava urticária. Ela também pensou em ligar para a irmã de Dan, Jenny, com a desculpa de pedir uma entrevista a ela sobre como era ter um irmão que está prestes a entrar para a universidade. E depois Jenny ia dedurar a Dan que Vanessa ligou e perguntou sobre ele, e talvez Dan ligasse ou mandasse um e-mail para ela. Mas, convenhamos, até que ponto se pode ser tão infantil?

Ruby ainda estava estacionada na soleira da porta, falando ao telefone. Esse era o problema com Ruby dormir na sala de estar e Vanessa ter o único quarto: Ruby tratava o quarto de Vanessa como sala de estar dela.

- Peraí. Chamada em espera. – disse Ruby à pessoas do outro lado da linha. Ela tapou o nariz e fingiu uma voz de telefonista. – Todos os sistemas estão ocupados neste momento... – Ela fez uma pausa. – Ah, oi, Daniel. Poderia telefonar depois? Estou numa ligação importante com a minha banda. Vamos dominar o universo.

Vanessa investiu para o telefone e o arrancou da mão de Ruby.

- Alô? – disse ela com a voz tremula. – Dan? Você está... você está bem?

- To – respondeu Dan, parecendo mais feliz do que ela já ouvira. – Entrei para todas, menos Columbia.

- Caraca! – respondeu Vanessa, absorvendo a informação. – Mas você pode ir para a Brown, né? Quer dizer, você nem mesmo está pensando na NYU ou em outras faculdades?

- Não sei – respondeu Dan. – Tenho de pensar melhor. Os dois ficaram em silêncio por uns segundos. Eles discutiam o óbvio, mas havia mais a discutir, era meio esmagador.

- Bem, aí, meus parabéns. – Vanessa conseguiu declarar, sentindo-se de repente incrivelmente triste. Dan ia para a Brown em Providence, Rhode Island, onde provavelmente ia conhecer alguma magricela de cabelo comprido de Vermont que fazia cerâmica e tocava violão e tricotaria suéteres para ele, enquanto ela ia ficar em Nova York, ia para a NYU e continuaria a viver com a anormal da irmã.

Ruby pegou o telefone da mão dela.

- Oi, Dan, adivinha só? Vou sair em turnê por oito meses com a SugarDaddy. Vamos partir na semana que vem. Por que não se muda para cá? Você e minha irmã podem ter, tipo assim, seu próprio ninho de amor!

Vanessa a encarou. Se deixasse, Ruby ia bagunçar totalmente as coisas da forma mais constrangedora e sem diplomacia possível. Ruby devolveu o fone e Vanessa o segurou a alguns centímetros da orelha. Que merda eu devo dizer agora?

Dan não se opunha a idéia de morar sem a família em um bairro legal como Williamsburg, e morar com Vanessa podia mesmo ser ótimo. Ela podia fazer os filmes dela, ele podia escrever. Podia se como Yaddo – um daqueles retiros para escritores e artistas a que o pai tinha ido nos velhos tempos. Talvez eles até acabassem

voltando e transariam muito o tempo todo, como dizem que todos aqueles artistas e escritores faziam na década de 1970.

Ainda assim, tudo estava acontecendo meio rápido demais.

Ele deu um pigarro

- Vou ter de falar com o meu pai sobre isso. A gente vai num restaurante chinês hoje à noite para comemorar. E se a gente se encontrasse naquela festa na West Street depois?

Vanessa não era o tipo de ir a festas, mas deduziu que Dan tinha motivo para querer comemorar.

- Parece legal – concordou ela.

- Eu vou falar com meu pai sobre esse troço de me mudar. Acho que pode ser meio bacaninha – disse Dan a ela, parecendo ele mesmo meio bacaninha.

Vanessa de repente se sentiu coma a menina daqueles filmes bregas de final feliz que ela sempre odiou. Aquelas que vivem felizes para sempre com o marido adorado em uma casa com cortinas de seda nas janelas em vez de lençóis pretos, como tinham Ruby e ela.

- Bacana – entou ela, embora esta sempre fosse uma das palavras de que menos gostava.

Ela desligou e passou o fone para a irmã, que ainda tagarelava no celular. – Posso pegar umas coisas emprestadas no seu armário? – sussurrou Vanessa.

Ruby ergueu uma sobrancelha para ela e assentiu em silêncio.

Parece que vai ter festa mesmo.

até parece que ela está com humor para comemorar

Blair saiu do elevador e estacou, lendo o cartaz feito à mão colado na porta da frente da cobertura. "É ISSO AÍ, BAIR! ESTAMOS ORGULHOSOS DE VOCÊ!", dizia. Ela empurrou a porta. Mookie, o exuberante boxer castanho e branco de Aaron, veio rebolando e enfiou o focinho úmido entre as pernas de Blair.

- Vai se foder- resmungou Blair. Por um breve momento, ela se perguntou se tinha acontecido um milagre. Talvez seu pai gay que morava na França ou uma outra fada boazinha tenha dado um telefonema a Yale e eles decidiram aceitá-la imediatamente. Não era improvável, mas...

- Serena nos contou o que aconteceu!- gritou sua mãe grávida, balançando pesada no hall do apartamento.- Lista de espera, que preocupação boba. Não sei porque você ficou tão triste, querida. Yale praticamente te aceitou!

Blair tirou o cardigã e o atirou a cadeira antiga no canto. Mookie ameaçou farejar sua entreperna novamente e ela o afastou com um chute.

- Não é assim tão simples, mãe.

A gravidez fez com que o cabelo louro com luzes de Eleanor crescesse super-rápido, e ele caía nos ombros no que Blair achava uma tentativa ridícula de ter a aparência de uma gestante de idade inadequada. Eleanor bateu as mãos cheias de jóias.

- Bem, minha azedinha, de qualquer forma, vamos fazer uma comemoração especial em família. Todo mundo está esperando você na sala de jantar!

Uma comemoração em família. Ah, que bom.

A mesa estava posta com os mais finos cristais e prataria de Eleanor, e ela pediu comida do Blue Ribbon Sushi, o preferido de

Blair. Cyrus e Aaron já estavam festejando com champanhe. Até Tyler, de 12 anos, parecia meio de porre.

- E você pensou que ia acabar na Faculdade Comunitária de Norwalk- disse Aaron enquanto servia champanhe na taça vazia de Blair.- Todos nós sabíamos que você podia fazer melhor do que isso.

Cyrus piscou para ela com um dos olhos azuis de peixe, esbugalhados, injetados e úmidos.

- Yale me rejeitou quando eu me candidatei. Com o tempo eu fiz com que se arrependessem. Se quiser que eu dê um pé na bunda deles por causa de sua solicitação, vou adorar.

Blair deu um sorriso duro. Como se ela quisesse que Yale soubesse que ela e Cyrus tivessem o mais remoto parentesco.

- Não vou para a faculdade- anunciou Tyler, bebericando o champanhe como um executivo.- Vou ser DJ em clubs na Europa toda. E depois vou abrir um cassino.

- É o que veremos.- Eleanor deu uma garfada no sushi Califórnia em seu prato e riu.- O

bebê está com fome de ovo.

Blair teve a sensação de que a mãe ia acabar parecendo uma grávida de 12 meses em vez de sete se continuasse a comer tanto. Ela virou toda a taça de champanhe e pegou uma caixa intocada de sushi. Primeiro ia enfiar a cara naquele sushi de enguia e virar champanhe pela garganta para vomitar até as tripas. Depois ia se encontrar com Nate naquela festa idiota na West Street, mas só por dez minutos, porque ver todo mundo comemorar quando ela nada tinha para celebrar ia fazê-la vomitar ainda mais. E depois ia dormir vendo *Bonequinha de luxo*, o melhor filme de todos os tempos, protagonizado pela maior estrela de todos os tempos. Audrey Hepburn nem fez faculdade, mas ainda era charmosa.

Eleanor pegou o sushi e mordeu como se fosse um cachorro-quente. Ela e Cyrus se conheciam há menos de um ano e só se casaram em novembro, mas Eleanor parecia ter adquirido os hábitos alimentares dele. Ela baixou o que restava do sushi e limpou a boca com um guardanapo de linho branco.

- Agora que estamos todos reunidos, tenho um favor para lhe pedir, meu bem.

Blair desviou os olhos da eguia e olhou para a mãe. Ao que parecia, estava se dirigindo a ela.

Ah, cara.

- Você sabe que falta pouco, então meu médico pensou que seria bom para mim fazer uma aulas de pré-natal, para refrescar minha memória. Eu me matriculei em um curso intensivo. Serão quatro tardes, por duas horas. O caso é que Cyrus está trabalhando no novo projeto nos Hamptons e ele é cheio de melindres com esse tipo de coisa. Você acha que pode ir cmigo, querida? Preciso de um parceiro, e são só algumas horas depois da aula.

Blair tosuiu o resto da enguia no guardanapo e investiu para o champanhe. *Curso pré-*

natal? Que porra é essa?

- Pensei que era Aaron que queria ser médico- reclamou ela.- Porque ele não pode ir?

- Você sempre cuida muito bem da sua mãe- disse-lhe Cyrus.

- Eu teno ensaio da banda.- Como se Aaron pretendesse ser voluntário nisso.

- Eu também- disse Tyler rapidamente.

E Eleanor nem pediu a uma das amigas socialites de meia-idade para ir com ela. Os filhos delas estavam todos em idade universitária, ou quase. Para elas, a gravidez de Eleanor era um constrangimento tremendo e apavorante.

- Tá legal. Eu vou- concordou Blair de um jeito taciturno. Ela empurrou o prato e se levantou. A idéia de falar com eles por mais tempo já lhe dava vontade de vomitar. Além de disso, todo mundo parecia ter esquecido de que deviam estar comemorando.- Com licença. Tenho de me arrumar para sair.

Sua mãe estendeu a mão e passou o braço em volta dela.

- É claro, querida.- Ela deu um aperto na cintura de Blair.- Você é minha melhor amiga.

Como é?

Blair se libertou e escapou direto para seu dito quarto. Pelo menos Georgetown ficava mais distante do que Yale- tinha de ir para lá. E não ia doer ligar o para o número na carta de admissão e agendar uma visita.

Ah, se ela tivesse se candidatado à Universidade da Austrália.

Blair tirou o jeans e a camiseta e fez um esforço desanimado de se arrumar para a festa, vestindo outro jeans mais apertado e mais escuro e uma blusa preta sem mangas. Seus braços pareciam pálidos e frouxos, e ela os beliscou com raiva.

- Oi, mana- disse Aaron do lado de fora da porta.- Posso entrar?

Blair revirou os olhos para o reflexo no espelho do quarto.

- Até parece que vou poder te impedir- respondeu eela infeliz.

Aaron abriu a porta, usando a camisa de Harvard como o babaca que era. Era meio uma tradição usar uma peça da roupa da faculdade para onde você iria logo depois de descobrir que tinha entrado, mas Aaron sabia disso meses antes.

- Achei que a gente podia ir na festa juntos.

- Tá legal.- Blair suspirou.- Estou quase pronta.- Ela pegou um bastão de delineador Chanel e traçou uma linha cinza-escura embaixo de cada olho. Depois passou um pouco de brilho labial MAC Ice e correu os dedos pelos cabelos. Pronto. Acabou.

- Não vai com a camiseta de Yale?- perguntou Aaron, vendo como Blair procurava debaixo da cama um par de sapatados adequados. - Não vou dizer a ninguém que você está na lista de spera.

- Cara, brigadão- respondeu Blair enquanto enfiava os pés em um par de mocassins Coach pretos sem salto. Ela puxou a porta, deixando-a totalmente aberta, e marchou pelo corredor, sem querer se importar se o jeans apertado deixava ver o volume de sua alcinha de algosão embolada em cima da bunda.

Lá se foi o tempo de se produzir para o sucesso!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

**COMO SAIR DA LISTA DE ESPERA E ENTRAR PARA A
UNIVERSIDADE DE**

SUA PREFERÊNCIA

Faça uma greve de fome na frente do escritório de admissão.

Faça o teste SAT *de novo* e tenha uma pontuação perfeita.

Aprenda a tocar *Yankee Doodle* no violino e faça uma serenata para o escritório de admissão até que eles te implorem para entrar, desde que você pare de tocar.

Compre mais sapatos do que Imelda Marcos, entra para o *Guinness*, escreva suas memórias contando tudo e ganhe o Prêmio Pulitzer de literatura.

Use o American Express platinado para comprar para o sub-reitor da admissão aquele novo BMW conversível que todos os seus amigos querem de presente de formatura.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Conheci um cara há um tempinho numa festa em Nova York. Ele me convenceu totalmente que ia para Georgetown no ano que vem e seria capitão do time de lacrosse.

Ele ia manter o barco dele em algum lugar por perto e a gente ia velejar para a Flórida juntos nas férias de primavera. Eu nunca soube dele novamente, e agora acho que ele nem se candidatou.

-brokenhrt

R: Cara brokenhrt,

Imagino que ele deve ter encontrado outro porto para atracar o barco. Sinto muito.

-GG

P: Prezada GG,

Ouvi falar muito que aquela loura burra da Constance entrou para todas porque dormiu com todos os entrevistadores.

-beast

R: Caro beast,

Não sei se estamos falando da mesma loura da Constance. Mas talvez ela seja muito mais inteligente do que todo mundo pensa.

-GG

P: Cara GG,

Como você e todo mundo sabe, trabalho no escritório de admissão do Dorna B. Rae College for Women em Bryn Mawr, na Pensilvânia, e ainda estamos aceitando inscrições.

Venha nos conhecer!

-camil

R: Cara camil,

Boa tentativa. Com toda certeza vou cuidar para que **B** saiba disso, e todos os outros que estão desesperados de verdade.

-GG

Flagra

N e os amigos comemorando as admissões na varanda da casa dele. Quem passava por ali ficava doidão por tabela. Aquela ex-namorada de **N** de **Greenwich**- vocês se lembram, a herdeira maluca e viciada?- está em um conveno na **Suécia**, "reformando-se". **J** tendo uma consulta de maquiagem gratuita no balcão da **Clinique** na **Bloomingdale's SoHo**. É

importante saber o tamanho dos seus poros e que tipo de esfoliante usar antes de virar uma supermodelo famosa. **V**, também na Bloomingdale's SoHo, sendo reformada por um travesti glamuroso no balcão da **MAC**. Algum encontro quente à noite? **S** no caixa eletrônico enchendo de dinheiro uma bolsa **Birkin** de crocodilo rosa-shoking. Pagando aos escritórios de admissão de todas as universidades que tentou?

Fazendo uma contribuição de caridade? Comprando um presente de "eu entrei" para si mesma em uma das lojas exclusivas do **Distrito da Carne** que só aceitam pagamento em espécie? **D** com o pai em uma loja de bebidas na Broadway, comprando uma garrafa de Dom. Esse é o pai orgulhoso. E **B** devolvendo uma roupa-de-boa-sorte ao departamento de lingerie da **Barneys**. Imagino que tenha concluído que está com azar.

Acho que tenho de comemorar eu mesma algumas cartas de admissão.

Te vejo na festa de hoje!

Para você que me ama,

gossip girl

n tem uma coisa a confessar

O True West era um daqueles lugares que parecem estalando de novo toda noite, mas também era um clássico, podia existir desde sempre. As paredes eram revestidas de espelhos com os cardápios de bebidas e pratos especiais escritos em lápis de cera laranja.

Banquetas de couro em forma de sela de cavalo se espalhavam casualmente pelo salão de jantar, e em cada mesa uma pele de cervo falsa servia de toalha. Garçons vestidos com túnicas de brim e botas de pele de cobra turquesa Dries van Noten levavam coquetéis em bandejas laranja de cafeteria. Uma estranha música japonesa vagava pelo ar, e atrás do bar havia uma parede de vidro pintado de laranja dando para o rio Hudson.

A não ser pelas botas de combate pretas e surradas, mal se reconhecia Vanessa em uma saia de couro falso preta e blusa preta e vermelha com estampa de zebra. Graças ao travesti legal do balcão da MAC da Bloomingdale's SoHo, sua boca estava pintada de vermelho e as sobrancelhas tinham sido tiradas pela primeira vez na vida. Ela parou em um banco na extremidade do bar e apoiou a câmera no ombro.

A festa tinha um vibe vertiginoso do tipo primeiro-dia-de-aula. Meninas com camisetas iguais da Universidade de Boston guinchavam e se abraçavam. Meninos com suéteres da Brown se cumprimentavam batendo a palma da mão. Vanessa observava-os em silêncio, esperando que um deles se aproximasse e se prontificasse a dar uma entrevista.

- Acho que tenho uma coisa a dizer - anunciou um cara extraordinariamente bonito usando calça cáqui e uma camisa branca. Ele colocou o gim-tônica Tanqueray no balcão do bar e se sentou ao lado de Vanessa. - Quer que eu diga meu nome e para que faculdade eu vou, essas coisas? - perguntou ele.

Vanessa apontou a câmera para os olhos injetados mas ainda verdes e brilhantes dele.

- Só se você quiser - respondeu ela. - Só me fala um pouco de como foi o processo de admissão para você.

Nate bebeu um gole do drinque e olhou pela vidraça pintada de laranja. Do outro lado do rio, aviões circulavam pelo aeroporto de Newark.

- O engraçado é que eu não estava estressado até agora. - admitiu ele. Ele pegou um Marlboro Light do maço que alguém deixara para trás e o rolou pelo balcão do bar. - E a idiotice disso é que eu não devia ficar estressado. Eu devia estar comemorando.

Ele olhou para a câmera e depois desviou os olhos, sem graça. Atrás dele as banquetas estavam se enchendo, e de repente a música ficou tão alta que ele mal podia ouvir os próprios pensamentos.

- Não sei por que eu não contei a ela que me candidatei. - murmurou ele.

- Quem? - orientou Vanessa. - Pra onde?

- Minha namorada - explicou Nate. - Ela... ela realmente quer ir pra Yale. Tipo assim, é a coisa mais importante da vida dela. Eu me inscrevi lá porque eles têm um novo treinador de lacrosse que tirou os caras de uma porcaria de segunda divisão e levou o time para a primeira divisão em menos de um ano. De qualquer forma, descobri que entrei e ela só ficou na lista de espera. Eu nunca contei a ela que me candidatei, e acho que estou meio com medo de contar que consegui entrar. Quer dizer, a gente acaba de voltar. E, se eu contar a ela, ela vai terminar comigo de novo.

Ele esperou que Vanessa respondesse. Como não respondeu, ele pegou o drinque.

- Os treinadores de Yale e da Brown vão aparecer neste fim de semana pra me ver jogar.

A Blair vai a Washington dar uma olhada na Georgetown, então por sorte não vou ter de mentir a ela sobre os treinadores e estas coisas. - Nate apoiou os cotovelos e deixou que o queixo tombasse nas mãos.

É meio chato ser mentiroso, né não?

De repente o cheiro familiar de uma certa mistura de óleo essencial de patchouli encheu as narinas dele.

- Conseguimos, Natie! - disse Serena baixinho enquanto atirava os braços no pescoço de Nate. Seu cabelo louro-claro estava empilhado no alto da cabeça e ela usava um poncho diáfano com fios de ouro sobre um jeans branco.

Uma mistura de showgirl de Las Vegas com The OC.

Nate a beijou no rosto e tentou parecer tão siderado quanto devia.

- Epa. - Serena deu um sorriso, entendendo de imediato. - Blair terminou com você de novo?

- Ainda não. - Nate estava prestes a explicar tudo, mas Blair saiu do elevador na outra extremidade do restaurante enorme, olhando com raiva para as costas de Serena enquanto se aproximava.

Ema uma das banquetas, um grupo de veteranas da Constance Billard começou a cochichar.

- Ouvi dizer que Blair escreveu aquele roteiro imbecil em vez de um ensaio para a candidatura a Yale. a Srta. Glos disse a ela para mudar, mas ela mandou assim mesmo, e foi por isso que não entrou - disse Nicki Button à amiga Rain Hoffstetter. Rain e Nicki iam para a Vassar juntas no ano seguinte e não conseguiam parar de se olhar e gritar.

- Eu soube que Blair escreveu o ensaio de Serena para Yale por ela. Foi por isso que ela ficou tão puta da vida. Ela conseguiu que Serena entrasse, mas ela mesma só ficou na lista de espera - disse Isabel Coates à melhor amiga, Kati Farkas. Kati e Isabel ingressaram em Princeton e ela já estava usando a camiseta da universidade. A idéia de se separarem era tão aflitiva que eles não largavam a mão uma da outra.

- Bem, eu soube que Serena tirou 1560 no teste SAT. Ela finge que é meio doida e burra, mas é tudo uma tremenda cascata. É assim que ela consegue sair tanto e não estudar nunca. Ela não precisa - declarou Kati com inveja.

- Do que vocês estavam falando? - perguntou Blair quando chegou ao ponto do bar onde Serena e Nate estavam sentados. Ela acabara de chegar, mas já odiava a festa. Odiou ver quanta gente estava usando as camisetas idiotas de universidade, odiou a música country japonesa de bicha que berrava dos autos-falantes laranja idiotas Bose pendurados acima do bar e odiou que Serena estivesse conversando com Nate daquele jeito íntimo de mão-no-ombro-dele que usava sempre que falava com os meninos.

- Nada! - responderam Serena e Nate em uníssono.

Serena girou no banco do bar.

- Ainda está puta comigo?

Blair cruzou os braços.

- Como é que não está usando a camiseta de Yale? Ah, é verdade. Você entrou, mas provavelmente não vai - acrescentou ela sarcasticamente.

Serena deu de ombros.

- Sei lá. Vou visitar um monte de lugares neste fim de semana. Espero que isso me ajude a decidir.

As axilas de Nate ficaram molhadas. Ele saiu do banco do bar, pôs as mãos nos ombros de Blair e a beijou na testa.

- Você está linda. - Ele fez uma tentativa de distraí-la do assunto de Yale.

- Obrigada - disse Blair, embora soubesse que na verdade parecia um patricinha careta que nunca se divertia. Nem estava de brinco, pelo amor de Deus! No outro extremo do balcão, um grupo de garotas com camisetas verdes de Dartmouth diante de uma fila de copos de vodka. - Daqui a dez minutos eu vou embora. Amanhã tem aula.

Até parece que isso a impediu de ir para a balada antes.

Nate a beijou na têmpora. estava ansioso para afastá-la de Serena antes que Serena inocentemente deixasse escapar que ele também tinha entrado para Yale.

- Quer ver o pôr-do-sol ou coisa assim? - sugeriu ele de um jeito pouco convincente.

- Tanto faz - respondeu Blair, mantendo os braços teimosamente cruzados.

- Não liguem para mim. - Serena girou o banco até ficar de frente para Vanessa. - Tá legal, gata, estou pronta para meu close.

Vanessa não precisou ajustar nada. Estava filmando o tempo todo.

ela perdeu aquele jeito de apaixonada

- Então parece que eu devia ficar feliz - declarou serena.

Vanessa seguiu com a câmera pelo rosto impecável de serena e depois deu uma panorâmica, procurando um defeito físico ou um cacoete estranho de personalidade para dar um zoom. Não conseguiu encontrar nada. E então Serena colocou a unha do polegar na boca e começou a roer.

Arrá!

Ela tirou o polegar e franziu a testa.

- Eu sou feliz - insistiu ela, como se tentasse se convencer. - Entrei para todas as universidades em que me inscrevi. Eles nem se incomodaram de perguntar por que fui expulsa do internato este ano. Eu só... - A voz falhou quando ela viu um rapaz e uma garota, os dois vestidos com camisetas da Middlebury, namorando perto dos elevadores.

Ela suspirou. - Eu só queria ter alguém que comemorasse comigo.

A música de repente mudou de country japonês para as batidas peculiares do novo disco dos Raves. Dois caras com bonés de beisebol da Universidade da Pensilvânia e gravatas amarelas tiraram a camisa, viraram o boné para trás e começaram a dançar break. Depois quatro meninas bêbadas agitando flâmula das Vanderbilt tiraram as próprias blusas e começaram a tentar dançar break também, muito mal.

- Antigamente eu dançava em cima das mesas - confessou Serena, parecendo uma cantora de cabaré de meia-idade, melancólica e fracassada. - Agora, olha só para mim.

É claro que uns noventa e nove por cento dos homens do salão estavam mesmo olhando para ela enquanto tentavam bolar uma desculpa boa o bastante para levá-la para dançar.

Além dos rapazes, uma caloura baixinha, de cabelos crespos e peitos grandes, estava avaliando Serena como se pensasse em

como ia se aproximar dela.

Jenny e Dan tinham acabado de chegar, deixando o pai emocionado alimentando a nostalgia com uma garrafa de vinho branco doce no restaurante chinês favorito da família no Upper East Side. Eles estavam na frente da porta do elevador, sondando o ambiente.

- Eu te avisei que ia ser irritante - disse Dan à irmã mais nova. Normalmente Dan odiava festas, e esta em particular devia tê-lo irritado ao máximo, mas ele estava se sentindo totalmente satisfeito consigo mesmo e a festa era o lugar perfeito para este estado de espírito.

Mas Jenny só tinha olhos para Serena.

- Não se preocupe, posso lidar com isso - respondeu ela. Puxando para cima o top de estampa de tigre, ela abriu caminho pelo salão lotado, seguindo direto para o bar.

- Se eu tivesse sido rejeitada - tagarelava Serena -, eu podia trabalhar mais como modelo.

E talvez como atriz também.

Jenny se curvou no bar enquanto esperava por uma oportunidade de pedir a Serena um conselho sobre como entrar na carreira de modelo. Todo o seu corpo tremia de expectativa e ela se sentia boba por ficar tão nervosa.

Dan só seguiu Jenny porque estava preocupado que ela pedisse algum tipo de coquetel venenoso e precisasse ser levada para casa antes que Vanessa sequer tivesse chegado. E

aí ele percebeu que Vanessa já estava bem ali, com a câmera apoiada no ombro enquanto entrevistava Serena para o filme.

Os lábios dela estavam pintados de vermelho-escuro, tinha uma cobra prateada presa na orelha e uma saia preta justa nas coxas. O top vermelho e preto meio que escorregava nos ombros nus, expondo a pele branca como maçã de uma forma que Dan nunca vira antes.

Pelo menos, não em público.

Sem parar para pensar, ele abriu caminho pela pista de dança, chegou por trás de Vanessa e a beijou no pescoço. O rosto pálido de Vanessa ficou rosado e ela girou no banco do bar, quase deixando cair a amada câmera.

- Não que eu tenha de ir para a faculdade agora... - Serena parou no meio da frase, olhando enquanto Vanessa e Dan se apalpavam como animais no cio, famintos por sexo.

Corta!

Jenny decidiu agir. Esbarrou o ombro no quadril de Serena, esperando dar a impressão de ter encostado nela por acidente.

- Oi. E aí, parabéns e essas coisas - disse ela de forma apressada e desajeitada. - Essa saia é mesmo bacana.

Se Serena fosse Blair ou outra veterana, podia ter dispensado Jenny com um "Obrigada"

seco enquanto se perguntava o que essa calourinha irritante estava fazendo numa festa pós-ingresso-na-faculdade de veteranos. Mas Serena nunca dispensava ninguém. Era uma das coisas que a tornavam tão irresistível, ou tão intimidadora, dependendo de quem você fosse e do desespero com que a quisesse. Além disso, por acaso, Jenny era do grupo de discussão do primeiro ano que Serena liderava com Blair, então não era como se fossem totalmente estranhas uma com a outra.

Jenny estava com um novo corte de cabelo, com algumas mechas retas e uma mecha crespa que vinha até o queixo. O cabelo era escuro e os olhos castanhos eram grandes e redondos. O corte combinava com ela.

- Adorei seu cabelo! - Serena deslizou do banco para que Jenny não fosse a única de pé. -

Parece aquela modelo dos anúncios da Prada.

Os grandes olhos castanhos de Jenny quase saltaram da cabeça.

- É mesmo? Obrigada. - Ela arfou, sentindo como se tivesse sido atingida no ombro por uma varinha de condão.

O bartender apareceu e Serena pediu duas taças de champanhe.

- Não se importa de beber comigo, não é? - perguntou ela a Jenny.

Jenny estava pasma. Se importar? Era uma honra completa. Ela passou o dedo pela borda da taça de champanhe.

- E aí, tem feito alguma coisa como modelo? - perguntou ela. - Gostei muito do perfume que você fez.

Serena deu uma piscadela e bebeu um gole do champanhe. Dois meses antes, o estilista Les Best pedira a ela para estrear uma campanha publicitária para o novo perfume, e ele chegou a batizar o perfume de Lágrimas de Serena. No anúncio, Serena estava chorando em uma passarela de madeira no Central Park, usando um vestido amarelo de verão no frio mortal do inverno. Ao contrário do que se acredita, as lágrimas em seu rosto foram inteiramente reais. O anúncio fora fotografado no momento em que o meio-irmão vegetariano de Blair, Aaron Rose, o das trancinhas rasta, tinha terminado com ela; naquele exato momento as lágrimas começaram a cair.

- Na verdade, acho que vou tentar atuar - respondeu ela.

Jenny assentiu ansiosa.

- Eu simplesmente adorei como você ficou tão real na propaganda. Tipo assim, é claro que você estava maravilhosa, mas, tipo assim, não teve retoque, nem maquiagem nem nada.

Serena riu.

- Ah, meu Deus, eu estava suando maquiagem pra caramba... sabe aquela coisa bege e grossa que eles passam em toda a cara da gente? E eles retocaram totalmente porque eu estava arrepiada. Eu estava congelando lá!

As luzes do bar se apagaram por um minuto e todos gritaram. Depois se acenderam novamente. Jenny continuou tranqüila, ansiosa para dar a impressão de que ia o tempo todo a festas descontroladas como essa.

- Sinceramente - declarou Serena, aliviada por dar um tempo nas ruminções sobre seu futuro incerto. - Qualquer uma pode ser modelo. Desde que tenha o visual certo para as fotos.

- Acho que sim - respondeu Jenny em dúvida. Era fácil para Serena dizer que qualquer uma podia ser modelo quando ela era dotada de pernas de girafa, um rosto lindo, olhos azul-escuros maravilhosos e um cabelo louro, luxuriante e louro natural. - Mas como saber se você tem o visual certo?

- Você vai a uma coisa chamada go-see - explicou Serena. Ela esvaziou a taça de champanhe e pegou um maço de cigarros Gauloises na bolsa Dior de lamê dourado.

Segundos depois o bartender encheu sua taça novamente e acendeu seu cigarro.

É como dizem por aí: Beleza = Comodidades.

- Olha, se estiver interessada posso dar uma olhada e te apresentar a umas pessoas que conheço - sugeriu Serena.

Jenny a encarou com os olhos castanhos enormes, sem ter certeza se tinha entendido direito. Apesar de ser exatamente o que ela queria que Serena dissesse, era quase bom demais pra ser verdade.

- Quer dizer, para ser modelo? Eu?

Exatamente nesse momento Serena foi distraída por um murmúrio vindo de trás.

- Hmmmm, ei, gente - gritou ela sobre o ombro de Vanessa e Dan.
- Tem uns quartos e essas coisas lá embaixo, sabiam?

- Eu sempre pensei que eu era baixa demais - insistiu Jenny, preocupada que Serena estivesse perdendo o fio da meada.

- De jeito nenhum. Você será ótima - garantiu Serena. - Vou ligar para umas pessoas e depois te mando um e-mail. Tá legal?

- Jura? - gritou Jenny irrefletidamente. Ela nem acreditava que isso estava acontecendo.

Ia ser modelo! Ela baixou a taça de champanhe no balcão do bar. Mas agora havia muito trabalho a fazer. Tinha de fazer as mãos e os pés, tirar as sobrancelhas, depilar o buço, talvez até fazer as luzes com henna que ela sempre quis.

- Não vai terminar? - perguntou Serena, apontando para a taça de Jenny.

Jenny sacudiu a cabeça, sentindo-se de repente totalmente deslocada.

- Tenho de ir para casa e me preparar - gaguejou ela. Depois se colocou na ponta dos pés e deu um beijo no rosto de Serena. - Obrigada. Muito, muito obrigada mesmo!

Serena sorriu para a menina mais nova com benevolência. Então sua melhor amiga estava irritada com ela e Serena não estava apaixonada? Pelo menos podia ter algum prazer ajudando Jenny.

Assim que Jenny saiu, os meninos do primeiro ano da Riverside Prep se reuniram atrás do banco de Serena, provocando-se mutuamente a convidá-la a descer para um dos quartos do hotel.

- Cara, ela é uma gata. Como é que nem tem namorado? - murmurou um deles.

- Por que não pergunta a ela? - respondeu o amigo.

- Por que não pergunta você? - disse um terceiro.

Mas eles eram idiotas demais, ou covardes demais, ou estavam humilhados demais pela beleza de Serena e sua suposta inteligência para sequer se aproximarem. Serena pegou o que restava da taça de Jenny e a verteu em sua própria taça.

Não é nada divertido ser linda quando nem os manés vão falar com você.

eles só querem tirar a roupa

- Nem acredito que isto esteja acontecendo - disse Vanessa em voz baixa pela trigésima vez naquela noite. Ela e Dan não pararam de se beijar desde que ele se aproximou dela no bar e a beijou no pescoço, e agora eles estavam tirando as roupas um do outro em um dos quartos do Pier Hotel, embaixo do restaurante. Ela queria dizer a ele como tinha sentido saudade e como fora uma idiotice eles pararem de se falar. E embora o sexo em um quarto de hotel

assim tão perto da formatura fosse brega e um clichê, parecia a melhor coisa do mundo.

Os quartos do Pier tinham janelas redondas dando para o Hudson, âncoras de ferro batido penduradas nas paredes e carpete verde-mar. O sabonete, o xampu e a loção corporal de cortesia no banheiro eram todos de algas marinhas, e os lençóis da cama eram de um azul-mar clarinho. Ventiladores de teto de aço escovado giravam sem parar, esfriando o que estava para se tornar uma noite muito quente.

Dan tirou o cinto da calça e o atirou serpenteando pela sala. Estava bêbado de felicidade e excitado como o diabo. Jogando-se na cama, ele pulou nela algumas vezes.

- Uuuu! - gritou - Uuu-huuu!

Vanessa o pegou pelos joelhos e ele caiu em cima dela, segurando a saia e arrancando-a pela cabeça de Vanessa.

- Cara! Eu sobrevivi! - gritaram uns bebuns imbecis. Na porta ao lado, um bando de rapazes com camiseta da Bowndoin e Bates estavam envolvidos nos jogos idiotas de birlita enquanto viam uma partida dos Nets na TV.

- Se a gente morasse junto, podia fazer isso todo dia - sugeriu Dan enquanto Vanessa desabotoava o sutiã de renda preta.

Vanessa atirou o sutiã no chão e cruzou os braços sobre o peito nu.

- já perguntou a seu pai?

- Já - respondeu Dan, feliz. - Ele disse que está tudo bem. Mas se minhas notas caírem e eu não jantar com ele e a Jenny pelo menos duas vezes por semana, vou ter que voltar pra casa. - Ele empurrou os braços de Vanessa e mergulhou de cabeça em seu peito.

Vanessa abraçou a cabeça desgrenhada e fechou os olhos. Só havia

bebido uma Coca naquela noite, mas a cama ainda estava girando. Ela e Dan estavam apaixonados novamente. iam morar juntos. Podiam até ir para a NYU juntos. Era quase perfeito demais para acreditar.

E quantas vezes na vida as coisas ficam nessa perfeição?

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Adoro como metade da turma do terceiro ano está ausente da escola hoje. Também queria assinalar uma coisa que vocês podem ter deixado passar na libertinagem de ontem à noite. Alguém - na verdade, um conhecido nosso desde o jardim-de-infância - estava patentemente ausente nos procedimentos de ontem. Eis o motivo.

O CARA QUE NÃO ENTROU PARA LUGAR NENHUM

Ele sempre foi tão convencido com tudo que ninguém tinha a mais leve dúvida de que ia entrar para a universidade que quisesse. Nunca ocorreu a nenhum de nós que este arrogante podia ofender tanto os professores que eles se recusaram a dar recomendações; que o jeito exagerado de se vestir sou-um-modelo-desembestado e as sugestões de que a família dele comprar a faculdade que ele decidira freqüentar podiam desanimar completamente os entrevistadores; que ele era convencido demais, ou preguiçoso demais, ou as duas coisas para fazer o SAT mais de uma vez; ou que ele tinha mandado as solicitações com um vídeo dele mesmo exagerando na representação de um musical interescolar que ele nem protagonizou, em vez de mandar um ensaio.

E então ele foi rejeitado. Não quatro ou cinco vezes, mas nove vezes. Nove rejeições. Ai!

Até o pior nojentinho merece alguma solidariedade por isso. Mas tenho certeza de que ele vai descobrir um jeito de engambelar e entrar para algum lugar. Ele sempre faz isso.

Seu Email

P: Cara GG,

Sou administradora de uma universidade de prestígio da costa leste e estou indo a Nova York neste fim de semana para conhecer um aluno em potencial. Nossa universidade quer que ele vá no próximo outono, então é obrigado que eu cause uma boa impressão. Espero que não se importe se eu perguntar, mas o que você mais valoriza numa universidade? E, mais importante, que roupa eu devo usar neste fim de semana?

-adminchik

R: Cara adminchik,

Eu fiz entrevistas em muitas faculdades para não querer levar sua pergunta a sério, se é que eu tenho de fazer isso. Tem batata frita nos refeitórios da sua universidade? Se quer saber, isso é muito importante. Quanto ao que vestir enquanto estiver cortejando esse candidato altamente desejável, o laranja é o novo pretinho básico.

-GG

Flagra

N acompanhando **B** na saída do True West enquanto o resto de nós só estava começando a festa. **S** dançando sozinha na mencionada festa – embora eu tenha certeza de que o grupo de caras atrás dela preferisse pensar que estava dançando com ela. **J** abastecendo-se de esmalte de unha, kits de depilação e henna na Duane Reade 24 horas da Broadway. **V e D** cambaleando para fora do Pier Hotel hoje de manhã, bem a tempo para a aula. **C**, com o macaco, bebendo sozinho na varanda de seu apartamento no Sutton Place. A gente até podia sentir pena dele, se não fosse tão impossível sentir pena dele.

Êpa, tocou a sineta. Depois tem mais!

Pra você que me Ama

gossip girl

Olha quicando aí

Jenny sempre foi elogiada por sua excelente caligrafia e cópias detalhadas e precisas das grandes obras dos artistas clássicos. A conveniência de ser artista e boa copiadora era que ela podia falsificar bilhetes, como este de seu pai pela manhã sobre uma suposta

“consulta com o alergista” no centro. Ela fungava grotescamente enquanto o entregava “ à professora de matemática, a Srta. Hinckle. Nos fundos da sala, Elise enfiou o cabelo louro-avermelhado e grosso atrás da orelha e fingiu não ouvir.

-Da próxima vez, procure marcar suas consultas para depois da aula – instruiu a Srta.

Hinckle, largando o bilhete na mesa. Ela acenou para Jenny ir. – Agora chispa.

-Obrigada – respondeu Jenny timidamente. A Srta. Hinckle era velha e tratava todas as meninas como suas netas, batendo bolos de aveia para elas e fazendo-lhes cartões de Natal e maçãs carameladas. Jenny se sentiu meio mal de tirar vantagem da professora gentil, mas sua carreira estava em jogo. Isso era importante!

O Go-see sobre o qual Serena tinha mandado um e-mail ia acontecer em um estúdio fotográfico na rua 16 Oeste. Um bando de louras magras e altas fazendo beicinho fumava cigarros na calçada. Modelos, pensou, Jenny, tentando não se sentir intimidada.

Ela tocou a campainha do estúdio do terceiro andar e a porta se abriu eletronicamente para um espaço escuro que parecia meio uma doca de carga com um elevador revestido de aço corrugado. Jenny entrou no elevador e apertou 3, tentando não se sentir tão apavorada como de fato estava.

-Olá? – Uma mulher alta de queixo pontudo com uma boina de couro branco, short de couro preto e botas de camurça branca até o joelho recebeu Jenny enquanto ela saía do elevador.-Está Perdida?

Jenny percebeu que devia ter trocado o uniforme da Constance, mas agora era tarde demais.

-Estou aqui para o go-see? – Ela ainda não tinha certeza do que era um go-see, mas certamente parecia cool.

- Ah. – A mulher olhou para Jenny de cima a baixo. –Posso ver seu book?

Jenny olhou para a bolsa com os livros.

- Meu book?

A mulher olhou de novo de cima a baixo e apontou para uma cadeira vazia entre duas modelos louras que pareciam entediadas.

- Sente-se. Vou chamar quando ele estiver pronto. – Depois ela entrou por trás de uma tela branca, onde Jenny pôde ver um flash de câmera lampejando e as sombras de corpos se movendo pela sala. De repente uma cacofonia de risos histéricos irrompeu do teto do estanho do estúdio, dando arrepios em Jenny.

Ela olhou para a garota ao lado. Estava mascando chiclete e as pálpebras desabavam como se estivesse passado a noite em claro. Jenny desviou os olhos e tentou deixar as pálpebras caídas da mesma forma cool e afetada, mas seus globos oculares ficaram se revirando na cabeça. Mais para A noite dos mortos-vivos do que para modelo cool e entediada.

A mulher de boina saiu de detrás da tela.

- Você. – Ela apontou para Jenny.

Jenny corou e olhou como quem se desculpa para as outras garotas que tinham chegado antes dela. Depois seguiu a mulher para trás dela.

O estúdio do outro lado da tela tinha paredes de tijolos aparentes pintados de branco e um piso de madeira. No meio da sala havia uma chaise longue de veludo vermelho parecendo antiga, e em volta do móvel refletores em tripés e telas reflexivas prateadas já instaladas.

-Tire o suéter e deite-se – ordenou um homem atarracado num um cavanhaque louro, já semicerrando os olhos para ela através de uma câmera Polaroid.

Com o coração aos saltos, Jenny baixou a bolsa e dobrou o cardigã em cima dela. Depois se sentou na beira da chaise longue de

veludo vermelho, envergonhada de como seus joelhos nus eram pálidos e nodosos na luz impiedosa.

- Deitar?

- De costas – dirigiu o fotografo, ajoelhando-se diante dela só a alguns centímetros de distância.

Deitar de costas? Ela não podia fazer isso, não com apenas o sutiã de algodão de sustentação moderada que estava usando. E se acontecesse uma coisa horrível com os peitos, e se cada um dos enormes seios escapasse pelas costelas e nas axilas, deixando-a completamente deformada?

Ela recusou na chaise longue e apoiou-se nos cotovelos em uma posição que concluíra que era comparável a se deitar.

Isso deixou os peitos dela apontando ainda mais para fora.

- Está bom – murmurou o fotografo, batendo a Polaroid que ele já baixara para o chão e arrastando-se para ela para tirar outras fotos.

Jenny juntou as pernas com firmeza para que ele não pudesse ver a calcinha.

- Que tipo de expressão eu devo fazer?

- Não importa – reespondeu o homem enquanto batia mais fotos. – Só mantenha os ombros para trás e o queixo erguido.

Os braços de Jenny estavam começando a tremer do esforço, mas ela não ligou. O

fotografo parecia gostar dela. Estava tratando Jenny como uma modelo de verdade.

- Muito bem. Acabamos – disse ele por fim, levantando-se. – Qual é o seu nome mesmo?

- Jennifer – respondeu Jenny. – Jennifer Humphrey.

O homem assentiu para a mulher de boina e ela rabiscou alguma coisa num bloco.

- Posso ver as fotos? – perguntou Jenny, apontando para as Polaroids alinhadas no piso de madeira. Cada uma delas estava coberta por um filme plástico que tinha de ser destacado para que se visse a imagem.

- Desculpe, meu bem, aquelas são minhas – disse-lhe o fotografo com o sorriso de quem está se divertindo. – Quero ver você aqui no domingo que vem. Às dez da manhã.

Entendeu?

Jenny assentiu ansiosamente e vestiu o suéter. Não tinha muita certeza, mas parecia que tinha acabado de ser contratada para uma sessão fotográfica!

Ou pelo menos parte dela tinha sido contratada.

- E aí, para o que era o go-see? – perguntou Serena quando Jenny a viu no grupo de discussão durante o almoço naquele dia. – Desculpe por eu não ter levantado mais informações. Minhas amigas modelos são muito idiotas nessas coisas.

Jenny pôs a mão na boca.

-Eu me esqueci totalmente de perguntar. Mas foi ótimo. Todo mundo foi muito legal comigo, como se eu fosse uma modelo de verdade e tudo.

- Tá legal, mas você deve descobrir para o que eram as fotos – aconselhou Serena. – Uma garota que eu conheço achava que estava fazendo um comercial de chiclete e no fim das contas era

para absorventes higiênicos. Acho que ela confundiu Carefree com Stayfree.

Jenny fez uma careta. Absorventes higiênicos? Ninguém falou nada de absorventes.

- E não deixe o estilista te vestir com nada que não seja confortável. Sei que o anúncio da Les Best é bom, mas qual é, um vestido leve em pleno inverno? Fiquei doente por três semanas depois disso – acrescentou Serena.

O resto das meninas do primeiro ano do grupo de discussão riu educadamente. Elas adoravam ouvir as histórias de modelo de Serena, mas estavam superinvejosas de Jenny e não queriam estimulá-la. Como é que a menina mais baixinha da turma, aquela com cabelo crespo e castanho e os peitões ridículos, agora era, tipo assim, modelo? Não fazia sentido nenhum.

- Aposto que é para um catálogo de sutiã tamanho jumbo e ela é idiota demais para saber

– cochichou Vicky Reinerson para Mary Goldberg e Cassie Inwirth.

- Tenho certeza de que é só para uma coisa básica, tipo suco de laranja – garantiu Cassie a Jenny tentando manter a cara séria.

Elise também estava com inveja, mas tentava ao Máximo não demonstrar.

- Cade Blair? – perguntou ela a Serena numa tentativa de mudar de assunto.

Blair era líder do grupo de discussão junto com Serena. Serena deu nos ombros.

- Não sei. Ela está meio puta comigo agora.

Mary, Cassie e Vicky se cutucaram debaixo da mesa. Elas adoravam ser as primeiras a descobrir sobre as brigas de Serena e Blair.

- Eu soube que Blair não entrou em nenhuma das universidades em que se inscreveu. O

pai dela vai mandá-la para a França logo depois da formatura para ela trabalhar para ele –

anunciou Mary.

Serena deu de ombros de novo. Ela sabia, por experiência própria, como as histórias se distorciam e da velocidade com que os boatos se espalhavam. Quanto menos falasse, melhor.

- Quem sabe o que ela vai fazer?

Jenny ainda estava ruminando a história do absorvente.

Será que realmente ligava se a sessão de fotos do fim de semana fosse para uma coisa nada legal, tipo comida congelada ou creme para espinhas? Pelo menos era um começo.

Até que ponto iria para ser descoberta?

- Deixa de ser tão paranóica – sibilou Elise para ela, embora elas não estivessem se falando. Desde que ficaram amigas dois meses antes, Elise tinha uma misteriosa capacidade de ler os pensamentos de Jenny.

Irritante é pouco.

Jenny olhou para Serena. A veterana etereamente linda já teve uma parte indizível do corpo clicada por dois fotógrafos famosos, e a imagem andou pela lateral dos ônibus e no teto de táxis por toda a cidade. Era uma das coisas que tornavam Serena a garota mais

cool de toda a cidade, ou talvez de todo o universo! Um anúncio de absorvente era o mesmo tipo de coisa.

Mais ou menos.

As coisas que ninguém precisa saber

- Esqueça seus peitos moles, os tornozelos inchados, as marcas de tensão. Imagine que suas nádegas são balões que estão sendo desinflados. Vamos lá. Solte o *aaaaaaarrrr*.

Blair recusava-se a imaginar qualquer uma dessas coisas. Já era bastante ruim ficar deitada no chão com um bando de grávidas de meias com chulé, todas mugindo feito vacas – não havia necessidade de degradar ainda mais a situação envolvendo sua bunda.

No chão, à direita dela, a mãe de Blair deu uma risadinha.

- Não é divertido?

Ô, e como.

Blair teve vontade de bater nela. Ela tirara um “dia pessoal” e ficara em casa em vez de ir para a escola, aborrecida demais por estar na lista de espera de Yale para encarar as colegas de turma, especialmente Serena. Mas depois de seis horas de reprise de *Newlyweds*, toda uma caixa de sorvete de chocolate sem gordura Häagen-Dazs e agora isto, ela queria ter ido à aula.

- Muito bem. Agora que os parceiros tiveram um momento para relaxar, é hora de trabalhar. Lembrem-se, ter um bebê requer uma equipe!

A “treinadora” da aula de parto afinada-com-o-ambiente-do-Upper-East-Side de Eleanor era uma ex-enfermeira magra de tanta ioga e de cabelo frisado chamada Ruth, que ensinava à turma em uma

ultramoderna cobertura na Quinta Avenida. Ruth era casada com um bem-sucedido designer de eletrodomésticos, o que significava que ele desenhava máquinas de lavar, geladeiras e lava-louças que pareciam naves espaciais e custavam o preço de um carro. Eles tinham cinco filhos, inclusive dois gêmeos fraternos, e de vez em quando uma das crianças vagava pela sala de estar para pegar alguma coisa na enorme geladeira cromada na cozinha sem nem piscar para todas as grávidas espalhadas pelo chão.

provavelmente todos vão acabar sendo ginecologistas psicologicamente perturbados, pensou Blair.

Ruth puxou para cima a estranha calça de ioga preta e branca Yohji Yamamoto, agachou-se no chão e enrugou a cara até parecer uma espécie de babuíno tentando expelir uma bananeira inteira pelo cu.

- Lembram das fases do trabalho de parto que vimos no início da aula? Esta é a cara da terceira fase. Muito anti-social.

E depois, quando a epidural fizer efeito e você começar a empurrar? Esqueça. É aí que você começa a gritar para o marido que o pré-natal que se foda. Os bebês podem ser lindinhos, mas tê-los não é nada bonito. É por isso que se chama *trabalho* de parto.

Blair se levantou nos cotovelos. Será que não tinham meios tecnologicamente avançados de fazer isso hoje em dia? Será que não podiam, tipo assim, tirar o bebe a laser?

- Chegou a hora da festa. Senhoras, continuem relaxando no chão. Parceiros, ajoelhem-se aos pés delas, esse é o seu lugar. Agora, senhoras, preparem-se para uma *incrível* massagem nos pés!

Todos os outros parceiros por acaso eram os maridos das mulheres, e não as filhas de 17

anos. Maridos deviam fazer massagem nos pés. Era parte da tarefa deles. As filhas não.

Blair olhou para os pés da mãe. Pareciam meio os dela, só que estavam envolvidos em meias cor de pele até os joelhos. Só a idéia de tocar neles já deixava Blair nauseada.

- Comecem trabalhando no calcanhar direito. Aninhem o PE em uma das mãos e usem os polegares. Não tenham medo de apertar. Ela está carregando duas pessoas o dia todo. Os pés são fortes!

Cautelosamente, Blair pegou o pé direito da mãe. Uma coisa era certa: depois de cada uma dessas aulas de parto ela ia comprar um par muito caro de Manolos e colocar no cartão de crédito da mãe. Ela também ia precisar de uma série de tratamentos complicadíssimos no SPA para se livrar das lembranças de todo esse papo de sintá-o-toque e nascimento, para não falar do cheiro de pé.

- Agora apóiem o pé em seu peito e batuem no dedão do pé até o joelho. Sei que parece esquisito, senhoras, mas a sensação é maravilhosa.

Os maridos começaram a batucar. Eles estavam nessa pra valer.

- Preciso ir ao banheiro – anunciou Blair, deixando o pé da mãe cair com um baque no chão acarpetado de lã Flokati.

- Por que não usa o banheiro dos gêmeos? Fica bem ali no corredor, à direita – disse Ruth, aproximando-se para assumir o lugar de Blair.

- Aaah – gemeu Eleanor quando Ruth começou a batucar os dedos em seu pé.

O banheiro era grande e moderno, como o resto da casa, mas estava cheio de frascos de Clearasil para acne e todo o tipo de produtos para os cabelos. No chão havia uma caixa de areia plástica prateada que parecia ter sido desenhada pelo marido de Ruth, e pedaços de palha para o gato se espalhavam por todo o ladrilho. Blair não tinha certeza de onde ficava a caixa de areia de

Kitty Minky na cobertura de sua família, mas certamente não era no banheiro dela. Que falta de higiene!

Ela parou na pia e abriu a torneira, olhando seu reflexo no espelho sujo de pasta de dentes. Os cantos de seus lábios finos estavam virados para baixo, e os olhos azuis estavam duros e raivosos. O cabelo castanho curto crescia mais lentamente do que ela preferia, e estava numa fase caída e sem corte. Ela ergueu a blusa e examinou o corpo. O

peito parecia pequeno e a barriga estava um pouco mais mole depois de passar o inverno inteiro sem jogar tênis. Não que ela estivesse gorda nem nada disso. Mas talvez, se tivesse entrado para a equipe de natação e ficasse em forma, Yale a teria aceitado e ela já teria transado com Nate e sua vida estaria ótima em vez de...

De repente a porta do banheiro se abriu e os gêmeos de 13 anos de Ruth, um menino e uma menina com aparelhos nos dentes e cabelo ruivo e crespo como o da mãe, estavam encarando Blair. A menina usava o uniforme da Constance Billard. Blair largou a blusa.

- Estamos procurando nossa gata – disse a menina.

- Você é lésbica? – perguntou o garoto. Os gêmeos riram em uníssono. –Porque, se for, então como foi que conseguiu engravidar? – continuou o menino.

Como disse?

Blair estendeu a mão para a porta e bateu-a na cara deles, dessa vez com o cuidado de trancar. Depois baixou a tampa da privada e sentou. Um exemplar surrado de Jane Eyre estava no chão e ela o pegou. Blair tinha lido esse livro duas vezes. Uma por conta própria, quando tinha 11 anos, e depois na aula de inglês do primeiro ano. Agora ela releu as primeiras paginas, sentindo-se muito como a própria Jane – presa, torturada pela família, sua grande inteligência

e sensibilidade completamente subestimada. Se ao menos o banheiro tivesse uma espécie de rota de fuga – um alçapão para a rua. Ela pegaria um taxi direto para o aeroporto, um avião para a Inglaterra ou até a Austrália, mudaria de nome, conseguiria um emprego de garçonne ou governanta, se apaixonaria pelo chefe e assim como Jane, casaria e viveria feliz para sempre.

Mas primeiro Blair tinha de se livrar do revoltante cheiro de pé de grávida que parecia ter penetrado em sua pele. Sem parar para pensar no que estava fazendo, Blair fechou o livro, levantou-se e abriu a torneira da banheira. Jogou na água um punhado de sabonete líquido de pepino da Kiehl, tirou a roupa e entrou. Ali mesmo fechando os olhos, ela se imaginou deitada na praia australiana naquele biquíni Burberry xadrez rosa-concha-e-azul-marinho que ela quase comprou no fim de semana passada, vendo o marido gato surfar no Pacífico. Ao pôr-do-sol, eles iam navegar para o horizonte no iate, beber champanhe e comer ostras, e depois transariam no convés, os olhos verdes brilhando à luz da lua. Olhos verdes...

Blair se sentou na banheira. Nate! Ela não precisava fugir afinal, não quando ainda tinha Nate. Seu celular estava enfiado no bolso traseiro da jeans, amarfanhada no chão ao lado da banheira. Ela o pegou e discou para Nate.

- E aí? – perguntou ele, parecendo chapado.

- Você ainda vai me amar, mesmo que eu não entre para Yale? – despejou Blair enquanto voltava a se deitar nas bolhas.

É claro que vou – respondeu Nate.

- Acha que estou gorda e fora de forma? – perguntou ela, chutando um pé descalço para fora da água e depois o outro. Os dedos de seus pés estavam pintados de borgonha.

- Blair – ralhou Nate. – De gorda você não tem nada.

Blair sorriu e fechou os olhos. Ela e Nate tinham tido essa conversa uma s mil vezes, mas sempre a fazia se sentir melhor consigo mesma.

- Ei, esta tomando banho ou coisa assim? – perguntou ele.

- Arrã. – Blair abriu os olhos e pegou o frasco de sabonete líquido. - Eu queria que você estivesse aqui.

- Eu podia ir – ofereceu-se Nate, cheio de esperança.

Se ao menos ela estivesse em casa, na própria banheira.

- Querida? – A voz de Eleanor Waldorf chamou do outro lado da porta. - Está tudo bem aí?

- Estou bem! – gritou Blair em resposta.

Só estou deitada na banheira da instrutora de parto da minha mãe, dando uma trepada por telefone com o meu namorado.

- Bem, não se esqueça de que tem um monte de gestantes aqui com rins hiperativos!

Obrigada por me lembrar.

- Droga, tenho de ir – disse Nate. – Todos aqueles treinadores de lacrosse de universidades estão me ligando. Eles vêm neste fim de semana para me ver jogar.

Note que ele teve o cuidado de não dizer *que* universidades.

- Bem, eu vou a Georgetown amanhã cedo, mas te ligo de lá, ta bom? – Blair desligou e, com uma espanada na água, levantou-se e se secou com uma das toalhas brancas e felpudas que encontrou dobradas em uma prateleira atrás da banheira. Depois vestiu as roupas e passou os dedos pelo cabelo molhado. Seu reflexo no espelho parecia mais vibrante agora, e Blair tinha o cheiro de

frescor e limpeza do pepino. Talvez fosse o banho, ou a conversa com Nate, mas ela se sentia uma pessoa totalmente nova.

Do lado de fora, no corredor, grávidas perambulavam comendo minipizzas de queijo de cabra e azeitona entregues em casa do Eli's. Blair ficou na porta, esperando impacientemente enquanto Eleanor batia papo com Ruth sobre o design da geladeira do marido de Ruth.

A gêmea filha de Ruth, aquela do uniforme da Constance Billard, levava um gato Himalayan branco.

- Esta é Jasmine – disse a menina.

Blair deu um sorriso duro e apertou o fecho de seus brincos de diamante.

- Está tendo um colapso nervoso? – insistiu a menina. –Eu soube que você largou a escola.

Não era segredo que os boatos voavam rápido pela escola e além dela. Na segunda-feira a garota de aparelho nos dentes e cabelo vermelho iria dizer a cada um que quisesse ouvir que Blair Waldorf estava olhando para o peito no banheiro da casa dela, ou provavelmente coisa muito pior. De certa forma, Blair realmente estava ansiosa para fazer essa viagem de fim de semana a Georgetown. Pelo menos ninguém a conheceria e ela seria tratada com a decência e o respeito que merecia.

- Mãe! – gritou ela rispidamente. – Está na hora de ir.

E, assim como Blair previu, no momento em que a porta se fechou atrás dela, a gêmea má correu para o quarto para entrar na Internet, e as mensagens instantâneas começaram a voar.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

A SINCERIDADE É SUPERESTIMADA

Sabe como todo mundo sempre fala de como a sinceridade é a melhor política e que o único relacionamento verdadeiro é sincero e aberto? Bem, acho isso uma besteira. Não que eu ache legal mentir. É só que, às vezes, quanto menos se diz, melhor. Quer dizer, como é que se pode ser interessante sem ter segredos? Onde fica o mistério? O elemento surpresa? Admita, é excitante quando seu namorado viaja no fim de semana e você não tem idéia do que ele está aprontando. Você gosta quando aquele cara por quem você tem uma queda dá uma festa mas fica caladão na maior parte do tempo ou sai da sala para dar um telefonema misterioso. Não é mais interessante imaginar que todo mundo que você conhece tem uma vida dupla?

E, encare a realidade, se o que realmente quiséssemos fosse a sinceridade, não íamos gostar de falar tanta porcaria sobre os outros, né?

Seu e-mail

P: Cara GG,

Parece estranho, mas a minha mãe dá aulas de parto na sala da nossa casa e aquela veterana da minha escola estava lá na noite passada com a mãe dela, que é tipo meio velha demais para ter um bebê. Mas aí, a garota se trancou no banheiro por tipo uma hora e depois saiu de lá toda molhada. Todo mundo na minha turma tem tanto medo dela e acha que ela é tão cool, mas agora eu sei que ela só é maluca. Não surpreende que ela não tenha entrado para a faculdade.

- newsworthy.

R: Cara newsworthy,

Você disse que ela é veteran? Garota, nós somos TODAS malucas.

P: Prezada GG,

Meu primo vai pra Yale e trabalha como guia para alunos em potencial. Ele disse que não tem lista de espera em Yale. Eles só mandam as cartas para atender a uma quota nacional ou coisa assim.

- drea

R: Cara drea,

Uia. Isso é apavorante o bastante para ser verdade.

Flagra

D bebendo café em um restaurante na **Broadway**. **J** praticando o andar empertigado de modelo de passarela no corredor central do ônibus da 79. **S**pegando vôo da U.S Air para **Boston**. Imagino que esteja levando muito a sério esse negocio de tomar decisões. **B**

secando uma daquelas garrafinhas de vodca no vôo para Washington – entrando em parafuso por causa de **Georgetown**. **V** jogando fora uma placa **Só Para Mulheres** que tinha roubado de um banheiro num bar de **Williamsburg**. **C** e o pai embarcando em seu avião particular. A caminho de convencer alguma instituição ingênua a aceitá-lo no outono que vem? Papai estava levando uma pasta – vamos imaginar que estava cheia de dinheiro.

Lembre-se, gente, estamos a quase três semanas de decidir a que faculdade queremos ir.

Vamos usar esse tempo com sabedoria. Piscadela rápida. Você sabe que eu vou!

Pra você que me ama,

gossip girl

anfitrião nerd de harvard rouba o coração de s

Serena saiu da limo do aeroporto Logan e desceu o caminho de lajota que levava ao escritório de admissão de Harvard, o corpo zumbindo da cafeína do enorme capuccino da Starbucks que tomou durante o vôo. Fazia uma manhã ensolarada de verão - mais fria do que em Nova York - e Cambridge estava um alvoroço de vendedores de rua e estudantes na moda, com um jeito boêmio, namorando nos bancos e tomando café. Ela se perguntou como é

que Harvard tinha conquistado a fama de séria e intimidadora quando parecia tão relaxada e não intimidava nada.

O gui de Serena estava esperando por ela do lado de dentro da porta. Alto e de cabelos escuros, co óculos de aro de prata - o perfeito intelectual bonito e meio nerd.

- Meu nome é Drew. - ele estendeu a mão.

- Já amei isto aqui - disse Serena entusiasmada ao trocar um aperto de mão com ele.

Serena tinha a tendência de falar toda empolgada quando ficava nervosa, embora não estivesse exatamente nervosa, só supercafeinada.

- Posso te levar num giro padrão de duas horas, ou talvez você melhor se você me dissesse o que quer ver - propôs Drew. Os olhos dele eram castanho-claros e ele vestia um suéter de algodão bege de tricô e calça de veludo cotelê verde-oliva com um vinco tão perfeito que Serena podia imaginá-lo pegando o pacote da J. Crew que a mãe mandara para ele e vestindo as roupas logo depois de tirar da caixa. Ela gostava quando os rapazes davam atenção à moda, mas era mais atraente quando um cara ficava mamãe-acaba-de-comprar-para-mim.

- Eu queria muito ver o seu quarto - disse ela, sem sequer parara para pensar na impressão que dava. Mas era verdade. Ela queria mesmo ver como era o alojamento.

Drew corou e Serena corou com ele. E de repente a ficha caiu - ela freqüentava escolas exclusivamente femininas desde a primeira série. Só mulher dos 12 anos em diante. A faculdade ia ser cheia de homens. Homens o dia todo, todo dia. Homens, homens, homens.

Ueeeeeebaaaaa!!!

- Está com fome? - perguntou Drew. - O refeitório do meu alojamento tem uma comida bem razoável. Eu posso te levar a uma das maiores bibliotecas e depois a gente pode ir até lá, almoçar e dar uma olhada nos quartos do alojamento. É um alojamento misto, então... - Ele corou fortemente e empurrou os óculos no nariz.

- Perfeito - disse Serena a meia-voz.

Drew levou-a ao escritório de admissão por um longo caminho que atravessava o jardim de Harvard. O gramado verdíssimo estava cheio de alunos jogando Frisbee ou lendo livros. Um professor corrigia trabalhos debaixo de um bordo.

- esta é a Widener, a biblioteca de ciências humanas - disse Drew enquanto Serena o seguia subindo as escadas do prédio. - Estou me especializando em música e química, então não passo muito tempo por aqui - explicou ele, mantendo a porta aberta para ela.

Eles entraram no ambiente silencioso e frio, e Drew apontou uma caixa de frio trancada junto à parede mais distante. - Tem uma coleção incrível de manuscritos originais por aqui. Sabe como é, de papiros gregos, essas coisas.

Papiros?

Drew ficou parado pacientemente com as mãos nos bolsos de calça de veludo vincada, esperando que ela fizesse perguntas sobre a biblioteca. Mas Serena estava absorta demais nele. Ela já concluía que Drew era uma gracinha, mas um cara que usava palavras como papiro de cara limpa era totalmente irresistível!

Ela torceu uma mecha de cabelo no dedo e olhou para o teto da biblioteca como se estivesse fascinada pela arquitetura.

- Você está se especializando em música? Toca algum instrumento?

Drew olhou para o chão e murmurou uma coisa inaudível.

Ela deu um passo para ficar mais perto.

- Como?

Ele deu um pigarro.

- Xilofone. Eu toco xilofone, na orquestra.

E ela pensava que xilofone era só um instrumento de brinquedo inventado para que pelo menos uma palavra começasse com x! Serena bateu palmas deliciada.

- Posso te ouvir tocar?

Drew sorriu, hesitante:

- Tenho um ensaio às três, mas estou só aprendendo. Você provavelmente não vai querer ficar mais tempo aqui...

Serena tinha pedido um carro para levá-la a Providence naquela tarde para dar uma olhada na Brown. O irmão dela, Erik, estaria lá e mostraria o campus a Serena pelo menos uma vez na vida em vez de tomar um porre com os colegas de quarto na casa nos arredores do campus. Aind assim, era só Erik. Ele ia entender se ela se atrasasse.

Quando você tem 17 anos e é loura e linda, sempre pode se atrasar.

- É claro que vou ficar mais tempo. - Ela pegou o braço de Drew e puxou-o pela porta da biblioteca. - Vamos, estou morrendo de fome!

Quem precisa de biblioteca cheias de papiros quando Harvard tem muito mais a oferecer?

b se destaca no campus da g

- Meu nome é Rebecca Reilly e serei sua anfitriã neste fim de semana. Aqui está um crachá, um mapa e um apito. Por favor, coloque o crachá e mantenha o mapa e o apito com você o tempo todo.

Blair olhou a loura falsa baixinha e petulante diante dela. Ela nadava contra a petulância. Ela própria recorreu à petulância quando tentou conseguir que um estilista como Kate Spade doasse as bolsas de brindes para uma das grandes festas beneficentes que ela organizara, ou quando precisou que uma professora a deixasse sair para uma liquidação da Chloé. Mas a petulância autêntica entre os colegas era simplesmente triste e desesperada.

- Um apito? - repetiu Blair.

Em todo vôo até lá ela imaginou que essa viagem iria dar uma levantada no ego. Ia passar o dia com uma guia nerd que, comparada com ela, a faria se sentir sofisticada e inteligente. Mais tarde ela pegaria um quarto no Ritz-Carlton de Washington ou em um hotel igualmente grande e passaria a noite em seu ofurô privativo, emborcando champanhe e entregando-se a mais sexo por telefone com Nate.

- Georgetown dá apitos a todas as alunas. Temos um grupo de defesa das mulheres muito forte. E não temos estupros nem assédio no campus há dois anos! - anunciou Rebecca com sotaque do sul. Ela sorriu exultante para Blair pelas pestanas grossas maquiadas de azul. O cabelo louro de farmácia com permanente cheirava a produtos capilares Finesse, e os Reeboks de couro branco eram tão novos que pareciam nunca ter sido usados fora do shopping.

Blair tirou um fio de cabelo da manga do novo casaco rosa Marni.

- Preciso pegar um quarto de hotel pra esta noite...

Rebecca pegou o braço dela.

- Não seja boba, querida. Você vai ficar comigo e com as minhas amigas. Temos uma quadra simplesmente deliciiiiiosa e você vai ter a melhr das melhores diversões de todos os tempos, porque hoje vamos dar nossa festa Belas do Sul só para mulheres!

Como é que é? Desde quando alguém achava que só ter mulher num lugar era a idéia de uma festa?

- Que ótimo - respondeu Blair fraquinho. Se ao menos ela já tivesse se registrado em um hotel. Ela olhou em volta para as outras visitantes sendo recebidas pelas anfitriãs. Todas, anfitriãs e visitantes, pareciam estranhamente parecidas com Rebecca. Como se todas tivessem sido criadas em cidades suburbanas onde todo mundo era louro, feliz, limpo e sem complicações. Blair se sentia uma ET sínica e esgotada entre elas, com o cabelo escuro, curto e espigado e as roupas de grife.

Na verdade, essa era exatamente a levantada de ego que ela procurava. Está vendo, sou diferente e mais inteligente e melhor do que essas meninas, disse a si mesma. Pelo menos ela nunca parou para tingir de louro o cabelo naturalmente castanho.

-Vem, vamos começar o giro! - Rebecca pegou a mão de Blair como se elas tivessem quatro anos de idade e puxou-a para fora da sede da admissão. O sol brilhava no rio Potomac e as agulhas da antiga capela jesuíta da universidade assomavam majestosamente no alto da colina. Blair tinha de admitir que o velho campus da Universidade de Georgetown era bonito, e a cidade de Georgetown era mais elegante e mais limpa do que New Haven. Mas definitivamente faltava o exclusivo ar de somos-os-mais-inteligentes-da-turma de Yale.

- Lá em cima, à sua esquerda, você vai ver uma construção grande e moderna. É nossa Biblioteca Lauinger, prêmio de arquitetura, com a maior coleção de ... - Rebecca andou de costas na frente de Blair até um caminho de lajotas, tagarelando informações entediantes

sobre Georgetown. Blair a ignorou, mantendo os olhos focalizados no trânsito humano que atravessava o campus principal. Rapazes e garotas vestidos dos pés à cabeça de Brooks Brothers ou Ann Taylor marchavam decididos para a biblioteca, as bolsas Coach carregadas de livros. Blair levava os estudos muito a sério, mas era sábado. Essa gente não tinha nada melhor para fazer? Rebecca parou de repente e colocou a palma da mão na testa.

- Querida, estou com uma enxaqueca *danada*. Esta coisa de andar de costas me deixa tonta, eu podia vomitar!

Blair queria dizer alguma coisa sobre como toda a situação dava vontade *nela* de vomitar, mas a maioria das situações era assim.

- Por que não nos sentamos em algum lugar e tomamos um ... café
- sugeriu ela, satisfeita por parecer tão normal e simpática, quando podia mesmo tomar um bom martíni de vodca bem forte.

Rebecca atirou os braços no pescoço de Blair.

- Uma garota que lê meu pensamento! - guinchou ela.

- Sou totalmente *viciada* em macchiatos de caramelo, e você?

Eca.

Eram só duas da tarde. O café teria de servir.

- Tem algum lugar perto daqui?

Rebecca passou o braço pelo de Blair.

- Claro que tem! - Ela sacou o celular Nokia rosa e branco. - Só me dê um minutinho para eu localizar as meninas. Por que a nossa *fesssta* Belas do Sul não começa *maiss* cedo?

Blair sorriu e passou os dedos pelo celular em sua bolsa Prada verde-menta. Já estava morta de saudade de Nate. Se ao menos

tivesse pegado emprestado a garrafinha prateada que ele levava, então ela pelo menos teria uma lembrança dele e um trago de vodca para o macchiato.

Rebecca olhou para cima, interrompendo a conferência que estava tendo com as amigas.

Ela cobriu o bocal com a mão.

- Elas já estão em um bar - sussurrou, as bochechas corando de um rosa altivo e constrangido. - Fica na rua M. Você se importa se a gente se encontrar com elas lá?

- Tudo bem - concordou Blair prontamente. Dê um coquetel e um cigarro a Blair e ela pode ficar feliz praticamente na companhia de qualquer um.

o quanto eles realmente o querem?

- Cara, você nunca me disse que os treinadores eram todas mulheres - sibilou Jeremy Scott Thompkinson, um dos melhores amigos de Nate, enquanto passava correndo por Nate para pegar um passe longo.

Nate girou o bastão de lacrosse acima da cabeça e esperou até que Jeremy tivesse lançado para avançar e pegar o passe ele mesmo. Era um tipo de manobra de exibição, mas funcionava. Além disso, ele devia estar se exibindo mesmo. Ele atirou a bola de volta para Jeremy, demonstrando suas habilidades de trabalho em equipe do modo como o treinador Michaels pedira a ele. Depois os dois rapazes voltaram correndo ao meio do campo.

- Aquela alta é treinadora de Yale. A baixa é a mulher da admissão da Brown que me entrevistou - explicou Nate. O treinador da Brown não pôde vir porque tinha um jogo.

- Mas cara, são todas mulheres! - disse Jeremy de novo, o cabelo desgrenhado de astro do rock voando na brisa enquanto se afastava lentamente. - Não surpreende que você tenha entrado!

Nate sorriu para si mesmo enquanto enxugava o suor da testa. Podia ter sido legal acreditar que ele não dava atenção nenhuma a sua perfeição, mas a verdade era que ele sabia exatamente como era bonito. Nisso ele não era um perfeito imbecil.

Da linha lateral, as duas mulheres observavam-no intensamente. Depois o treinador Michaels soprou o apito.

- Vamos sair cedo hoje, rapazes! - gritou o treinador, cuspidando na grama. - Minha mulher e eu vamos comemorar nosso quadragésimo aniversário hoje à noite. - Ele enfiou as mãos nodosas no abrigo verde Lands' End e assentiu para Nate antes de cuspir na grama de novo. - Vamos, Archibald.

Nate seguiu o treinador até onde estavam as duas mulheres das universidades.

- Seria ótimo ter nosso próprio campo - disse o treinador Michaels às mulheres. Ele gesticulou para o trecho de gramado do Central Park onde os colegas de time de Nate estavam desmontando os gols. - Mas quando se joga na cidade a gente usa o que pode.

Como se ele realmente desse a mínima.

Em um banco próximo, quatro meninas do segundo ano com o uniforme xadrez verde da Seaton Arms riam e cochichavam, os olhos fixos e desejosos em Nate.

- Pelo menos no parque sempre se tem público - observou a treinadora de Yale. Ela era alta e tinha uma cara comprida, com uma juba loura e um rosto anguloso e bonito. Um homem vendia bebidas e sorvete em um carrinho perto dos bancos. Ela abriu o bolso da frente da mochila azul-marinho

com o decalque do buldogue de Yale em cinza. - Posso comprar um Gatorade para vocês ou outra coisa?

- Não, obrigado, dona. Tenho de ir para casa ver a minha mulher. - O treinador Michaels apertou a mão das duas mulheres e depois deu um tapa nas costas de Nate. - Ele é um garoto de talento. Se tiverem alguma pergunta, me procurem.

O treinador se afastou e Nate bateu na grama nova de primavera com o bastão de lacrosse.

- É melhor eu ir para casa tomar um banho - murmurou ele, sem ter certeza do que as duas mulheres tinham planejado. Brigid, a entrevistadora da Brown, olhava-o cheia de expectativa. Brigid tinha deixado um recado no celular dele pedindo que a encontrasse no saguão do Warwick New York Hotel às cinco da tarde para "discutir as opções dele".

Ou o que quer que isso signifique.

A treinadora de Yale passou a ele uma bolsa esportiva de náilon azul com um grande Y

de couro branco.

- Cortesia do time - disse ela. - Sua camisa, o short e essas coisas estão aí dentro. O suporte atlético. Até meias.

A cara de Brigid caiu. Como é que não pensou nisso?

- Ainda vamos nos encontrar mais tarde? - perguntou ela rapidamente. - Posso te pagar um jantar. - O cabelo dela era louro-avermelhado, o que Nate não se lembrava de quando a conhecera em outubro, e ele se perguntou se ela havia pintado. Na verdade, ela era muito mais bonita do que ele se lembrava e ele meio que gostou de ela não ter tentado seduzi-lo com uma bolsa cheia de suéteres e essa merdas da Brown.

Mesmo que ele decidisse ir para Yale, será que precisava mesmo de um suporte atlético da universidade?

- Estarei lá - disse ele. Depois estendeu a mão para a treinadora de Yale. - Obrigado por vir.

Mas a treinadora não ia desistir com tanta facilidade.

- Que tal um brunch amanhã lá pelas onze? Estou no Hotel Wales na Madison ... O

Sarabeth's fica pertinho dali. As panquecas de lá são deliciosas.

Nate percebeu que a treinadora de Yale tinha um peito seriamente bonito - grande, mas firme. Ela parecia uma daquelas jogadoras olímpicas de vôlei. Ele pendurou a bolsa de Yale no ombro.

- Claro - concordou. - Um brunch parece ótimo.

Era meio pirante ser tão desejado por duas das universidades mais difíceis de entrar do país, e podia ser divertido ver até que ponto elas o queriam.

um morador do upper west side dá no pé

- Me diz com sinceridade, isso é obsceno? - perguntou Jenny. Vanessa estava empoleirada na beira da cama de Jenny, filmando-a enquanto ela escolhia uma roupa para a próxima sessão de fotos. Vanessa devia estar ajudando Dan a fazer as malas, mas ele descobriu um caderno cheio de poemas que escrevera quando tinha 13 anos e estava ocupado caçando alguma jóia poética reciclável.

Boa sorte com isso.

Jenny estava apavorada de ter de aparecer na sessão de fotos sem sutiã, uma coisa que ela nunca fazia, pelo menos não em público.

Não só isso, ela decidira usar uma camiseta azul-clara que era meio apertada.

- E aí, o que você acha?

- É obsceno sim - respondeu Vanessa com franqueza, com o cuidado de manter a câmera focalizada acima dos ombros de Jenny para que a classificação do filme não mudasse de

"Censura Livre" para "18 anos".

- Sério? - Jenny se virou para olhar a bunda no espelho atrás da porta do armário. O novo jeans Earl deixava suas pernas muito mais compridas do que a outra calça que tinha. Era uma proeza de engenharia extraordinária.

Vanessa deu uma panorâmica no quarto. Era um quarto típico de menina adolescente, decorado em rosa e branco, decorado com uma colagem de fotos rasgadas de revistas de moda presas na parede e uma estante salpicada de fucção para adolescentes e Barbies meio vestidas que nunca eram jogadas fora. Mas a arte nas paredes certamente era singular. O Beijo, de Klimt, uma cópia impressionante de Moinhos de Vento, de van Gogh, e uma espantosa papoula do tipo O'Keefe - tudo esmeradamente pintado pela própria Jenny.

Vanessa voltou a seu tema.

- Por que não experimenta uma blusa preta? - sugeriu ela. - Com sutiã.

A cara de Jenny caiu.

- Fica tão ruim assim?

O pai dela apareceu na soleira da porta aberta, os longos fios do cabelo grisalho e crespo puxados para cima com um dos elásticos

de cabelo de Jenny.

- Meu Deus, vista um suéter, qualquer coisa - arfou Rufus. - O que os vizinhos vão pensar?

Jenny sabia que o pai estava brincado, mas estava bem claro qual era o consenso geral.

Ela pegou um suéter do armário e o vestiu pela cabeça.

- Obrigada, gente. É tão legal saber que vocês se importam - disse ela, olhando para o pai.

- Alguma chance de eu me mudar para seu apartamento também? - perguntou ela a Vanessa.

- De jeito nenhum - retorquiu Rufus. - Quem vai beber todo o suco de laranja antes mesmo que eu me levante de manhã? Quem vai encher o compartimento de manteiga da geladeira com esmalte? E quem vai manchar minhas meias de rosa?

Jenny revirou os olhos. O pai ficaria mesmo mais solitário se morasse sozinho. E ela não queria realmente ir morar com Dan e Vanessa. Não quando eles estavam praticamente casados e tudo isso. Seria muito esquisito.

De repente Vanessa se sentiu terrivelmente culpada por tirar Dan de Rufus quando a mãe de Dan já o deixara anos antes para morar em Praga com um barão ou coisa parecida.

- Vamos jantar aqui nos fins de semana - disse ela de forma pouco convincente. - Ou vocês podem ir lá e cozinhar. Ruby tem um monte de coisas de culinária. É bom mesmo que alguém me ensine a usar.

Rufus ficou exultante.

- A gente pode usar livros de receita!

Vanessa ajustou a lente da câmera, tentando enquadrar Rufus.

- Sr. Humphrey, importa-se se eu fizer algumas perguntas?

Rufus se sentou no chão e puxou Jenny para perto dele.

- Nós adoramos atenção! - disse ele e beliscou a filha do lado.

- Pai- Jenny gemeu, cruzando os braços no peito, embora estivesse de suéter.

- Então, como se sente por ter o filho com idade para ir para a faculdade e se mudar? -

perguntou Vanessa.

Rufus coçou a barba grisalha espigada. Ele sorria, mas os olhos castanhos estavam úmidos e pareciam tristes.

- Se quer saber, ele devia ter se mudado há muito tempo. As famílias americanas estragam os filhos. Eles deviam começar a estudar assim que conseguissem erguer a cabeça e deviam sair de casa aos 14 anos. - Ele beliscou Jenny de novo.

- Exatamente quando começam a demonstrar ressentimentos com os pais.

- Pai - gemeu Jenny novamente. Depois ela se iluminou. Ei, isso significa que eu posso ficar com o quarto do Dan? Tem o dobro do tamanho do meu.

Rufus franziu a testa.

- Não vamos nos adiantar - grunhiu ele. Dan ainda precisa de um quarto. - Ele ergueu uma sobrancelha desgrehada para Vanessa. - Pode ser que você o expulse. Ele pode até ser expulso da faculdade!

- Mas você disse... - começou Jenny e depois parou. Seu pai sempre estava se contradizendo. A essa altura ela devia estar acostumada com isso. - De qualquer forma, depois que eu ganhar dinheiro como modelo, posso redecorar este quarto - acrescentou ela.

Rufus revirou os olhos dramaticamente para a câmera e Jenny deu um soco no braço dele.

Depois Dan apareceu na soleira da porta. Estava usando uma camisa pólo Lacoste verde que a mãe mandara para ele anos antes. Era três tamanhos menor e o deixava parecido com um jogador de golfe bundão.

- Essa camisa fica aqui - ordenou Vanessa.

Dan riu, tirou a camisa pela cabeça e atirou-a no cesto de lixo de Jenny.

- Ei - gemeu Jenny. - Use sua própria lixeira.

- É só uma camisa. Você pode aguentar - resmungou Dan de volta.

Depois Jenny explodiu em risadinhas. an se achava um fodão porque teve um poema publicado na New Yorker e tinha conseguido entrar para todas aquelas universidades, mas sem camisa parecia mesmo franzino, e não era meio idiota que ele fizesse absolutamente tudo o que Vanessa dizia sem questionar?

- Vou sentir a sua falta, Dan. - Jenny suspirou com um pesar fingido.

Rufus pegou um maço de cigarrilhas no blso de trás e passou a todos sem nenhuma explicação. Depois acendeu o dele e começou a soltar baforadas.

- Talvez seja melhor assim - suspirou ele.

Vanessa desligou a câmera e rolou a cigarrilha apagada entre os lábios. Era difícil não se sentir culpada quando Rufus parecia tão triste, mas ela estava louca para ter Dan só para si, 24 horas por dia, sete dias na semana. Os olhos dela estavam cravados no peito branco e ossudo dele. Era o peito de um artista torturado. O homem de Vanessa.

- Pronto para ir? - perguntou ela, sorrindo para ele toda empolgada.

Dan retribuiu o sorriso. Ele ainda não tinha descido do pico de felicidade e não pretendia descer tão cedo.

- Pronto - respondeu ele com coragem.

Esperemos que ele tenha posto outras camisas na mala.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

GAROTA IRRITANTE

Você sabe do que eu estou falando. Aquela que acha que é linda e inteligente e que todo cara está apaixonado por ela. Ela grita "Eu, eu, eu!" e levanta o braço sempre que um professor faz uma pergunta. É a pessoa mais hipócrita da sala, mas não quer parecer hipócrita, então ri muito e age de um jeito idiota para esconder a suposta genialidade. E

ela é a bebum mais barulhenta e bagunceira que você já viu. Sem as amigas, ia desmaiar numa poça de vômito no chão do banheiro ou ir voando para casa com um cara mais velho relaxadão. Mas as amigas dela sempre parecem ter pena dela, e no dia seguinte ela está mais eufórica do que nunca, sorrindo como se nada tivesse acontecido.

O problema com a Garota Irritante é que, gostemos dela ou não, sempre temos um pouco dela em nós. É por isso que adoramos odiá-la tanto. Ela é nosso pior pesadelo. Quer dizer, quantas vezes você quis levantar a mão quando sabia a resposta, só se detendo porque não queria parecer uma imbecil? E quantas vezes você quis se sentar no colo de um cara e começar a beijá-lo mas não o fez por medo dele rir da sua cara? De certa forma, a Garota Irritante somos nós sem a insegurança. Ela é tão legal consigo mesma que dá vontade de bater nela. Mas no fundo você também quer poder ser assim tão deestável sem nenhuma preocupação com o que os outros pensam. Encare a realidade, as pessoas sempre vão encontrar motivo para nos odiar, especialmente se formos bonitas.

Mas existe uma certa louca que parece incapaz de cometer um erro.

Não só ela entrou para todas as universidades impossíveis-de-entrar em que se inscreveu, como já conseguiu que todos os caras em cada uma das faculdades fizessem fila para falar com ela.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu soube que rolou um escândalo total de falsificação. Tipo você pode pagar alguém para fazer para você cartas de aceitação totalmente convincentes para, tipo assim, Princeton, ou outras qualquer, e não há nada que as universidades possam fazer porque elas parecem mesmo reais.

- wiz

R: Caro wiz,

Hoje em dia a gente pode comprar qualquer coisa, mas se você não fosse um bom aluno para entrar por mérito próprio em uma faculdade tão difícil como a Princeton, ia mesmo querer falsificar? Quer dizer, no fim das contas ia acabar tendo de ralar!

- GG

Flagra

Saca só essa: **S** e o cara nerd-mas-gracinha de óculos de **Harvard** se alimentando com batata frita em um dos refeitórios de Harvard. Ela é bem direta em seus critérios de escolha da universidade. Rapazes bonitos , OK. Fritas decentes, OK. **B** indo com as novas colegas de quarto a um bar de karaokê em **Georgetown**. Ela realmente está tendo um colapso vernoso! **N** fazendo uns exercícios particulares com a loura pernuda que treina o time de lacrosse de **Yale**. Cutuca, cutuca. Como se ele já não tivesse segredos suficientes de **B**. A baixinha **J** naquela loja de sutiã meio sinistra no Village onde eles dão uma olhada em você e dizem que seu tamanho é totalmente diferente do que você pensa. No caso dela, é 52! **V** e **D** em **Williamsburg**, comprando comida juntos. Na verdade, estavam brigando para decidir se levariam espaguete ou uma massa mais interessante - é, já estão mesmo casados.

Enquanto isso, de volta ao que interessa, ando pensando em vestir um moletom e fingir ser treinadora de lacrosse. Quem sabe eu tenho sorte?

Sejam bonzinhos. Vocês sabem que eu não sou.

Para você que me ama,

gossip girl

Trinta segundos de amor verdadeiro

Serena pegou o rosto de Drew nas mãos e soprou vapor nas lentes dos óculos. Depois tirou o vapor com a ponta de seu nariz perfeito.

- Promete que vai a Nova York?

Ela passou a tarde toda sentada ao lado de Drew no fosso da orquestra durante o ensaio.

O regente até a deixara tocar os tímpanos e os sinos! É claro que ela mal teve tempo para ver Drew tocar xilofone. O modo como ele fechava os olhos, franzia os lábios e batia os pés enquanto tocava estava além do adorável. Depois do ensaio, ele comprou para ela um capuccino na cafeteria e eles começaram a dividir um brownie. Mas na hora Serena estava tão encantada que teve de arrastar Drew de volta ao quarto dele no alojamento para uma aula particular de xilofone.

Sei, sei.

Não que ela o tenha livrado da calça elegantemente vincada J. Crew – ele não era esse tipo de cara –, mas ele definitivamente sabia beijar. Agora eles estavam deitados entrelaçados na cama estreita dele, as roupas amarrotadas e os cabelos embaraçados.

Serena queria ficar daquele jeito pelo resto do fim de semana; infelizmente, ela precisava ir.

- E aí, acha que vai decidir vir para cá no outono?

- Com toda certeza – disse Serena a meia-voz. Ela aninhou a cabeça no peito dele. – Não sei como vou agüentar até lá sem você.

Só faltavam duas semanas para Drew terminar o segundo ano. Depois ia passar o verão em Moçambique para estudar percussão.

Drew beijou o cabelo dela.

- Vou lá te visitar antes de ir, e vou escrever todo dia enquanto estiver fora.

Ai.

Serena fechou os olhos e o beijou por um longo tempo. Era hora de jantar e o alojamento estava silencioso. Depois, de repente, vozes ressoaram no corredor à medida que as pessoas voltavam a seus quartos para fazer o que todo mundo faz depois do jantar na universidade – estudar, paquerar a gostosona no corredor, fingir que está estudando, fazer cosmos, jogar strip poker, pedir pizza.

A porta se abriu e Drew se afastou de Serena.

Um rapaz ruivo de boné de beisebol e short de basquete preto parou na soleira da porta.

- Oi. Quê que ta pegando? – disse ele com um forte sotaque de Massachusetts.

- Wade, Serena. Serena, meu colega de quarto, Wade. Serena é de Nova York. Ela está indo para a Brown – explicou Drew parecendo aturdido.

Serena se sentou e limpou a boca.

- Só parou para dar uma olhada em Harvard – observou Wade num tom de zombaria. –

Parece que achou legal.

Serena ficou ainda mais vermelha. Ela pos os pés no chão e calçou os sapatos Calvin Klein de camurça marrom.

- É melhor eu ir. Meu motorista está esperando há uma hora.
- Eu te acompanho – ofereceu-se Drew. Assim que saíram do quarto e desceram o corredor para as portas de saída, Drew deu um pequeno aperto na mão de Serena.
- Nos últimos dois anos Wade tem me enchido o saco por não ter namorada. Acho que ele não esperava me ver com alguém tão... – Sua voz falhou e ele mordeu o lábio, como se estivesse constrangido pelo fluxo de adjetivos que estava prestes a sair de sua boca.

Gostosa de dar água na boca? Magnificamente esplendida?
Soberbamente succulenta?

Mulher?

Serena sorriu para Drew enquanto ele mantinha a porta aberta para ela, as bochechas rosadas com o jato de amor. Drew não precisava terminar a frase. Ela sabia como ele se sentia, porque ela sentia exatamente a mesma coisa com relação a ele.

Um sedã Lincoln cinza estava esperando na base da escada, pronto para tirá-la de Providence. Ela passou os braços no pescoço de Drew, apertou o rosto no dele e inalou numa tentativa de absorver o máximo possível dele.

- Eu te amo – sussurrou Serena no ouvido dele antes de se afastar e correr pela escada até o carro.

Drew ergueu a mão para da adeus e o carro arrancou, deixando Serena sorrindo e chorando e mais feliz do que se sentira há muito tempo. Pelo tempo que demorou para descobrir o verdadeiro amor.

Um amor que ia durar no máximo uns trinta segundos.

B aprende uma coisinha na faculdade

- Tá legal, quer ouvir uma coisa totalmente grossa? – Forest, uma das colegas de quarto de Rebecca na Georgetown, perguntou ao grupo.

Blair estava sentada à mesa redonda com Rebecca e as três colegas de quarto ao fundo do Moni Moni, um bar de karaokê brega de Georgetown. Um ônibus de turismo cheio de húngaros com cara de nerd e moletom monopolizou o aparelho de karaokê, dando tudo de si em Staying alive, dos Bee Gees. Blair e as outras meninas bebiam coquetéis geladíssimos e verdes sabor kiwi chamados Kiwi, o Homem da Neve, enquanto fingiam não perceber como era irritante a suposta musica. As bebidas eram ridiculamente fortes e elas estavam tendo problemas para elaborar as frases.

- Tenho certeza de que vai nos contar, mesmo que a ente não queira saber – respondeu Gaynor, que tinha cabelos pretos com mechas louras e um nariz que era tão achatado que Blair podia ver direto por dentro.

Não que ela realmente estivesse olhando.

- Vai contar ou não? – gemeu Rebecca.

- Tá legal – disse Forest lentamente. Ela acendeu um cigarro e fez uma pausa dramática.

Forest era coreano-americana e tinha um cabelo pintado de louro que teria ficado muito melhor se ela deixasse ser castanho.

Não que Blair ligasse o suficiente para dizer alguma coisa.

- Então vocês sabem como Georgetown deve ser totalmente de amor fraternal e não tem fraternidades e nada deve ser competitivo, né? Bem, eu acabei de descobrir uma fraternidade clandestina de lacrosse que, para a iniciação, os caras mais velhos fazem os mais novos comerem um biscoito com o próprio esperma.

É tipo um ritual. E se você, tipo assim, não comer o biscoito, não entra no time.

Todas fizeram careta, inclusive Blair. As vezes os meninos eram tão... nojentos. Menos Nate, que nunca faria nada nem remotamente tão revoltante.

- Você é de Nova York? – sibilou Fran, que tinha só um metro e meio, pesava uns 35

quilos e falava aos sussurros. Sua pele era tão transparente que Blair pensou que realmente podia ver o Kiwi, o Homem de Neve, bombeando pelas veias dela. – Só fui lá uma vez. Peguei uma intoxicação alimentar num restaurante de sushi e passei a semana toda vomitando.

- Como se você já não vomitasse bastante – sacaneou Forest, sugerindo que o tamanho diminuto de Fran era auto-imposto.

- Conhece um cara chamado Chuck Bass? – perguntou Gaynor a Blair.

Blair assentiu. Todo mundo conhecia Chuck, quer gostasse ou não.

- É verdade que ele não entrou pra lugar nenhum? – perguntou Rebecca, esmagando o gelo entre os dentes ligeiramente projetados para fora.

- Esse ai é um perigo – disse Forest, sem um pingão de simpatia.

Blair bebeu o drinque em silencio. Como Georgetown estava ficando cada vez menos atraente e basicamente não tinha alternativas, ela quase podia se solidarizar com Chuck.

- Conhece Jéssica Ward? – perguntou Rebecca. – Ela veio aqui por um período e depois foi transferida para a Universidade de Boston.

Blair sacudiu a cabeça. Não conhecia Jéssica, mas podia entender por que pediu transferência.

- Você conhece Kati Farkas? – perguntou Fran. – Fomos para o acampamento juntas.

Blair assentiu, fatigada. O jogo estava ficando cansativo.

- Ela é da minha turma da Constance.

- E Nate Archibald? – perguntou Gaynor. Ela cutucou o braço de Forest e ergueu as sobrancelhas sugestivamente. – Lembra dele?

Forest a cutucou também.

- Cala a boca – rebateu ela, parecendo ao mesmo tempo irritada e triste.

Blair se eriçou.

- O que tem ele?

- Ele veio aqui uma vez. E, fala serio, era o maior chapado que eu já vi. Mas eu soube que ele foi recrutado para o lacrosse em todas as melhores universidades, até Yale. Não acho que ele tenha se incomodado de se inscrever para cá. Ele não precisa disso.

- Nate Archibald – repetiu Fran. – todas ficamos apaixonadas por ele. – Ela riu rispidamente. – Especialmente Forest.

- Cala a boca! – rebateu Forest de novo.

O estomago de Blair se revirou. Agora os húngaros estavam assassinando Eminem. Na, na, na, na, na. Na, na, na, na, na, cantavam o rap deu uma forma exasperante. Ela empurrou a bebida.

- Nate entrou para Yale? Mas que cascata – disse ela, quase para si mesma. Mas, quando se tratava de Nate, ela nunca sabia no que acreditar.

- Por que a gente ia mentir pra você? A gente nem te conhece. – respondeu Gaynor feito uma cretina.

Blair a encarou por um momento e depois se curvou para pegar a bolsa debaixo da mesa.

- Volto já – anunciou ela e em seguida cambaleou até o banheiro.

N de namorado

Brigid tinha entrevistado Nate no outono anterior, então já sabia que ele passava todo verão, desde que nasceu, velejando no Maine. Por causa disso ela supôs que ele gostava de lagosta. E por que devia ser generosa com tudo do melhor para seduzi-lo a ir para a Brown, ela o levou ao restaurante Citarella, onde havia reservado um lagosta gigante para dois, com uma garrafa de Dom Pérignon e uma cesta de pommes fritos.

- Fui criada no Maine – explicou ela, mexendo nas perolas. – Em Camdem. Toda a minha família velejava e comia lagosta.

A verdade era que Nate achava lagosta uma coisa meio ridícula, tipo um personagem de desenho animado que podia dançar com o rabo, segurar um microfone na garra, cantar e contar piadas e fazer as pessoas rirem. Certamente não era o tipo de comida que ele queria quando estava com larica.

Quer dizer, basicamente o tempo todo.

- É isso. – Brigid completou a taça de champanhe, embora o garçom tivesse acabado de encher. Ela agora estava com um vestido laranja decotado e usava brilho labial reluzente e maquiagem. O cabelo louro-avermelhado fora escovado pouco e ela estava ainda mais bonita do que pela manhã, no campo de lacrosse do parque. Ela mexia nervosa na haste da taça. – mas chega de falar de mim. Você, hmmm...? – Ela mordeu o lábio. – Tem namorada?

Nate remexeu a salada, lambuzando as folhas com queijo de cabra. Ele tinha certeza absoluta de que o vestido decotado e o comportamento de paquera de Brigid estavam além de sua missão de levá-lo a se matricular na Brown. Ele suspeitava de que ela

tivesse uma queda por ele. Mas ela ainda era a entrevistadora da Brown ele queria causar uma boa impressão.

- Hmmm. Mais ou menos – disse ele, hesitante. – Quer dizer, às vezes ficamos juntos e às vezes não.

Ela pareceu gostar da resposta.

- Estão juntos agora?

Nate sempre preferia cerveja a champanhe, mas bebeu ao estilo de Blair. Em tese, ele e Blair estavam juntos de novo, felizmente, ufa. Mas eles não tinham exatamente discutido os termos da relação. Dar mole para funcionárias da admissão da Brown pode ser considerada traição?

De repente o celular tocou e ele o pegou no bolso, xingando-se por ter esquecido de desligar antes do jantar. Ele olhou para a telinha do telefone. Por falar no diabo...

A cabeça de Nate estava meio tonta dos seis cachimbos de bagulho que tinha fumado na casa de Anthony Avuldsen antes de sair. Falar com Blair podia trazer algum sentido a ele.

- Hmmm, preciso atender essa – disse ele a Brigid. – Oi – disse ele ao telefone.

- Alô – respondeu Blair com frieza – Antes que diga alguma coisa, tenho de te fazer uma pergunta.

A voz dela estava entrecortada, como se ela estivesse tentando usar o menor número de sílabas possível. Nate entendeu que ela andava bebendo.

- Tá legal.

- Me fala a verdade. Você se candidatou a Yale?

Ah, cara.

Nate pegou o champanhe e virou todo. Porra! Ele se xingou em silêncio. Porra, porra, porra. Definitivamente não havia resposta certa. Se dissesse sim, era um canalha e mentiroso e se dissesse não, era um canalha mentiroso.

Brigid estava sorrindo para ele com expectativa, os lábios brilhantes, cheis de batom.

Pelo menos ele podia se consolar com o fato de que Blair estava em Georgetown, a quilômetros de distancia, e ele estava jantando com a entrevistadora da Brown, louca para vê-lo nu. Ele decidiu contar a verdade.

- É, eu me candidatei. E acho que entrei.

Blair fez um barulho estranho de gorgolejo, depois Nate ouviu o som distinto e conhecido de Blair vomitando no banheiro.

- Vai se foder. – rosnou ela ao telefone antes de desligar.

Nate desligou o celular e pôs no bolso. O garçom tinha chegado com a lagosta.

- Cara, isso parece ótimo – disse Nate, a voz meio oca.

- Quer dividir a cauda? – perguntou Brigid, lidando com o crustáceo fervente com uma facilidade de especialista. Ela apontou para as garras de aço inox que o garçom tinha trazido. – Ou começamos por uma pata?

O que Nate realmente queria era dar uns tapas e depois comer uma tigela de sorvete de chocolate Breyers enquanto entrava em coma diante de Matrix, que ele já vira umas 18

vezes.

Brigid baixou a lagosta.

- Você está bem?

Ele deu de ombros.

- Acho que a minha namorada acabou de terminar comigo de novo.

Os olhos verdes de Brigid se arregalaram.

- Coitadinho. – Ela fez um gesto para o garçom. – Pode levar isto? – ela empurrou a cadeira. – Vamos. Vou te comprar uma cerveja e um cigarro.

Nate tentou dizer a si mesmo que, como Blair não estava ali para assassiná-lo naquele momento, ele praticamente estava seguro e devia curtir as próximas 24 horas antes de ela voltar. Ele podia ficar com Brigid se quisesse.

A questão era que ele estava cheio de ficar sempre terminando com Blair quando os dois sabiam que deviam ficar juntos pelo resto da vida. E, ao contrario de Blair, ele não ligava para que universidade ia. Na verdade, para ele seria ótimo não ir a faculdade nenhum por alguns anos. No que lhe dizia respeito, a única maneira de se nivelar com Blair era conseguir que revogassem a admissão a Brown e Yale. E que melhor maneira de fazer isso do que agir como um babaca.

- Foda-se – disse Nate em voz baixa. Ele se levantou e ajudou Brigid com o casaco de brim que estava pendurado nas costas da cadeira. Os dedos dele roçaram no pescoço dela enquanto ele puxava os cabelos de Brigid da Gola. Estavam muito próximos, e o hálito de Brigid tinha cheiro de Hawaiiin Punch. – O quanto a Brown me quer? – murmurou ele na orelha dela.

Os olhos verdes de Brigid se arregalaram.

- Muito – sussurrou ela, meio insegura.

O garçom deu a Nate um saco plástico com uma lagosta de 9 quilos embrulhada para a viagem. Ele a largou na mesa e passou o braço na cintura de Brigid.

- Me mostra – disse Nate a ela asperamente, insatisfeito com o som da própria voz.

Acho que ele não estava falando da lagosta.

S pega a estrada menos percorrida

Só a meia hora de viagem de Providence, Serena pediu ao motorista que parasse num posto de gasolina. A loja de conveniência era pequena e mal abastecida, mas ela comprou uma Coca, uma barra de Twix e um jornal local para ter alguma coisa para fazer enquanto ficava extasiada com Drew. Um rapaz estava parado ao lado das bombas, segurando uma placa que dizia BROWN. Usava um jeans desbotado, uma bonita camisa listrada de azul e branco e docksiders sem meias. Nas costas havia uma complicada mochila roxa e branca, do tipo que as pessoas usam em caminhadas longas. O cabelo crespo e preto parecia limpo e ele parecia bastante normal.

- Precisa de uma carona? - gritou ela.

O garoto girou a cabeça.

- Eu?

Serena gostou de como os olhos castanhos dele se abriram, enormes.

- Consegui um motorista para nos levar lá. Vamos - ofereceu ela.

O rapaz sorriu timidamente e a seguiu até o carro. Sentou-se ao lado da porta e pôs a mochila entre os dois. Uma bandeirinha italiana estava costurada nela. Serena bebeu a Coca e fingiu ler o jornal. Depois o garoto pegou um bloco de desenho e um lápis na mochila e começou a rabiscar.

No começo Serena achou que era um dever de casa ou uma carta, mas depois ela bocejou e apoiou a cabeça no encosto do banco, dando uma olhadinha no que o garoto estava escrevendo. Para sua grande surpresa, ele a estava desenhando. As mãos dela, para ser mais exata.

- Posso ficar com ele depois que terminar? - perguntou ela.

O garoto deu um salto, como se pensasse que tinha sido realmente esquivo e misterioso com o fato de que a estava desenhando. Ele fechou o bloco e enfiou o lápis atrás da orelha.

- Desculpe.

- Esta tudo bem. - Serena esticou os braços para cima e deixou as mãos caírem no colo. -

Eu estou meio deslumbrada mesmo. Vai nessa. Continue desenhando.

Ele abriu o bloco de novo.

- Não se importorta?

- Não. - Afinal, era uma modelo profissional. Ela se sentou ereta e cruzou as mãos da mesma forma que estavam antes. - Assim está bom?

- Hmmmm - respondeu o rapaz, a cabeça curvada sobre o trabalho. Ele tinha uma pele azeitonada escura e cachos grossos de cabelo, e tinha um cheiro de hortelã fresca.

Serena fechou os olhos, tentando se lembrar de como era o cabelo de Drew. Ela se lembrava que o cabelo de Wade, o colega de quarto dela, era ruivo.

E o Drew era meio... louro-escuro? Castanho? Ela sinceramente não conseguia se lembrar. Serena abriu os olhos de novo e olhou para o garoto. A nuca dele parecia macia e marrom. Se tivéssemos filhos, eles teriam um bronzado de anos e cabelos castanho-alarados que ficam tão bonitos no sol, refletiu ela. Depois ela desviou os olhos, apavorada. Qual era o problema dela? Nem sabia o nome dele!

O garoto ergueu os olhos novamente.

- Você vai para a Brown?

Serena continuou olhando a janela. Estava suja e ela podia ver o próprio reflexo. As pálpebras pretas era curvas e os olhos castanhos dele eram maravilhosamente suaves, como os olhos do Bambi ou coisa assim.

- Ainda não, mas posso ir no ano que vem.

Peraí, ela não estava toda doida por Harvard só uns cinco segundos atrás?

- Espero que sim - disse ele baixinho antes de voltar a desenhar.

Serena não sabia o que estava dando nela, mas estava totalmente ligada. E se eu o agarrar e o beijar?, perguntou-se ela. O motorista estava ouvindo um jogo de beisebol no rádio; nem ia perceber.

- Sabe de uma coisa, você daria um ótimo modelo artístico - disse o garoto. - Podia ficar sentada nas aulas de desenho anatômico na Brown. O professor Kofke sempre está procurando por bons modelos.

- Obrigada. Na verdade, já fiz alguma coisa como modelo - começou Serena, mas depois se calou por medo de parecer uma pirralha.

O garoto pôs o lápis atrás da orelha, analisando o desenho.

- Eu nem me importo se a modelo é bonita ou não. Em geral só faço mãos.

Serena espiou por sobre o ombro dele. Ele realmente tinha cheiro de hrtelã.

- Você fez minhas mãos muito mais bonitas do que são. Olha só a unha do polegar: eu roí toda! E este aqui... - Ela ergueu o dedo mínimo. - Minhas pobres cutículas!

Mas o rapaz não estava olhando. Ele abriu um bolso lateral da mochila, pegou uma folha de papel e passou a ela.

Serena abriu a folha. Era um pedaço retirado de uma revista.

- Abdome Mais Firme em Sete Dias. - Ela leu o título.

- Do outro lado - disse o rapaz.

Ela virou o papel. No verso havia um anúncio de Lágrimas de Serena. Lá estava ela, chorando na neve no Central Park, usando um vestido amarelo.

- Seu nome é esse mesmo? Serena? - perguntou ele, olhando-a com olhos de Bambi.

- É.

Ele pegou o papel de volta.

- Eu menti sobre fazer mãos. Pensei que estivesse sonhando quando você me pegou no posto de gasolina. Eu pinto você há dois meses. A partir desta foto. Ainda não terminei.

Está no ateliê, lá na Brown. - Ele dobrou o papel e o pôs na mochila. Depois estendeu a mão. - Meu nome é Christian.

Serena deixou a mão se demorar na dele. Pensou que ficaria assustada, mas em vez disso ficou mais ligada que nunca.

- Você se importaria de me mostrar um pouco quando a gente chegar lá? - perguntou ela.

- Eu devia encontrar o meu irmão, mas já estou tão atrasada que ele já deve estar num bar ou coisa assim. - Erik não ia ligar se ela desse bolo nele. Irmãos e irmãs sempre davam bolo uns nos outros o tempo todo. Alé disso, Christin tinha muito mais a oferecer do que uma visita guiada.

É apostado que tinha mesmo.

b se une à irmandade exclusiva da georgetown

Os húngaros tinham ido embora, substituídos por tês mulheres com uniformes da segurança do Museu Smithsonian cantando Whitney Houston. And IeeeeeeIeeeI will always love you!

E vem me falar de sofrimento.

No momento em que desligou o celular, Blair foi para o bar e pediu uma jarra de margarita cor-de-rosa de grapefruit para a mesa.

- Gente, vocês salvaram a minhavida - disse ela a Rebecca, Forest, Gaynor e Fran enquanto baixava a jarra. Em resposta, as meninas balançaram a cabeça, bêbadas. Blair se sentou, acendeu um cigarro, deu um trago e depois o passou a Rebecca.

- Estou tão feliz por você ser a guia, e não um mané qualquer.

Rebecca passou o cigarro pela mesa e as meninas misturaram o brilho labial formando um borrão cor de ameixa no filtro.

- No mês passado a Forest estava levando um aluno em potencial... um cara. Eles foram pegos pelo reitor de graduação praticamente transando na lavanderia. Ela foi demitida da admissão.

- Cale a boca - gemeu Forest, mas estava sorrindo.

Blair tentou imaginar como teria sido sua visita se o guia fosse homem, mas, com a sorte que sabia que tinha, ele seria um nerd total. Ela olhou para Forest, perguntando-se se talvez devesse dizer uma coisa, que o cabelo tingido de louro parecia vagabundo e meio de puta e que não admirava que o escritório de admissão não a quisesse como guia. Mas, como estava bêbada feito um gamb, disse uma coisa totalmente diferente.

- E aí, alguma de vocês ainda é virgem?

As quatro meninas riram e se chutaram por baixo da mesa. Blair acendeu outro cigarro, sentindo-se um tanto irritada por ter chegado ao ponto de admitir que era virgem dinte de quatro bregas tão patentes.

- Não precisam me contar, se não quiserem.

Rebecca piscou os olhos de bêbada, tentando se recompor.

- Na verdade, todas nós somos. Olha, fizemos um pacto. - Ela olhou para as amigas na mesa. - Georgetown não tem fraternidades, mas a gente meio que criou uma. Chamados de a irmandade do celibato.

Blair arregalou os olhos. Estava prestes a ser doutrinada em uma espécie de culto à virgindade e estava tão bêbada, triste e vulnerável que parecia mesmo uma boa idéia.

- A gente não é, tipo assim, contra namorar nem nada disso. Deus me livre. Todas nós fazemos tudo, menos ir até o fim - esclareceu Gaynor. Ela coçou o nariz arrebitado.

- Estamos nos guardando para o casamento.
- Ou pelo menos para o verdadeiro amor - esclareceu Fran. - Eu nunca vou me casar.
- Os pais de Fran se casaram e se divorciaram três vezes cada um - observou Rebecca.

Blair apagou o cigarro. Nate que se foda. Yale que se foda. De repente ela não queria nada a não ser brindar a essa pequena irmandade.

- Eu também - admitiu ela. - Quer dizer, também sou virgem.

As quatro meninas a encararam surpresas, como se não pudessem acreditar que uma garota sofisticada de Nova York como Blair não tivesse experiência nenhuma com sexo.

- Você tem de se juntar a nós totalmente - disse Fran no característico sussurro áspero e intenso. - E, quando vier para cá, vamos ficar todas juntas. Não só até a formatura, mas para sempre!

Blair pôs os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente, pronta para a ação

- O que é que eu tenho de fazer?

As quatro meninas riram de um jeito leviano, como se simplesmente adorassem os ritos de iniciação.

- Sou o membro mais novo - explicou Forest
- Antes, o cabelo dela era quase preto - acrescentou Gaynor.
- Primeiro você tem de deixar a gente raspar suas pernas - disse Fran.

- E depois vamos descolorir seu cabelo - acrescentou Rebecca.

E elas tinham problemas com toda a história de esperma-no-biscoito?

Blair se endireitou na cadeira. sua vida estava uma merda e, além disso, ela sempre quis saber como ficaria loura. Ela pegou a bebida e virou na garganta, batendo o copo na mesa quando terminou.

- Estou pronta - disse às novas irmãs.

- Oooobaaaa! - gritaram as meninas em coro e viraram elas mesmas outra rodada.

- Se eu não comer alguma coisa logo - murmurou Rebecca -, vou apagar.

- Eu também - concordaram as outras meninas.

- Vamos comprar numa loja antes que feche - acrescentou Rebecca.

- Podemos pegar uns lanches combinados ou coisa assim.

Nhammm... De repente elas até conseguem uns torresminhos!

Blair pegou a bolsa e se levantou, trêmula.

- A última a chegar no táxi é uma piranha bêbada e virgem.

As cinco meninas deram-se os braços e cambalearam para a noite.

Pergunta: Mesmo que fossem suas melhores amigas, você deixaria que quatro piranhas bêbadas e virgens raspassem suas pernas e tingisse seu cabelo?

dois é companhia, três é multidão

- Isso é incrível! - Dan entusiasmou-se enquanto via o espaguete fervendo na panela. Ele olhou para Vanessa, que estava em pé ao

lado dele, fatiando cebolas em uma tábua de corte equilibrada na pia. Lágrimas de cebola rolavam pelo rosto dela. Ele lhe deu um beijo molhado na bochecha. - Olha só a gente.

Vanessa riu e o beijou também. Na verdade, todo esse negocio de morar junto era divertido. Ruby tinha partido cedo naquela manhã e, com uma corrida de táxi cheio de coisas, Dan se mudara. Eles passaram a tarde na mercearia e compraram coisinhas idiotas para o apartamento, como ímãs de geladeira, lençóis pretos com ÓVNIS em verde néon.

Agora estavam cozinhando a primeira refeição juntos como casal.

Se é que se pode chamar espaguete com cebola e molho pronto de cozinhar.

Dan passou as mãos por baixo das saias da Vanessa e apagou o fogo com a outra. O

jantar podia esperar. De rosto colado, eles saíram tropeçando da área aberta da cozinha para a sala, onde caíram no futon de Ruby, que agora era o sofá da sala. Ainda tinha cheiro de Poison da Christian Dior e daquele chá de alcaçuz que Ruby estava sempre tomando, mas agora era todo deles e os dois podiam transar nele sempre que quisessem.

- O que vamos fazer na segunda, quando nós dois não vamos querer ir na escola? -

perguntou-se Vanessa em voz alta enquanto Dan descia por seu braço aos beijos.

As mãos dela estavam com cheiro de cebola.

- Matar aula? A gente não precisa se preocupar em entrar para a faculdade - disse Dan.

Ela tirou o cinto da calça dele e bateu no traseiro de Dan.

- Que menino rebelde. Lembra do que o seu pai disse? Se suas notas caírem, vai ter de voltar para lá.

- Ei, isso é bom - brincou Dan.

- Ah, é? - Vanessa riu, chicoteando-o com o cinto, desta vez um pouco mais forte.

E então alguém espirrou.

Dan e Vanessa se separaram, assustados. Uma garota estava de pé na soleira da porta.

Cabelo roxo e preto. Short preto. Camiseta preta rasgada Ozzfest. Meias pretas até o joelho. All Star preto cano longo. Tarzia uma espécie de picareta e uma mochila do exército.

- Posso me juntar a vocês? - Ela chutou a porta atrás de si. - Meu nome é Tiffany. Ruby não disse que eu ia ficar aqui?

Ruby não tinha dito nada sobre uma amiga que ia ficar, mas Ruby não era o ser humano mais organizado do planeta.

Vanessa se afastou de Dan num puxão.

- Ruby foi para a Alemanha hoje. - Depois ela percebeu que Tiffany tinha entrado sozinha. - Ela te deu a chave?

- Eu já morei aqui - explicou Tiffany.- Sua irmã e eu fomos colegas de apartamento por um tempinho. - Ela entrou e largou as coisas em cima do futon onde eles estavam sentados. Depois ele se curvou e abriu a mochila. Uma cabecinha com olhos de conta e bigodes saiu dali. Tiffany pegou a criatura e aninhou como se fosse um bebê.

Dan ficou lívido. Parecia um rato.

- O que é isso? - perguntou Vanessa, intrigada. Ruby nunca falou de ninguém chamado Tiphany, mas Ruby morou sozinha em Williamsburg um ano inteiro antes dos pais deixarem que Vanessa viesse de Vermont para morar com ela. Muita coisa deve ter acontecido naquele ano e Vanessa nem estava sabendo.

- Este é o Tooter. É um furão. Ele tem uns problemas de gases e meio que gosta de roer livros. Mas ele dorme todo enroscado do meu lado toda noite e é feito uma boneca. - Ela ergueu a criatura para Vanessa. - Quer segurar?

Vanessa estendeu a mão para o animal esquelético e o segurou nos braços. O furão olhou para ela com os olhos de conta marrom.

- Não é uma gracinha? - perguntou ela, e sorriu para Dan. Ter hóspedes fazia com que ela se sentisse ainda mais casada com Dan, e Tiphany parecia mais legal e mais interessante do que qualquer pessoa da escola dela, disso Vanessa tinha certeza.

Dan não retribuiu o sorriso. Estava no auge da mera felicidade desde que abriu as cartas de aceitação das universidades. ia para a faculdade tinha voltado com Vanessa. Eles estavam morando juntos. Tudo estava tranqüilo e bom. Tiphany não fazia parte da equação.

- Pra que serve isso? - perguntou Vanessa, apontando para a picareta.

Tiphany pegou-a e a balançou no ar algumas vezes. Depois apoio-a na parede.

- Trabalho. Estou no ramo da construção civil. Demolição, principalmente. Peguei um projeto grande lá pelo Brooklyn Navy Yard e eu meio que fiquei sem teto no momento.

Então foi muito legal da parte de Ruby me deixar ficar aqui.

Vanessa se virou para Dan.

- O macarrão - disse ele com urgência.

Dan se levantou e foi para a cozinha. Ele abriu o vidro de molho pronto, despejou o conteúdo e as cebolas em uma frigideira e acendeu o fogo máximo. Depois despejou a panela fervente de macarrão no escorredor da pia. Pegou três tigelas no armário.

- Acho que quem quiser comer, pode comer - gritou ele.

- Estou cheia de fome. Ah, e tenho um presentinho pra gente. - Tiphany vasculhou e pegou uma garrafa pela metade de Jack Daniels. Pôs um pouco do uísque na tampa da garrafa e estendeu para Tooter. - Dá pêlo no peito dele - disse ela a Vanessa, e tomou um gole da garrafa.

Vanessa passou a ela o furão e foi ajudar Dan a encontrar os talheres.

- Tudo bem?- sussurrou ela.

Dan não respondeu. Colocou uma colher de café instantâneo em uma caneca e misturou com água quente da torneira. Tiphany colocou Tooter no chão e o furão disparou para uma pilha de livros de poesia de Dan e começou a mordiscar.

- Não! - gritou Dan, atirando a colher no pequeno roedor.

- Aí, não grita com ele! - gritou Tiphany, pegando Tooter novamente e segurando-o junto ao peito - Ele é só um bebê.

Vanessa ofereceu-lhe uma tigela de espaguete.

- Dan é poeta - disse ela, como se isso explicasse tudo.

- Dá pra perceber - tornou Tiphany sem o menor sinal de amargura. Ela pegou a tigela e levou para o futon para comer. Tooter ficou ao

lado dela, balançando as patas na borda da tigela, e começou a chupar o macarrão ruidosamente.

De repente todo o apartamento se encheu de um fedor de ovo podre, leite azedo e enxofre queimado. Tiphany cobriu a boca com a mão.

- Opa! Tooter apitou!

Que coisa mais empata-foda.

- Meu deus. - Dan pegou um pano de prato e o apertou no nariz e na boca.

-Ah, qual é - sussurrou Vanessa com os dedos fechando o nariz - Não é tão ruim. Ela é legal.

Dan a encarou sobre o pano de prato. Ele podia se sentir desabando do topo em que estava a uma velocidade alarmante e estava decepcionado consigo mesmo por ficar tão irritado com uma garota que na verdade parecia perfeitamente legal, daquele jeito bobinho de quem adora furões.

Ele atirou o pano de prato para o lado, serviu-se de um pouco de espaguete e foi para a outra ponta do futon.

- E aí - começou ele, decidindo fazer um esforço - ,qual é a sua faculdade?

Tiphany riu e enrolou espaguete no garfo.

- A escola da vida - respondeu ela alegremente.

- Legal - respondeu Vanessa. - Quero te entrevistar para o meu filme.

- Legal - concordou Dan com um pouco de entusiasmo demais.

Talvez não seja tão legal assim.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

DE ONDE SOMOS?

Já se perguntou como seria a vida se você fosse para uma escola diferente de uma cidade diferente e tivesse um grupo de amigos totalmente diferente? Provavelmente você seria completamente diferente do que é agora; ia falar diferente, se vestir diferente. Você ia fazer atividades diferentes depois da aula, ouvir musica diferente. Bem, é exatamente o que está acontecendo com esse negocio de pra-que-universidade-eu-devo-ir?. É claro que seus pais e professores lhe dirão que não importa aonde você vá, e sim o que você fizer.

Tenho certeza de que isso é verdade em parte. Mas se eu não me adaptar a uma certa faculdade porque todo mundo usa jeans Seven em vez de Blue Cults ou acha que é pretensioso carregar seu filhote de poodle caramelo para toda parte numa trela da Burberry, eu quero saber agora.

Não que o jeans ou o cachorro façam uma mulher. Bom... na verdade, eles meio que fazem sim.

O bom nessa historia todo é que se um de nós tiver dado ou estiver a ponto de dar alguma mancada do tipo altera-status, vamos pintar

a tela em branco da faculdade com o que reinventarmos de nós mesmos. E que parece que alguns aqui estarão se reinventando muito. Lembra daquele cara que não entrou pra lugar nenhum? O pai deve teve a brilhante idéia de que o lugar perfeito pra ele era a academia militar. Mais quatro anos de uniforme. Sem Prada. A cabeça quase raspada. E sem monogramas!

Seu e-mail

P: Cara GG,

Vou para Georgetown e tenho certeza absoluta de que vi aquela garota, a B, de que você sempre fala, andando com aquelas bregas num bar de karaokê brega onde só vai gente brega, e ela estava se divertindo pra caramba. Elas estavam totalmente de porre e voltaram para o campus com um cara de Lexus que parecia seboso.

- dia

R: Cara dia,

Estou detectando ciúmes no seu tom? O que essas supostas bregas têm a ver com você?

Acho ótimo que B esteja ampliando os horizontes e fazendo novas amigas.

- GG

P: Prezada GG,

Achei que N já estivesse nas faculdades da Ivy League, mas acho que vi ele e a mulher que me entrevistou na Brown naquele restaurante aonde eu fui com os meus pais, e meio que parecia que eles estavam a ponto de ir pra cama.

Qual é a dele?

- celeste

R: Cara celeste,

Boa pergunta. Talvez ele esteja preocupado que a Brown mude de idéia. Ou talvez ele só esteja cansado de levar tanto fora de você-sabe-quem!

- GG

Flagra

J com um personal shopper na Bloomingdale's tomando mais conselhos sobre lingerie.

Pelo menos ela finalmente está procurando ajuda profissional – graças a Deus! N e a funcionária de admissão da Brown pegando o elevador juntos no Warwick New York Hotel. Deixe-me adivinhar: ela queria fazer uma segunda entrevista. B e quatro louras bêbadas em um Walgreens de Georgetown comprando barbeadores descartáveis e tintura de cabelo loura. S deitada no telhado do ateliê na Brown contando estrelas com um sujeito latino. Cara, a fila dessa garota anda pra caramba! D, V e uma garota mais velha de cabelo roxo e preto que levava um furão em uma cafeteria de Williamsburg, tomando expresso. Parece que D se adaptou bem aos moradores de lá.

Tenho a sensação de que será uma noite longa e sórdida – do tipo bem incomum. Beba montes de Red Bull e Gatorade de manha e na segunda você ficara jovem e novo. Mal posso esperar para saber de tudo!

Pra você que me ama,

gossip girl

a manhã seguinte

- Acho que é bom que eu já esteja na Brown, né ? - disse Nate, todo convencido.

Ele acendeu um baseado que tinha acabado de apertar, deu um tapa e passou para Brigid.

Depois se levantou se levantou e puxou a calça cáqui para cima antes de ir até a janela. O

quarto de Brigid no Warwick New York Hotel dava para um duto de ventilação. O quarto era bom, para quem gosta de padronagem floral e carpete marrom, mas não era exatamente o Plaza.

- Não servem café no quarto nesta espelunca? - perguntou ele.

Brigid estava sentada na cama, nua, com as coberturas frouxamente dobradas pelo o corpo.

- Tem um restaurante lá embaixo, mas eles cobram umas cinco pratos por uma xícara de chá.

Nate girou nos calcanhares.

- E daí? - Ele queria que ela sentisse que a noite toda fora um equívoco. Que aceita-lo na Brown tinha sido um erro.

Ela balançou o baseado na borda de um cinzeiro de vidro.

- Sabe de uma coisa, em geral eu não faço isso - disse ela, os olhos azul-esverdeados dardejando para cima e para baixo do corpo dele como se tentasse ler Nate.

Nate abriu o armário de madeira do outro lado da cama e ligou a Tv. Começou a ver um debate esportivo na MSNBC, ignorando-a de propósito.

- Eu gosto de você. Você sabe disso, não é? - perguntou Brigid, os olhos queimando buracos nas costas dele. - Fizemos isso porque gostamos genuinamente um do outro?

Nate não respondeu.

Brigid puxou as cobertas até o queixo.

- Não vai dizer nada a Brown sobre isso, vai?

Ele desligou a TV e atirou o controle remoto na cama. Brigid agora parecia preocupada, e era exatamente isso o que ele queria.

- Talvez sim - respondeu ele. - Talvez não

Ela mordeu o lábio. O cabelo louro-avermelhado apontava para todo lado.

- Sua admissão será retirada- alertou ela.

Perfeito. Nate enfiou os pés nos sapatos e vestiu a camiseta meio desabotoada pela cabeça.

- Eu posso ser demitida.

Ele pegou o baseado do cinzeiro e fumou.

Ele pegou o baseado do cinzeiro e fumou.

- Tenho de ir - sibilou ele, segurando o trago. Tinha um brunch com a treinadora de Yale dali a uma hora, e queria ficar bem e chapado primeiro. Ele apagou baseado entre os dedos e o enfiou no bolso. - Talvez a egnte devesse ter trazido a lagosta - disse ele a Brigid, enfiando a camisa na calça.

Ela abriu a boca e depois fechou novamente. Os olhos dela estavam com a borda vermelha, côm se tivesse a ponto de chorar.

- É isso?

- É isso - disse Nate, e depois girou e saiu rapidamente.

Tchauzinho!

No corredor ele apertou o botão do elevador e esperou com a testa apoiada na parede. Ele nunca foi tão desagradável com ninguém -

pelo menos, não de propósito -, e se sentiu péssimo com isso. Ainda assim, fez tudo por Blair, e ele não ia mesmo seguir em frente e conseguir a demissão de Brigid. Só o que eu queria era uma carta da Brown dizendo que ele, no fim das contas, não ia ir lá.

E depois dessa pequena performance, ele provavelmente ia conseguir.

A manhã seguinte, parte II

- Não sei bem – disse ela delicadamente. – Eu devia ir para Yale agora. – Ela fechou os olhos. – Este fim de semana tá uma doidera.

- E não acabou ainda, gata. – Erik bocejou. – Nem acredito que ainda estou acordado. São só nove horas da manhã de sábado, pelo amor de Deus! Mas, aí, vou te mandar um carro.

Ele vai te pegar na estrada à direita do estacionamento daí. E nada de pegar outros desconhecidos em postos de gasolina. Divirta-se em Yale hoje, embora seja melhor vir para a Brown para a gente poder sair. A gente se fala depois. Você sabe que me ama.

Tchau! – tagarelou ele disparadamente antes de desligar.

- Onde é que você está afinal, porra? – Erik.

- Shhhhh – sussurrou Serena ao telefone. – Estou no prédio de belas-artes. Em um ateliê de pintura. – ela olhou para Christian. Estava deitado no chão ao lado dela, dormindo em cima de um pedaço de tela intacto. Havia tinta verde no cabelo dele. – A gente dormiu aqui.

- Ah, dormiram, é? – respondeu Erik num tom de zombaria. – Nem acredito que você está aqui e eu ainda nem te vi. – gemeu ele, fingindo estar magoado, quando Serena sabia que ele provavelmente ficara acordado a noite toda na balada e não queria

outra coisa a não ser voltar a dormir. – E ai, esta apaixonada ou o quê?

Serena sorriu. Os olhos castanhos de pestanas grandes de Christian estavam fechados e sua boca macia estava relaxada.

Ele parecia um bebê dormindo.

Serena desligou, perguntando-se se devia acordar Christian ou deixá-lo dormir. Um bigode de suco de lima tinha secado no lábio superior dele, dos coquetéis brasileiros que ele fizera para ela na noite anterior, e havia manchinhas de tinta verde em toda a sua pele azeitonada. Ela também estava meio suja da tinta e amarrotada, mas Serena era o tipo de garota que podia dormir no chão de um ateliê a noite toda, acordar, sacudir as rugas do jeans, passar os dedos nos cabelos, passar um pouco de ChapStick sabor cereja na boca e voilà – deusa instantânea.

A luz do sol entrava pelas janelas altas de madeiras do ateliê. De onde estava, os prédios de tijolinhos vermelhos do campus da Brown pareciam serenos e sonolentos, quase como uma cidade fantasma. Depois um grupo de alunos andou pelo caminho diretamente na frente da janela, usando calças de moletom velhas e levando canecas de café enormes para a viagem. Serena afastou-se de Christian e calçou os sapatos Calvin Klein marrons.

Encostada na parede do outro lado do ateliê estava a cópia em tamanho natural recém-acabado que Christian fez do anúncio do Lagrimas de Serena. Era difícil entender por que ele usou tanto verde, porque a propaganda era uma foto de um dia de neve em fevereiro, mas, mesmo com todo aquele verde, a pintura era atordoante. E estranha. Christian tinha desenvolvido uma técnica em que usava só uma linha para completar a imagem. Na pintura, os traços do rosto de Serena estavam todos ligados. Seus olhos ligavam-se ao nariz, que se ligava à boca, que se ligava ao queixo, às bochechas, às orelhas, ao cabelo.

Meio que fazia com que ela parecesse uma coisa saída de Shrek, especialmente com todo aquele verde, mas ainda era bonito, de seu jeito peculiar.

Ela pegou o tubo de brilho labial Chanel na bolsa, encontrou uma folha de papel no chão e escreveu Gosto do verde em estocados cor-de-rosa. Venha me ver em NY. Com amor, S. depois empurrou a folha de papel para Christian, pegou a bolsa e saiu na ponta dos pés pela porta.

- Au Revoir – sussurrou ela, virando-se para soprar um beijo ao rapaz que dormia. Ela hesitou. Não era indelicado sair sem sequer dizer adeus? Não quando eles não fizeram nada além de se beijar e dormir nos braços um do outro. Além disso, o bilhete era bem romântico.

Um carro buzinou e Christian se mexeu. Serena saiu furtivamente pela porta e desceu a escada. Jamais gostou de despedida e, se Christian acordasse, nunca ia chegar a Yale.

- Te amo – sussurrou ela enquanto saía do prédio. Ela conhecia bem o campus da Brown, das visitas que fez a Erik, e encontraria o caminho para o estacionamento. Ignorando a calçada pavimentada, ela desceu a ladeira gramada, os sapatos molhados de orvalho e as pernas da calça cobertas de grama recém-cortada, esperando por ela, e de repente Serena teve uma sensação ruim de déjà vu. Foi somente ontem que Drew se despedira dela com um beijo no alto da escada de seu alojamento em Harvard, enquanto o carro esperava para levá-la para Brown? Foi só ontem que ela disse “eu te amo” a outro cara?

É, é isso mesmo. Ontem.

O motorista abriu a porta do carro e ela entrou.

- Eu amo você também – sussurrou ela para Drew como quem se desculpa, embora ele não estivesse ali. Um fim de semana

visitando universidades devia ajudar a esclarecer as coisas, mas Serena se sentia mais confusa do que nunca. Como conseguiria se concentrar na faculdade quando a faculdade estava cheio de rapazes só esperando que ela se apaixonasse por eles?

Sempre havia a Dorna B. Rae College for Women em Bryn Mawr, na Pensilvânia. Eles ainda estão aceitando inscrições.

a manhã seguinte, parte 3

- Pra curar a ressaca, minha irmã.

Blair abriu um olho e viu Rebecca parada diante dela, brandindo um enorme Bloody Mary, completo, com aipo, rodela de limão e um misturador de coquetel em flamingo rosa. O cabelo louro tingido de Rebecca estava recém pintado e ela usava um moletom felpudo cor-de-rosa Juicy Couture e delineador azul elétrico nos olhos.

Curar ressaca. Era exatamente como Blair se sentia - suja e embolada de ressaca. Ela tentou se sentar e depois caiu no colchão inflável de novo, gemendo. O couro cabeludo picava. As pernas ardiam. Ela estava com um cheiro estranho. O que havia de errado com ela?

Sem comentários

- Juro por Deus que você vai sentir melhor depois de beber isso. - Rebecca se ajoelhou e aninhou a cabeça de Blair, como um mãe que oferece um caldo quente a uma filha doente. - É nossa receita secreta.

Mas que coisa tranquilizadora.

Blair se sentou, estremeando enquanto tomava a bebida grossa e vermelha. Tinha gosto de vodca com batata frita sabor churrasco.

Eca!

- Seu cabelo vai ficar muito melhor depois que as raízes começarem a crescer - disse Rebecca a ela. - E de repente você também vai querer tingir as sobrancelhas, para combinar.

Blair tinha se esquecido do cabelo. Ela sabia que agora era loura, ou pelo menos alguma coisa parecida com loura, mas não conseguia suportar olhar até que estivesse em casa ao alcance de toda linha Elizabeth Aren Red Door Salon. Rebecca teria de emprestar um chapéu a ela.

O quarto das meninas tinha duas camas beliche, uma perpendicular a outra para que as quatro amigas pudessem conversar e rir a noite. As camas estavam vazias

- Onde estão as outras? - gransou Blair. Parecia que sua boca tinha sido regada de esmalte de unha.

- Comprando bagels. - Rebecca puxou o cabelo para trás num rabo-de-cavalo apertado. -

Toda segunda comemos bagels e conversamos sobre os caras que podíamos ter dormido com a gente na noite anterior mas não dormiram.

Que diversão maravilhosa.

Blair estava meio de ressaca demais para discutir sobre bagels ou homens.

- Tenho de ir para casa - resmungou ela. Em casa ela podia se deitar na cama, ver filmes antigos e comer croissants da bandeja que Myrtle levaria pra ela. Escreveria um e-mail desagradável para Nate. E não teria de olhar para o perturbador móvel de coelho da páscoa feito de camisinhas vermelhas LifeStyles que as meninas penduraram no teto do quarto do alojamento.

- Você só pode sair quando elas voltarem - insistiu Rebecca. Ela se sentou na cama de baixo do beliche mais perto de Blair, abriu um kit de manicure rosa metalizado e começou a limpar as unhas dos pés com um instrumento pontudo de aço inox. - Vamos ter de te ensinar a saudação especial

Blair decidiu no ato que, se fosse morar em um quarto de alojamento universitário, ia querer um quarto só para ela. De jeito nenhum ia fiar sentada com um abno de garotas enquanto elas futucavam nos dedos dos pés ou montavam móveis de camisinhas. Ela freqüentava escolas exclusivas para meninas desde a primeira serie - já era bastante tempo com mulheres, muito obrigada.

Arrastando-se para se levantar, ela tentou manter a compostura vestida com a camisola azul-clara das meninas Super poderosas que Gaynor emprestara a ela na noite anterior.

Precisava de um banho e depois tinha de ir para casa. Na verdade, o banho que se fodesse. Banhos envolvem banheiros com espelhos - e se ver em um espelho era uma coisa que ela queria evitar a todo custo.

Vestir o jeans, estremeceu quando ela roçou na pele recém-raspada. Depois enfiou a blusa de linho branco pela cabeça, sentindo-se doente demais para usa-la como um top.

Pendurou a camisola atrás da cadeira da mesa de alguém.

- tenho que ir agora - insistiu ela. Um boné de beisebol da geortown estava no chão. - É

seu? - perguntou ela a Rebecca.

- Pode ficar com ele - ofereceu Rebecca generosamente Blair pegou o boné e o colocou.

- Diga a todas que eu agradeço e diga adeus por mim - disse ela fraquinho.

Depois a porta do quarto se abriu num rompante e Forest, Gayor e Fran entraram trazendo sacos de papel cheios de bagels quentes e recém-assados e canecas fumegantes de café. O estomago de Blair se revirou com um misto de náusea e fome.

- Ai, meu deus, você esta indo embora? - lamentou Forest. Ela largou os sacos e se atirou para Rebecca e Blair. - Vamos, meninas, hora da roda!

Blair apertou sua boca bem fechada enquanto o vomito ameaçava jorrar pelos dentes.

Tinha levantado rápido demais. Ou talvez não devia ter bebido aquele Bloody Mary.

Ou deixar que quatro garotas bêbadas raspassem suas pernas e tingissem seu cabelo.

As meninas formaram um círculo fechado, de mãos dadas. Blair balançou entre Rebecca e Forest, o cheio combinado dos perfumes das duas deixando-a ainda mais nauseada.

- O que dizemos...? - sussurrou Fran com um entusiasmo rouco. Parecia a frase de abertura de uma espécie de cântico.

- O que nos dizemos quando ele diz: 'Vamos, você sabe o que quer'? - entoaram as quatro meninas. - Dizemos: 'Peralá, babaca!'

As meninas se curvaram na roda numa espécie de chave de cabeça loura.

- Nada de sexo sem o verdadeiro amor. Amizade agora e para sempre! - Elas se separaram uivando e pulando como lideres de torcida.

- Tenho que ir - resmungou Blair pela décima quinta vez, o estômago ainda revirando.

Ela cambaleou até a porta, esperando chegar no banheiro a tempo, mas era tarde demais.

Em vez disso, teve que arrancar o boné da georgetown da cabeça e vomitar nele.

- Vou chamar um carro para você. - Rebecca pegou o telefone e começou a discar com eficiência. - Não queremos que você perca o avião.

A irmandade era legal, mas ninguém queria uma irmã doente vomitando no banheiro.

- Toma. - Fran estendeu um boné azul com um Y branco. Um boné de Yale. - Pode usar o meu.

Blair levou o boné pro banheiro. Uma olhada de uma fração de segundo no espelho deixou muito claro que ela definitivamente precisava de um boné. E óculos de sol. E de toda uma vida nova.

a manhã seguinte, parte iv

— Ele levou um tempão para se vestir hoje de manhã, apesar de sempre ficar desse jeito. — Dan ouviu Vanessa dizer a Tiphany quando acordou. Ele estava deitado de costas na cama de Vanessa, ouvindo a voz das duas do lado de fora da porta enquanto elas tagarelavam na cozinha, preparando o café da manhã.

Desse jeito *como?*, perguntou-se ele.

— Olha, leva tempo para dominar a arte da camisa meio para fora da calça — respondeu Tiphany. Depois Vanessa disse alguma coisa que Dan não pôde ouvir e as duas deram uma gargalhada.

Tiphany estava cozinhando um ovo no microondas. Vanessa estava com a câmera apoiada no ombro.

— Então me diz por que você preferiu não ir à faculdade — perguntou ela.

Tiphany prendeu o cabelo roxo e preto num nó e abriu a porta do armário para pegar um prato.

— Na verdade, não foi bem uma *escolha* minha. Eu simplesmente não podia me candidatar.

— Então o que você fez quando todo mundo foi para a faculdade?
— incitou Vanessa.

Tiphany pôs duas fatias de pão na torradeira e depois abriu todas as gavetas da cozinha, procurando por uma faca.

— Por tipo um ano eu só fiquei vadiando. Fui para a Flórida. Morei na praia e fiz piercings em quem quisesse. Depois peguei um emprego de garçomete em um navio de cruzeiro por um tempinho. Depois larguei o navio e fiquei no México, pintando casas.

Depois voltei e comecei a trabalhar em obras. — Ela sorriu e lambeu manteiga na faca.

— Foi uma viagem fantástica.

— Caraca — assinalou Vanessa. Tiphany provavelmente era a pessoa mais interessante e pra cima que ela já conhecera, e ela podia se sentir desenvolvendo uma queda por ela.

Não de um jeito sexual, mas numa espécie eu-queria-ser-como-você.

— Mas se você pudesse fazer tudo novamente, teria ido para a faculdade? — gritou Dan da soleira da porta do quarto.

Ele estava usando uma camisa vermelha desabotoada e cueca samba-canção branca, e o cabelo estava desgrenhado e embaraçado.

— Oi, dorminhoco — respondeu Tiphany, ignorando a pergunta.

— Oi, dorminhoco — disse Vanessa exatamente no mes-mo tom de voz. — Tudo bem?

— Tudo ótimo. — Dan puxava a camisa, pouco à vontade. — Vocês acordaram agora?

— Estamos acordadas *há* algum tempo — respondeu Vanessa vagamente.

Tiphany pegou o ovo no microondas, colocou-o na torrada e levou o prato para a sala.

Havia um volume embaixo do lenço

no futon de Ruby, onde Tooter, o furão, estava enroscado, dormindo. Tiphany pôs um de seus CDs no aparelho de som e aumentou o volume. Era uma coisa alta e áspera que Dan nunca ouvira antes. Certamente não era musica para quem acaba de acordar. Ela dançou para Vanessa e pegou as mãos dela e, para surpresa de Dan, Vanessa começou a dar pulinhos e a rebolar no ritmo da música.

Como é que é?

Vanessa nao dançava. Nunca. O que a Tiphany fez com ela?

Enquanto as meninas dançavam, Tooter deslizou das co-bertas e trotou até os Pumas azuis e dourados novinhos de Dan, que estavam ao lado da porta da frente. Ele os farejou algumas vezes, depois se virou, agachou e começou a urinar.

— Ei! — gritou Dan, correndo para resgatar os sapatos.

— Tooter? — Tiphany parou de dançar.—Está tudo bem, neném. Vem pra mamãe.—Ela se agachou e o pegou nos braços.

—Não tenha medo.

Vanessa se juntou a ela, as bochechas rosadas de dançar.

— Ah, Dan. Você o assustou.

— Não, eu não o assustei.—Dan deu uma palmada com raiva no furão. — Vai para a mamãe, seu merdinha — acrescentou ele em voz baixa.

Em sua cabeça, ele já começara um novo poema, Chama-va-se "Matando Tooter".

a grande estréia de j

— Em fila, meninas. Por ordem de tamanho, por favor! — ladrou Andre, o assistente de fotógrafo.

Eram onze horas da manhã de domingo e Jenny tinha chegado ao estúdio uma hora antes, depois de acordar às seis e passar três horas se arrumando. Tinha tomado um banho, secado o cabelo e se maquiado — três vezes. Na primeira vez ela ficou exagerada, na segunda só parecia meio anormal e na terceira decidiu sensatamente só deixar secar o cabelo no vento e sair sem maquiagem, porque, de qualquer forma, esse era o trabalho do stylist.

A sessão seria no mesmo estúdio do go-see. Desta vez a tela branca e a chaise longue de veludo vermelho não estavam lá, substituídas por um pedaço gigante de grama artificial Astroturf cobrindo o chão e uma rede de vôlei instalada em cima do Astroturf. Quando Jenny chegou, descobriu que não era a única "modelo"

sendo fotografada. Havia outras cinco garotas, e todas pareciam... modelos. O stylist pediu a ela para vestir um top esportivo de Lycra azul-rei da Nike e short de Lycra da mesma cor. Depois penteou o cabelo de Jenny para trás num rabo-de-cavalo e passou um pouco de brilho labial. Jenny se sentia mais pronta para uma aula de educação física do que para uma sessão de fotos, mas percebeu que todas as outras modelos estavam vestidas da mesma maneira.

— Formem uma fila na frente da rede. Depressa, meninas. Isso não é astrofísica —

reclamou Andre.

Como em geral era a garota mais baixa de qualquer grupo, Jenny ficou na ponta da fila, na frente da rede de vôlei, ao lado de uma menina de peito achatado que só era alguns centímetros mais alta do que ela. Depois Andre se aproximou e a pegou pelo braço, arrastando-a para a outra ponta da fila, ao lado de uma garota alta com peitos que eram quase tão grandes quanto os dela. Ele empurrou umas outras meninas na fila.

— Vamos lá — gritou o fotógrafo, andando a passos largos nas pernas atarracadas. Ele coçou o cavanhaque, avaliando a fila. — Coloquem os braços na cintura uma da outra.

As meninas fizeram o que ele disse.

— Não, assim é líder-de-torcida demais. Afastem-se um passo e coloquem as mãos nos quadris. As pernas afastadas. — Ele ergueu a câmera e olhou por ela. — Os ombros para trás, queixo erguido, isso — instruía ele, batendo as fotos.

Jenny fez o máximo para parecer corajosa, forte e desafiadora, como pensava que devia ser uma modelo da Nike. Ela não tinha a musculatura de uma alpinista nem de uma maratonista, mas as outras meninas também não.

— Pra que é isso, afinal?—sussurrou ela à menina do lado.

— Pra uma revista de adolescentes — respondeu a garota.

— Que tipo de expressão você quer que a gente faça? — disse a mesma menina para o fotógrafo.

— Isso não importa. — O fotógrafo subiu em uma escadinha e continuou a fotografá-las.

Jenny relaxou a cara de modelo-desafiadora-da-Nike. O que ele quis dizer com não importa? Ela fechou os olhos e esticou o lábio inferior num biquinho exagerado, testando-o.

— Boa, baixinha! — gritou o fotógrafo.

Jenny abriu os olhos, completamente confusa. Ela arreganhou os dentes e torceu o nariz.

Depois pôs a língua para fora.

— Excelente! — respondeu o fotógrafo.

Jenny riu. Na verdade, era muito mais divertido do que tentar parecer sedutora e bonita.

Pelo menos podia mostrar sua personalidade. E pela primeira vez na vida, diante de uma câmera — de top esportivo, simplesmente —, ela se esqueceu completamente dos peitos.

E isso era uma espécie de milagre.

yale quer ver n com o suporte atlético deles

— Está esperando há muito tempo, treinadora? — perguntou Nate com a voz arrastada enquanto se juntava a treinadora de Yale na mesa do Sarabeth's 45 minutos atrasado. —

Desculpe pelo atraso. Ainda estou um trapo de ontem a noite. — Ele fumou dois baseados depois daquele com Brigid no quarto de hotel. Agora os olhos dele eram meras fendas e ele não conseguia parar de sorrir.

O Sarabeth's era iluminado e florido e estava cheio de mães comendo o brunch com os bebês e pais lendo os jornais de domingo. Todo o lugar cheirava a xarope de bordo.

— Sente-se. — A treinadora apontou para a cadeira do outro lado da mesa. Seus cabelos louros cascateavam pelos ombros e ela usava batom vermelho e uma espécie de top prateado. Parecia a irmã mais velha desaparecida de Jessica Simpson.

— Lindo boné — acrescentou ela com um sorriso. Nate estava usando um dos bonés de Yale que ela lhe dera.

— Também estou com o suporte atlético — disse ele, tentando desesperadamente manter a cara séria. Ele estava ficando meio bom na interpretação de um babaca. Nate pegou um muffin da cesta na mesa e enfiou a coisa toda na boca. — Estou com uma fome da porra—acrescentou ele de boca cheia.

— Coma o quanto quiser—disse a treinadora a ele generosamente.

—Estou acostumada a sair com um time de rapazes famintos.

— Humft—grunhiu Nate. Essa ia ser mais difícil do que ele pensava. Ele pegou uma porção inteira de manteiga com os dedos e enfiou na boca com o muffin.

— Então me diz por que eu devia jogar com esses boiolas. A treinadora bebeu o chá.

— Você é do tipo que gosta de desafios... eu sei disso. Caso contrário, fica entediado.

Você faz coisas de que pode se arrepender depois.

Meu trabalho é te colocar na linha e eu garanto que vou fazer isso.

Nate engoliu todo o naco de manteiga. Não surpreende que o time de Yale estivesse se saindo tão bem esse ano. Ele tinha de admitir, estava impressionado. E depois, convencê-

lo a ir para Yale era a *missão* da treinadora, o motivo pelo qual ela veio a Nova York. E a missão dele era ser desadmitido.

Talvez ele estivesse usando a abordagem errada. Ele limpou a boca e fitou os olhos azuis da treinadora com os olhos verdes irresistíveis.

— Alguém já te disse que você é gostosa?—Ele pôs a mão na perna dela sob a mesa e a apertou.

A treinadora sorriu daquele jeito plácido e confiante.

— Muitas vezes, em especial os rapazes do meu time. De repente Nate sentiu uma dor quente e em estocada na mão.

— Porra! — gritou ele, afastando a mão. Ele aninhou a mão no colo. A treinadora de Yale o havia atingido com o garfo.

Ele estava sangrando!

— E tenho de dizer que me sinto atraída por você. Você é um rapaz bonito. Mas terei de me contentar em ver você naquele suporte atlético de Yale no vestiário só no outono que vem. — Ela pegou a bolsa e atirou um Band-Aid para ele. — Fechado?

De repente Nate percebeu que Yale, afinal, podia ser o lugar certo para ele. E se Blair entrasse? Eles podiam ir para Yale juntos e viver felizes para sempre. Talvez Serena também fosse para lá, e então os *três* viveriam felizes para sempre.

Uma historia improvável.

— Fechado — disse ele e sinalizou para o garçom com a mão boa. Pediu uma cerveja e depois abriu para a treinadora o mesmo sorriso chapado e arrogante que fazia as mulheres desmaiarem e as professoras lhe darem um A quando ele merecia um C.

A treinadora passou o polegar pelos dentes do garfo.

— Acho que vou gostar de ter você no meu time — disse ela.

E *todas* nós vamos gostar de ver Nate de suporte atlético.

yale abre caminho para o coração de s

O guia de Serena em Yale não estava lá, o que não era de surpreender, uma vez que ela estava quase uma hora atrasada.

— Volte às três — disse-lhe a mulher na mesa da recepção do escritório de admissão. —

Vai haver uma visita guiada nesse horário.

Serena ficou parada do lado de fora do centro de visitantes de Yale, uma casa branca histórica com persianas pretas, perguntando-se o que ia fazer.

— Do ré mi fá sol lá si dó! — cantou um coro de vozes masculinas mais distante, na Elmer Street. — Lá, lá, lá, lá! — entoaram as vozes mais uma vez.

Serena seguiu seus ouvidos e foi na direção da Capela Battell. Quando chegou à capela, descobriu um grupo de rapazes de pé, em formação, sob uma soleira em arco, exercitando a voz. Ela estava ouvindo os famosos Whiffenpoofs, o grupo de canto a capela totalmente masculino de Yale, mas nunca os havia ouvido cantar. E ela não tinha idéia de que todos eram tão adoráveis!

De repente eles começaram a cantar *Midnight Train to Georgia*. Ela se sentou na base da escada da capela, esperando que eles não se importassem de ela ficar ali ouvindo. E *olhou*

— para o tenor pueril e louro na primeira fila, que ficava se balançando para a frente e fazendo pequenos e lindos solos; para o jogador de rúgbi musculoso ao fundo, que tinha o barítono mais baixo que ela já ouvira; o nerd sardento que era simplesmente muito bom; o cara alto, branco e magro com cabelo escuro desgrenhado que cantava os solos com um forte sotaque britânico e se vestia no estilo mais dândi década de 1940 que Serena já vira na vida.

Ela podia ter se levantado e feito o próprio solo a capela: *Homens de Yale, homens de Yale, nham, nham, nham!*

Os rapazes cantavam uma nota doce e longa, erguendo-se na ponta dos pés para atingi-la.

Depois o tenor louro na frente do grupo veio cantarolando e estalando os dedos pela escada da capela na direção de Serena. Quando chegou ao degrau dela, ajoelhou-se e olhou para ela.

— *Um, dois, três... Linda garota, não quer se apaixonar por mim?* — cantou ele.

Serena riu. Ele estava brincando?

— *Linda garota, não quer ser minha família?* — O jogador de rúgbi se juntou à música no alto da escada.

— *Linda garota, não quer passar a tarde me beijando sob uma árvore?* — O grupo inteiro cantou em harmonia.

Serena sentou em cima das mãos, corando furiosamente. Agora podia entender por que Blair queria tanto entrar para Yale!

— *Hoje é domingo, e nos domingos cantamos em vez de falar. O dia está lindo. Não quer dar um passeio comigo?* — cantou o tenor louro, pegando a mão dela.

Serena hesitou. Era meio arrogante da parte dele aparecer e começar uma serenata para ela. O rapaz pareceu perceber a hesitação de Serena.

— Meu nome é Lars. Estou no segundo ano—sussurrou ele, como se estivesse preocupado que o resto do grupo o ouvisse falar em vez de cantar. — É só uma música improvisada. Fazemos isso o tempo todo.

Serena relaxou um pouco. Lars tinha olhos azul-claros magníficos e a mais elegante linha de sardas na ponta do nariz. Ele também usava o mesmo par de sapatos Camper caramelo que ela comprou para o irmão no aniversário passado.

— Vou perder minha visita guiada — confessou ela.

— *Eu te mostrarei tudo, sem problemas*— cantou ele.

Ela olhou por sobre o ombro para a College Street, no antigo campus de Yale. Um grupo de meninas jogava Frisbee no gramado de New Haven, as janelas de frontão da antiga residência erguendo-se em volta delas. Era um lugar bonito.

— *Linda garota, vamos todos acompanhá-la na visita* — cantaram os Whiffenpoofs.

Serena riu novamente e deixou que Lars a colocasse de pé. Se Yale a queria tanto, bem que eles podiam ter!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

**FATOS POUCO CONHECIDOS (OU MENTIRAS ULTRAJANTES
— VOCÊ**

ESCOLHE)

Na Georgetown existe um círculo de prostituição que se disfarça de irmandade do celibato. É um grupo extremamente exclusivo que já existe há meio século.

Uma serial killer que leva um furão de estimação e usa nomes exóticos de mulherzinha, como Fantasia ou Tinkerbelle, está solta na região metropolitana. Arma preferida: uma picareta.

Um espertinho andou se disfarçando de funcionário da admissão da Universidade de Brown, aceitando alunos e recolhendo o dinheiro da matrícula. Quando os alunos aparecem no outono procurando orientação, a universidade nunca ouviu falar deles. Até agora, as autoridades ainda não identificaram o criador desse golpe inventivo.

A última edição da revista *Treat* traz um artigo chamado "Seios: Tamanho É

Documento?" Está pensando o mesmo que eu?

Aparentemente, o departamento de artes da Brown vem cantando loas a seu mais novo professor, um novato venezuelano que se especializa em versões abstratas de figuras da cultura pop, especialmente figuras adolescentes da cultura pop. Novamente, está pensando o mesmo que eu?

É claro que tudo isso pode ser um monte de asneira.

Seu e-mail:

P: Cara GG,

Como é que você não está se estressando com a universidade? Estou começando a achar que você na verdade está tipo na sexta série e talvez só tenha uma irmã ou irmão mais velho ou coisa assim e é desse jeito que fica sabendo das coisas.

— bird

R: Cara bird,

Adoro ver quanto tempo todo mundo passa pensando em MIM. Será que vou acabar me transformando num daqueles ícones que começam a inspirar teses de doutorado, tipo a Madonna? Mas vou te dizer uma coisa: sexta série? Com toda essa experiência...

— GG

P: CaraGG,

Fui expulso da Brown antes mesmo de começar meu ano de calouro. Antes de mais nada, eu realmente fiquei surpreso de ter sido aceito ali, porque tirei D em quase tudo no terceiro ano do secundário. De qualquer forma, acontece que não entrei realmente. Eu fiz parte de toda aquela tramóia onde todo mundo foi aceito e levaram o dinheiro dos pais sem que a faculdade sequer soubesse disso. Agora sou caddy no clube de golfe do meu pai.

— putter

R: Caro putter,

Eu meio que espero que você seja um caddy chapado e entediado, tipo aqueles do clube de golfe do MEU pai, que contam a todo mundo a própria história de como foram aceitos na Brown e depois expulsos. É uma boa história. Só espero que a mesma coisa não aconteça comigo nem com nenhum dos meus amigos.

— GG

P: Querida GG,

Vc pode explicar a diferença entre uma garota que sai com caras diferentes e uma galinha? Pq eu sei que posso parecer uma galinha, mas o que há de tão errado em ter montes de amigos que são homens? Nenhum dos caras parece ligar, só as meninas.

— popgrl

R: Cara popgrl,

Nenhuma. Nenhuma. Nenhuma. Na verdade, uma garota muito querida minha —

conhecida aqui como S — é exatamente desse tipo, e olha como está se dando bem!

— GG

Flagra

V e **D** sendo arrastados em **Chinatown** por uma garota barulhenta de cabelo preto e roxo levando um peixe vivo num saco plástico azul. Vamos dizer que eu não vá jantar na casa deles tão cedo. **B** no **Elizabeth Arden Red Door Salon** depois da hora de fechar no domingo. Como é que se soletra *correção* da cor **S** com a cabeça colada na janela do trem New Haven-Nova York, roncando suavemente. Acho que ela não dormiu muito no fim de semana — cutuca, cutuca. **N** num canto de uma rua escura trocando o suéter da **Brown** por uma trou-xinha. E a baixinha J correndo no **Riverside Park**. Tentando se tonificar para o próximo compromisso como modelo?

Quem imaginava que este seria um fim de semana tão transformador?

Te vejo na escola amanhã.

Pra você que me ama,

gossip girl

b merece uma purple heart

— A Sra. M. recebeu uma ligação de Georgetown — cochichou Rain Hoffstetter para Kati Farkas na biblioteca da Constance Billard School enquanto as meninas fingiam escolher livros sobre pintura americana moderna para ler durante o período de estudos. —

No sábado à noite a Blair e um bando de meninas da Georgetown foram pegadas recebendo uma grana para transar. Elas foram a um single bar na cidade e pegaram homens a noite toda. A mãe dela vem para uma reunião no escritório da Sra. M. porque agora nem para Georgetown ela pode ir.

Com toda certeza Blair tinha acabado de dizer à bibliotecária que estava matando o período de estudos por ter uma reunião importante na sala da diretora *com a mãe dela*.

— Achei a Blair engraçada hoje—disse Isabel Coates com um ar de diversão. —Acho que, se você vai esperar esse tempo todo para perder a virgindade, pode muito bem ser paga para isso.

— Mas como é que ela estava usando uma malha? Está tipo uns trinta graus hoje! —

assinalou Kati.

Laura Salmon riu.

— Vai ver ela está, tipo assim, ardida... sabe como é, de todo aquele sexo.

Ou talvez ela tenha deixado quatro meninas bêbadas rasparem suas pernas?

A sala da Sra. M. ficava no andar térreo, no fim do corredor que partia da área de recepção. Enquanto ia para lá, Blair percebeu que a mesa de recepção estava coberta de buquês de flores — principalmente rosas.

— Para quem são? — perguntou Blair a Donna, a nova recepcionista.

Donna deu de ombros e carimbou outra carta com a assinatura da Sra. M.

— Bem que eu queria saber.

Blair olhou o cartão no buquê maior, uma linda mistura de rosas amarelas e frésias.

Serena, Serena, dizia. Não consigo parar de cantar o seu nome. E estava assinado: Com amor, Lars e os Whiffenpoofs de Yale.

— Já imaginava — disse Blair amuada enquanto ia para a sala da Sra. M. Talvez ela também tivesse entrado para Yale, se fosse piranha o suficiente para ir para a cama com cada um dos caras dos Whiffenpoofs.

A sala da Sra. M. era totalmente vermelha, branca e azul. Papel de parede listrado de branco e azul-claro. Carpete vermelho. Sofá de veludo azul-marinho. Cadeira vermelha e branca de chintz. Era muito patriótico. Até a Sra. M. era vermelha, branca e azul — calça de senhora de linho azul-marinho, batom vermelho, pele branquíssima, unhas com esmalte vermelho. Só o cabelo dela, que era crespo e castanho, saía do esquema de cores.

— Gosto de seu cabelo curto—comentou a Sra. M. quando Blair entrou.

É claro que gosta, sua sapatona, pensou Blair, sorrindo educadamente. Ela passou a mão na cabeça.

— Obrigada.

Na verdade, Blair estava meio aliviada por ter chegado àquela altura do dia sem que ninguém — nem mesmo a própria mãe — percebesse que seu cabelo tinha mudado de castanho-escuro natural para amarelo-táxi e depois foi tingido novamente de castanho. O

colorista tinha feito um trabalho decente, mas para ela a cor não era naturalmente *uniforme* e o couro cabeludo coçava como louco de toda aquela tintura.

Blair se sentou no sofá e depois sua mãe entrou com um andar pesado na sala da Sra. M., segurando a barriga como se o bebê fosse cair se ela não o suspendesse. Fios do cabelo louro da mãe estavam colados no rosto e a pele estava vermelha e borrada. Ela se abanava com a mão.

— No ano passado, na mesma época, eu jogava uma par tida inteira de tênis cinco vezes por semana. Agora mal posso andar uma quadra sem suar!

A Sra. M. deu seu sorriso educado de conversa-com-os-pais.

— Vai ficar em forma muito rápido quando estiver cor rendo atrás de um bebê.

Ah, é, até parece que já não tinha uma babá dormindo no quarto de empregada da cobertura!

Blair revirou os olhos e cocou a barriga da perna raspada com gilete. Não tinha convocado essa reunião para falar de bebês. Pela janela da sala da Sra. M. ela viu uma mulher de uniforme militar andando pela rua 93. Essa visão deu uma idéia a Blair. Não havia uma espécie de programa do exército que patrocinava o curso universitário? Ela podia entrar para o exército, ir para Yale e depois fazer o mínimo de serviço militar exigido. Ela se imaginou até a

cintura em uma trincheira la macenta, combatendo o inimigo, enquanto os outros estavam estudando na biblioteca ou coisa assim. Podia ser uma heroína, ganhar uma Purple Heart! E, quando fosse para a academia militar, Nate iria procurar por ela, arriscando sua vida para tê-la de volta e finalmente transar com ela depois de todos aqueles anos.

O resgate da soldado Blair. Em breve em uma locadora perto de você.

A Sra. M. aninhou o traseiro largo e másculo na cadeira vermelha de espaldar alto atrás da imensa mesa de mogno.

— Aproveitando a presença das duas aqui, gostaria de dar os parabéns a Blair por seu desempenho na Constance. Nunca teve uma nota abaixo de B. Uma freqüência excelente.

Demonstrações maravilhosas de liderança e participação. Blair, você receberá um monte de prêmios na formatura em junho.

A mãe de Blair sorriu vagamente para a diretora. Sua mente parecia estar em outras coisas.

— Então por que não entrei para Yale?—perguntou Blair. — Que sentido tem trabalhar tanto e tudo se uma universidade como Yale aparece e aceita alguém da minha turma que era muito mais burra do que eu?

A Sra. M. remexeu nos papéis que estavam em cima da mesa.

— Não posso falar por Yale, e não posso dizer que tenha entendido essa decisão. Mas nossos registros mostram que vo cê está na lista de espera. Ainda há uma chance muito boa de você entrar.

Blair cruzou os braços. Não era o suficiente. Ela olhou para a mãe. Era agora que a mãe devia oferecer um monte de dinheiro para a Constance, com a condição de que a Sra. M.

desse uns telefonemas para o sub-reitor de admissão de Yale e garantisse uma vaga para Blair. Mas Eleanor só ficou sentada olhando a janela e arfando pela boca como um cachorro no verão.

— Mãe? — perguntou Blair.

— Uuuush! — Eleanor arfou, abanando-se freneticamente. — Se importaria de me chamar o carro, querida? — Ela se ergueu da cadeira e se agachou no carpete vermelho da Sra. M. numa pose que Blair reconheceu da aula pré-natal de Ruth. — Uuuush! Acho que pode vir muito antes do que todo mundo pensa!

Mas que senso de oportunidade incrível. Blair deu um sorriso duro para a pose de exercício-de-respiração-de-parto da mãe.

— Uuuush, uuuush, uuuush!

— Mãe!

A Sra. M. chamou Donna pelo interfone.

— Chame uma ambulância, por favor, Donna. A Sra. Waldorf Rose parece estar em trabalho de parto.

— Não! — reclamou Blair. — Lenox Hill não fica longe. O carro da mamãe está esperando por ela aqui na frente.

A mãe pegou a mão de Blair e a apertou com força. Blair teve a sensação de que tinha dito a coisa certa.

— Suspenda—ordenou a Sra. M. naquela voz de comando militar que sempre divertia as meninas. — O carro da Sra. Rose está esperando lá fora. Por favor, diga ao motorista que ela vai sair e precisa ir para o hospital Lenox Hill.

— Uuuush, uuuush, uuuush! — arfava Eleanor.

— *Agora* — ladrou a Sra. M. ao telefone.

Blair pegou o celular na bolsa e ligou para Cyrus.

— Vai nascer — disse ela para a caixa postal dele numa voz sem emoção. — Estamos indo para o hospital.—Ela desligou e pôs as mãos nas axilas da mãe. — Não quer ter aqui, não é, mãe?

— Não — gemeu Eleanor e cambaleou. Ela passou um braço no ombro de Blair e o outro na cintura da Sra. M. — Uuuush, uuuush, uuuush — arfava ela enquanto o estranho trio seguia pelo corredor e saía pelas grandes portas azuis da Constance.

— Vou ligar para o hospital e avisar que vocês estão indo — disse a Sra. M. a Blair, cheia de competência.

— Ataque cardíaco? — perguntou o motorista enquanto abria a porta do carro para elas.

Ele quase parecia feliz com isso.

— Não, idiota—rebateu Blair.—Ela está tendo um bebê. E se você calasse a boca, já estaríamos lá.

— Uuuush, uuush, uuuuuuuuu! — arfava a mãe, agarrando a mão de Blair com um aperto mortal.

Blair olhou para as janelas altas do terceiro andar da biblioteca da Constance enquanto o carro partia. Estavam lotadas de caras de meninas espiando a rua.

— Ai, meu Deus. Acho que ela acaba de ter o bebê na sala da Sra, M.! — gritou Rain Hoffstetter.

— Quem? A Blair? — perguntou Laura Salmon.

— Não, imbecil. A *mãe* dela — corrigiu Rain.

— É tudo culpa da Blair. Eu soube que o estresse pode provocar um parto preaturo —

observou Isabel Coates.

— Coitada da mãe dela. É tipo assim, ah, aliás, sua filha é uma prostituta. E, opa, lá vem outra criança para você estragar tudo! — acrescentou Nicki Button.

— Bebê chegando! Uiiiiiii! — sibilava Eleanor, ficando de quatro na traseira do carro.

— O bebê está chegando *agora*— rosnou ela, mordendo o vinil do apoio de braço.

Blair se virou da janela e bateu no ombro do motorista.

— Estamos quase lá, mãe — murmurou ela, feliz por estar perto quando a mãe entrasse em trabalho de parto, em vez de ser uma vendedora irritante da Saks ou coisa parecida.

— Imagine que você está...—Ela tentou pensar em uma coisa que Ruth tinha dito em aula, mas a única coisa que conseguiu lembrar foi o troço da bunda-desinflando-como-um-balão, e de jeito nenhum ia dizer *aquilo*. Em vez disso, tentou pensar no que faria relaxar *a si própria*. — Imagine que você está comendo uma tigela de sorvete de chocolate e vendo *Bonequi nha de luxo* — disse ela por fim.

— O bebê está chegando *agora!* — guinchou Eleanor novamente, os nós dos dedos brancos e a cara roxa do esforço.

Blair percebeu que não importava muito o que ela dissesse. O bebê estava nascendo *mesmo* — era só uma questão de minutos. O carro parou em um sinal de trânsito na 89

com a Park. Ela se arrastou para a frente e se inclinou para mais perto do ouvido do motorista.

— Quer que a gente foda totalmente o banco traseiro do seu carro ou vai passar esse sinal e nos levar lá em trinta segundos?

O motorista pisou no acelerador, apertando a buzina com força ao mesmo tempo.

O bebê está chegando!

n e s perdem o trio esquisito

Nate estava saindo da escola para pegar um burrito e uma trouxinha para o almoço quando parou de repente. Uma mulher louro-avermelhada estava sentada no banco de couro marrom bem do lado de dentro das portas da escola, a bolsa preta Kate Spade colocada elegantemente nos joelhos e uma mo chila da Universidade Brown nos pés. Um romance gordo estava aberto em seu colo e parecia que ela estava ali há horas. Nate saiu de fininho pela escada dos fundos até a área dos ar mários no porão. Dessa vez ele teria de ignorar a larica e esquecer o habitual baseado pré-trigonometria. Era isso ou se arriscar a enfrentar Brigid.

— Cara, o que está fazendo por aqui? — perguntou Jeremy, vendo-o do pé da escada.

— Nada demais — rosnou Nate. — Ei, já comeu? — perguntou ele cheio de esperança.

— Não. Vou na deli agora. Quer vir? — Jeremy bateu no bolso da calça caqui para que Nate ouvisse o estalo seco de papel enrolado e um saco cheio de erva. — Que tal um aperitivo primeiro?

Nate pegou uma nota de vinte dólares do bolso e passou ao amigo.

— Só me traz um sanduíche de atum e um Gatorade ou coisa assim.

Jeremy pegou o dinheiro.

— Como é, não terminou seu dever de trigonometria de novo?

— Eu ainda nem comecei.

Jeremy rodou a mochila e pegou um caderno dele. Entregou o caderno a Nate.

— Comece a copiar. Vou trazer sua comida quando voltar.

— Valeu, cara — disse Nate, grato. A verdade era que Jeremy era ainda pior em trigonometria do que ele, mas ainda era um tremendo amigão.

— Ei — chamou Jeremy, parando ao pé da escada. — Já soube da mãe da Blair? Acho que teve o bebê, tipo assim, numa reunião na escola da Blair.

Nate encarou o amigo, assustado demais para responder por medo de que Brigid ouvisse.

Ele ergueu a mão e assentiu duro antes de entrar na área apinhada dos armários. Porra!

Será que a vida de Blair tinha ficado mais melodramática ainda, caraca?

Espere e verá.

A sala dos armários embaixo era o único lugar da escola onde ele podia usar "dispositivos portáteis". Rapazes estavam por ali ouvindo MP3 ou se reunindo em grupos para ver um DVD no laptop de alguém. Nate se sentou no chão de linóleo frio verde-vômito na frente de seu armário, pegou o celular e ligou para o número de Serena. É claro que não ia ligar para Blair. Não quando ela estava no hospital cuidando da mãe e tudo.

Como se ele fosse ligar para ela, de qualquer forma.

Covardão.

Serena estava sentada em um lugar cobijado junto à janela da biblioteca da Constance Billard, fingindo ignorar as fofocas que voavam pela sala, especialmente porque metade era sobre ela. Tinha perfeito conhecimento do fato de que a recepção da escola, no primeiro andar, parecia uma exposição de flores da Macy, e que todas aquelas flores eram de seus admiradores da Ivy League. Mas como podia gostar de estar apaixonada por três caras diferentes quando não tinha ninguém com quem dividir a empolgação? E como devia escolher um cara sem um conselho objetivo de sua melhor amiga?

Peraí, não era para escolher uma *universidade*?

Era óbvio que Blair estava tremendamente irritada com ela por toda aquela história de Yale e não ia querer papo com Serena. E além disso parecia que Blair ia ficar meio preocupada por algum tempo, com a irmãzinha chegando tão inesperadamente. E Serena não podia ir até uma das supostas amigas e colegas de turma, como Isabel Coates ou Kati Farkas, porque, baseado nos boatos cochichados meio alto que circulavam na escola, pensava-se que Serena tinha transado com toda a orquestra de Harvard, cada professor do departamento de arte da Brown e todos os Whiffenpoofs de Yale.

— Soube que ela até fez com o primeiro-violino—murmurou uma menina de forma indiscreta. — Ele é tipo o prodígio de quinze anos do Japão.

— Sabe o professor de arte que ficou com ela na Brown? Ele é tipo o professor mais velho de lá. Está lá na universidade desde que foi *fundada*.

Desde 1764? Caramba, isso é que é *ser* velho!

— Ouvi dizer que ela roubou o roteiro da Audrey Hepburn que a Blair escreveu para Yale. Foi assim que ela entrou. Blair descobriu e agora elas são, tipo assim, inimigas totais de novo.

Ser o assunto de histórias tão ultrajantes não era nenhuma novidade para Serena. A volta misteriosa para a Constance no outono passado, depois de quase dois anos fora no colégio interno, transformara Serena em uma veterana de meias-verdades e fofocas banais. Ela sabia qual era a melhor maneira de lidar com isso também: ignorar.

De repente o celular dela vibrou na bolsa de lona rosa Lulu Guinness. Ela deu uma espiada e reconheceu o número de Nate.

— Oi — sussurrou ela, segurando o telefone na orelha, atrás do livro gigante de química.

— Soube da mãe da Blair?

— É por isso que estou ligando—respondeu Nate. — O que aconteceu?

Serena não era do tipo de espalhar fofoca.

— Não sei muito bem. Só o que realmente sei é que a Blair ia a uma reunião com a diretora e a mãe, e de repente ela e a mãe estavam, tipo assim, correndo para um carro na frente da escola. A recepcionista disse a umas meninas da nossa turma que ela estava em trabalho de parto e o carro ia para Lenox Hill.

— Caraca — murmurou Nate.

— Eu sei — respondeu Serena. — Ela só devia ter o filho em junho.

— Você acha que a gente deve ir ao hospital? Tipo assim, talvez amanhã? A gente podia levar flores e...

— Não sei não — respondeu Serena, em dúvida, embora certamente tivesse muitas flores para reciclar.— É uma coisa meio particular, de família. A gente pode não ser bem recebido.

Na verdade, a mãe de Blair sempre os tratou como se fos sem da família. Era Blair que não ia recebê-los bem, e os dois sabiam disso.

— É — concordou Nate. — Você deve ter razão. Acho que eu só... — A voz dele falhou.

— Eu sei — disse Serena delicadamente.

Os dois queriam formar um trio de novo, presentes na vida um do outro em épocas como essa. Era muito ruim que Blair estivesse puta com eles.

— A doideira é que eu meio que estou com vontade de ir pra Yale — admitiu Nate. — A Blair vai me matar.

Serena olhou pela janela. Alguém levava vinte cães de uma vez para passear na rua, indo para o Central Park, a cabeça voltada para trás, cantando a plenos pulmões.

— Eu também meio que estou tendendo para Yale—disse ela, embora não estivesse totalmente convencida. Drew, Christian ou Lars? Como ia decidir? — Ou talvez eu fique um ano parada.

— A gente podia ir pra Yale juntos — refletiu Nate. Agora sim, *isso* seria qualquer coisa.

— Talvez — concordou Serena. A biblioteca ficou incri velmente *silenciosa* de repente.

Ela espiou por cima do livro para ver o que estava acontecendo, e quatro pares de olhos desviaram-se rápidos. Toda a sala estava ouvindo a conversa.

Bom, bem-feito por usar o celular na biblioteca, o que todos nós sabemos que contraria a política da escola.

— Preciso ir—disse a ela Nate rapidamente. —A sineta vai tocar a qualquer minuto.

— Vem cá—disse Nate antes que ela desligasse —, aquela garota de cabeça raspada ainda está entrevistando gente no parque?

— Acho que insistiu — respondeu Serena.

— Falou—respondeu ele, parecendo distraído.—Tchau — acrescentou, antes de desligar.

Serena fechou o livro de estalo. Talvez pudesse prensar algumas flores que recebera dentro desse mesmo livro e usá-las para fazer um cartão bonitinho para a mãe de Blair ou coisa assim.

Nate enfiou o celular no bolso e saiu da área dos armários, a caminho do florista do bairro para mandar umas flores para a mãe de Blair. Bem a tempo, lembrou do motivo para ter se enfiado na sala dos armários. Brigid ainda estava acampada ali, esperando por ele.

Ele girou nos calcanhares e voltou lentamente para baixo enquanto ligava para a telefonista. Blair sempre dizia que, quando eles tivessem um apartamento juntos, ela pediria flores da Takashimaya três vezes por semana. Ela era toda exagerada com flores.

Ele conseguiu o número e discou.

— Gostaria de mandar flores para uma paciente do hos pital Lenox Hill, em Manhattan

— disse Nate à mulher do outro lado da linha.

Jeremy descia a escada atrás dele.

-Legal - observou ele, passando a Nate um saco de papel pardo e o troco.

-Coloque só "Com afeto, vírgula, Nate" no cartão - instruiu Nate.

Legal.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

ANÚNCIO DE NASCIMENTO DO *NY TIMES*

Eu fiz o anúncio do casamento, e agora, só... arrã, cinco meses depois, estou fazendo o anúncio do nascimento. Lá vai:

Yale Jemimah Doris Rose, menina. Aguardada para início de junho, a pequena chorona não pôde esperar. Decidiu nascer no hospital Lenox Hill, no Upper East Side de Manhattan, às 2:17 da tarde do dia 20 de abril — ontem. Tempo total do parto: 45

minutos. Peso: 3 quilos e 885 gramas. Altura: 48 centímetros. Se tivesse esperado mais, seria um Big Mac em vez de apenas uma Gritoninha. Os eufóricos pais são Eleanor Wheaton Waldorf Rose, socialite, e Cyrus Solomon Rose, em preiteiro, da 72 Leste. Os irmãos são Aaron Elihue Rose, 17; Tyler Hugh Waldorf Rose, 12; e Blair Cornelia Waldorf, 17, que é responsável pelo nome incomum da neném. Blair obviamente espera que a nova irmãzinha lhe traga sorte na universidade de mesmo nome — Deus sabe que ela está precisando. Mãe e filha passam bem, e a família feliz voltará para sua cobertura amanhã à tarde.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Ontem à noite descobri meu irmão mais velho lendo minha revista *Treat* na cama. Peguei de volta com ele, mas ele me mostrou a página em que estava interessado. É aquela garota da minha turma da Constance de top esportivo que é baixinha demais para ficar ali com todas aquelas modelos, tipo por ordem de tamanho de peito. Meu irmão perguntou se podia tirar a página e colocar no armário dele. Eu disse não, mas acho que ele vai comprar a revista e fazer assim mesmo. No lugar da garota, eu ia morrer.

— phoenix

R: Cara phoenix,

Vamos esperar, pelo bem da sua colega, que seu irmão não tenha um monte de amigos.

— GG

Flagra

Um grupo inteiro de veteranas da Constance Billard no Wicker Garden da Madison Avenue, arrulhando para presentes para bebês. Uma desculpa para comprar. J e E

pegando por acaso o mesmo ônibus circular e se ignorando por toda a viagem. Ainda irritadinha, hein? V fazendo luzes roxas em um cabeleireiro de Williamsburg. Peraí, como é que ela pode fazer luzes se nem tem *cabelo*? N saindo de fininho da St. Jude's School for Boys depois de até o zelador ter ido em bora. Cara, ele é mesmo paranóico. B

na Zitomer na Madison comprando fraldas e um macacão de cashmere de trezentos dólares para bebês. Adivinha quem vai ser a irmã preferida dessa garotinha? S andando pelo parque, dando flores a sem-teto. O que vale é a intenção.

Vou até a banca da minha rua para ver aquela revista!

Pra você que me ama,

gossip girl

tamanho é documento

Dan entrou na sala do primeiro período de inglês na terça-feira e encontrou todos os colegas de turma debruçados em uma revista para meninas.

— O que as pessoas não percebem é que eles são ainda maiores pessoalmente —

observou de seu lugar habitual nos fundos da sala Chuck Bass, na opinião de Dan o pior cara da Riverside Prep, e talvez do mundo.

Chuck estava usando a boina verde-oliva no estilo exército que pegou em West Point naquele fim de semana. Era o novo acessório preferido dele, além do macaquinho de estimação, que ele levava a todo lugar, até ao banheiro. Chuck olhou para cima. — Estou certo?

Dan teve a sensação desagradável de que Chuck falava com ele.

— É como se estivessem cheios de hélio ou coisa assim — acrescentou outro garoto, inclinando-se por sobre a mesa de Chuck para ver.

Chuck sacudiu a cabeça. O cabelo escuro tinha crescido de um jeito masculino até o queixo e ele o balançava com um orgulho óbvio.

- Cara, se eles fossem cheios de hélio, ela ia flutuar por aí. —Ele semicerrou os olhos para a revista novamente, o anel rosa com monograma em ouro brilhando nas luzes implacáveis da sala de aula. Depois olhou de novo para Dan. — Cara, ela é sua irmã.

Qual é a dela, porra?

O instinto de Dan era dizer a Chuck para ir se foder, mas como envolvia a irmã mais nova, Jenny, que sempre se metia em todo tipo de problema, ele se sentiu no dever de verificar por si mesmo. Ele se sentou na carteira na frente de Chuck e pôs os pés na cadeira. No chão, alguma coisa se contorceu na bolsa laranja Prada de Chuck. De repente apareceu uma cabeça branca com olhos de bolas de gude douradas. Era o macaco de Chuck, rindo diabolicamente. Dan olhou para Chuck.

— O que tem a minha irmã?

Chuck deu um sorriso afetado e passou a revista a ele.

— Não me diga que você não sabia disso.

A revista estava aberta em uma matéria de duas páginas intitulada "Seios: Tamanho É

Documento?". O artigo era uma discussão honesta do status social das meninas com base no tamanho dos peitos. Aparentemente, se você fosse achatada ou peituda, era mais provável que ficasse no ostracismo. Se fosse rechonchuda mas não de uma forma tão medonha, era uma puta. As meninas populares tendiam a ter peitos bonitos, de tamanho médio. Dan analisou a foto. Jenny e cinco outras meninas usando idênticos tops esportivos azuis e shorts de Lycra estavam em fila por ordem de tamanho dos peitos, do maior para o menor, diante de uma rede de vôlei. As outras meninas eram todas modelos

— louras, com sorrisos perfeitos, barrigas lisinhas e bronzeado dourado. A menina ao lado de Jenny definitivamente tinha implantes de silicone, mas o peito dela ainda não era tão grande quanto os cem por cento naturais de Jenny. O peito de Jenny parecia anormal e quase uma aberração, enfiado dentro de um top esportivo pequeno demais. Pior ainda, ela estava mostrando a língua e os grandes olhos castanhos brilhavam, como se estivesse se divertindo muito.

— Meu Deus — murmurou Dan, e atirou a revista de volta à carteira de Chuck, as mãos começando a suar e a tremer como sempre acontecia quando precisava de um cigarro. Ele sabia que o artigo pretendia animar as meninas de peitos grandes. Jenny estava ali, parecendo uma aberração mas com orgulho deles. Mas isso não ia impedir que cada cara que visse a foto a tirasse da revista e escrevesse algum comentário obsceno embaixo antes de colar na porta de um reservado do banheiro.

— Diz aqui que oito entre dez homens preferem uma mulher bonita com seios de tamanho médio em vez de uma mulher média com peitos supergrandes—acrescentou Chuck

Obrigado, Capitão Babaca, senhor.

Era óbvio para Dan que a irmã estava tão ansiosa para ser modelo que não pensou em como a foto realmente ficaria. Ainda assim, há não muito tempo, uma foto bastante com prometedor de Jenny tinha sido publicada em toda a Internet. As pessoas falaram no assunto por um ou dois dias e depois deixaram de lado. E Jenny nunca pareceu ter se aborrecido com aquilo. Ela era como o Mr. Magoo, passando cegamente pelas situações mais constrangedoras e medonhas e depois saindo delas ilesa e sem culpar ninguém. Com sorte aconteceria a mesma coisa agora, mas, só por garantia, Dan se sentiu na obrigação de alertá-la.

Jenny estava sentada sozinha perto da parede espelhada nos fundos do refeitório do porão da Constance Billard, comendo um sanduíche de queijo grelhado com picles. Ela se concentrava em alinhar os picles em uma fatia de pão torrado, tentando fingir que não se importava por comer sozinha. Havia uma quietude estranha no ar que ela não conseguia explicar muito bem, mas, toda vez que olhava para os espelhos, só o que via eram as cabeças das outras meninas mais velhas da escola, enfiadas em seus pratos, comendo em silêncio.

Tá legal. Desde quando as meninas comiam tão quietinhas? Na realidade a sala estava *zumbindo*, zunindo com o som do furo de reportagem mais suculento da manhã.

— Ouvi dizer que ela nem foi paga para fazer isso... ela se apresentou como *voluntária*

— cochichou Vicky Reinerson.

— Mas a Serena botou pilha nela pra fazer, lembra? No grupo de discussão? — sibilou Mary Goldberg. — Ficou toda assim: "Ah, Jenny, *qualquer uma* pode ser supermodelo."

— Pra ela é fácil falar — concordou Cassie Inwirth.— Mas não é que eu lamente pela Jenny. E tão óbvio que ela só queria chamar atenção.

— E, mas ninguém quer esse tipo de atenção—argumen tou Vicky.

As três meninas deram uma olhada na nuca de Jenny. Como é que ela podia ficar sentada ali almoçando como se não houvesse nada de errado?

O celular de Jenny tocou baixinho dentro da bolsa.

— Oi. — Ela atendeu sem nem verificar quem estava ligando. Dan e Elise eram as únicas pessoas que faziam isso, e ela e Elise não eram mais amigas. Ela enfiou o celular por baixo do cabelo crespo para esconder das funcionárias do refeitório. — E aí?

— Só estou ligando para saber se você está bem — resmungou Dan em resposta.

Jenny olhou para seu reflexo no espelho. Estava de pregadores de metal no cabelo hoje, e pensou que ficava meio retro e cool.

— Hmmm, acho que sim.

— Então ninguém, tipo assim, te disse nada, nem... — gaguejou Dan.

— Sobre o quê? Por quê, você fez alguma coisa estranha, Dan? — acusou Jenny.

— Sobre a sua foto na revista. Os caras aqui roubaram das irmãs deles. Estão colando em todos os armários e essas coisas.

Um pequeno arrepio correu pela coluna de Jenny. Dan não ficaria tão preocupado se a foto fosse tão boa quanto ela pensava. — Você viu? Qual é o problema dela?

Ele não respondeu.

— Dan! — Jenny praticamente gritou. — Qual é o problema da revista?

— E só que...— Dan se atrapalhou.— Tá legal, diz tudo sobre como as meninas sem peito ou com peitos bem grandes não são populares. Acho que o artigo é para você se sentir melhor, mas você parecia meio... uma aberração de circo perto das outras garotas. Quer dizer, elas basicamente fazem você parecer maior e mais anormal.

Jenny empurrou a bandeja de comida e pousou a cabeça na mesa de madeira fria. Não admirava que o salão estivesse tão quieto. Todo mundo estava ocupado cochichando sobre ela, a anormal dos peitões.

É.

Era ainda pior do que um anúncio de Stayfree. Ela era uma aberração de circo. Talvez devesse fugir e morar com a mãe neurótica na Europa ou coisa assim. Trocar de nome.

Tingir o cabelo de laranja.

— Jenny? — chamou Dan delicadamente. — Eu sinto muito.

— Deixa pra lá — disse Jenny de um jeito infeliz e desligou. Ela manteve a cabeça na mesa, querendo ter o dom de desaparecer dali.

De repente sentiu um corpo quente ao lado dela e o cheiro característico da mistura de óleos essenciais de Serena.

— Oi, dorminhoca. Mas aí, Jonathan Joyce... sabem quem é ele, né?... me ligou, tipo assim, todo empolgado com suas fotos. Ele sabe que somos colegas e quer fotografar nós duas juntas, tipo assim, no fim desta semana!

Era alguma piadinha maldosa? Jenny fechou os olhos com força, como se eles pudessem sair da cabeça e atingir Serena.

— Vai poder ficar com algumas das roupas — acrescentou Serena.

Jenny ergueu a cabeça e se levantou, trêmula.

— Me deixa em paz — murmurou ela, depois saiu do refeitório e foi para a enfermaria, onde pretendia implorar para ser mandada para casa.

d e seus amiguinhos peludos

— Tooter, olha só isso! — Tiphany pôs o furão no ombro e acenou a pata dele para o macaco branco de Chuck Bass. O macaco estava vestido com uma camiseta vermelha trazendo um monograma em S. — Oi, macaquinho, quer ser meu amigo?

Vanessa e Tiphany tinham ido pegar Dan na escola.

— É melhor não — alertou Vanessa, sabendo como Dan odiava mortalmente Chuck Bass.

— Oi, gracinha, qual é o seu nome? — Chuck se aproximou e coçou embaixo do queixo de Tooter. Ele erguia o macaco para que os dois animais ficassem à altura do focinho. —

Eu sou Sweetie. E não se preocupe, eu não mordo. Eu sou mesmo um doce.

— Meu nome é Tooter. — Vanessa piou na versão dela da voz de um furão. — E tome cuidado, eu posso apitar! — acrescentou ela, dando uma gargalhada.

Dan empurrou as portas da escola e parou no alto da escada. Passou a bolsa de carteiro pelo ombro, semicerrando os olhos para a luz áspera do sol de abril. Por toda a tarde ficara preocupado com a irmã mais nova. A essa hora, Jenny devia estar em casa, deitada de cara na cama, totalmente só. A casa dele ficava a apenas vinte quadras de distância; talvez ele devesse ir até lá e tentar animá-la. Mas, quando Jenny estava triste, só o que queria era ficar sozinha, assim como Dan. Era coisa de família.

— Ei, gostosão, aqui! — gritou Tiphany para ele com a voz alta de estilhaçar vidro. Na calçada estavam Vanessa, Tiphany e Chuck

Bass. O furão de Tiphany e o macaco de Chuck estavam nos ombros dos donos, se catando.

— *Meu Deus* — murmurou Dan. Talvez Chuck fosse se mudar para a casa deles também, e eles podiam formar uma grande família feliz. Ou talvez ele só dissesse a Vanessa que agora ia ficar em casa por algum tempo. A irmã precisava dele.

— Posso te acompanhar até em casa? — Vanessa se afastou do grupo enquanto Dan descia a escada com uma expressão azeda. Ela o beijou rapidamente no rosto. — Oi, docinho, não fique tão irritado o tempo todo. — Dan tem andado irritado e recolhido desde que eles foram morar juntos e Tiphany apareceu. Já estava ficando meio cansativo ter de ser a parte animada do relacionamento.

Docinho? Em questão de dias Vanessa tinha pegado o jeito de falar todo animado e alegre de Tiphany, irritando ainda mais Dan.

— Não estou irritado—rosnou ele, olhando para Chuck e Tiphany, que estavam unindo seus animais de estimação. — Só estou...

Tiphany apontou os indicadores para ele, como duas pistolas, e fingiu atirar.

— Sabe de uma coisa, Danny, acho que o que a sua irmã mais nova fez foi totalmente radical. Mostrar os peitos é a declaração feminista mais ousada que uma mulher pode fazer! —Ela trançara a frente do cabelo e deixara a parte de trás numa espécie de ninho de rato maluco roxo e preto, o que ela provavelmente pensava que também era uma grande declaração feminista.

Vanessa procurou não olhar um momento antes, quando Chuck mostrou a foto de Jenny a Tiphany, mas não conseguiu evitar. E o engraçado era que ela realmente concordava com Tiphany. Jenny podia não parecer uma modelo, mas era definitivamente *ousada*.

— Também acho que sim — concordou ela antes de ver a cara de Dan.

— Ela não mostrou nada — disse Dan a eles com raiva.

— Meu Deus, ela só tem catorze anos.

— Ah, isso me lembra uma coisa — retrucou Vanessa, ansiosa para mudar de assunto. —

Caso tenha se esquecido, meu aniversário é neste fim de semana. Vou fazer dezoito anos!

Dan franziu a testa. Ele e Vanessa nunca ligaram muito para o aniversário deles.

— E eu estava pensando que, agora que a gente mora junto, podia fazer uma festa! —

continuou Vanessa.

Dan percebeu que havia um brilho meio roxo no cabelo dela que ele não tinha visto antes.

— Uma festa? — Vanessa sempre odiou festas. Essa idéia definitivamente tinha de ser da Tiphany.

— Vai ser radical! — gritou Tiphany. Ela pegou a pata de Tooter e apontou para o macaco de Chuck. — Você vai, né? — perguntou ela com aquela voz idiota de furão.

— Mas é claro que sim—disse Chuck como um macaco. *Mas que merda é essa?*

— Vamos. — Vanessa puxou Dan para a Broadway. Fazia outro dia de sol e um fluxo contínuo de rapazes estava indo para o oeste, na direção do parque. — Primeiro eu quero fazer mais umas

entrevistas. Depois a gente pode ir para casa e mandar os convites por e-mail.

— Mas...

— Não se preocupe com a sua irmã — argumentou Vanessa, lendo a mente dele. — Ela é mais sensata do que você pensa. — Ela o beijou, tentando arrancar um sorriso dos lábios fechados dele. — Nossa primeira festa de verdade!

Dan deixou que ela o levasse, seguindo-a com pés de chumbo. Ele odiava festas e, além disso, eles não tinham outros amigos. No total, a lista de convidados consistiria em Chuck, Tiffany, o macaco de Chuck, Tooter e a pária social da irmã de Dan, Jenny. Que festa.

Vanessa o cutucou nas costelas.

— Vamos lá, dá um sorriso. Você sabe que quer.

— Se não sorrir, vou mostrar meus peitos pra você — ameaçou Tiffany, pulando na calçada ao lado deles com as botas John Fluevog em xadrez roxo e preto. Ela abriu o casaco de camuflagem do exército que pegou no armário de Ruby e enfiou Tooter no top preto.

— Posso mostrar os meus também? — Chuck se juntou a eles. O macaco tinha enrolado o rabo comprido e branco duas vezes no pescoço dele. Com a boina militar de West Point, ele e Tiffany pareciam feitos um para o outro.

Dan arreganhou os dentes e deu um sorriso fraco só para calar a boca deles.

— Ele sorriu! — gritaram Vanessa e Tiffany alegremente, e se cumprimentaram batendo as mãos.

Eis o que Dan realmente estava pensando enquanto continuava a sorrir: o Evergreen College ficava do outro lado do continente, no noroeste do Pacífico, onde chovia muito e as pessoas eram deprimidas. Ele nunca pensou seriamente em ir para lá, mas para ele estava começando a parecer o paraíso.

n desnuda... a alma

O Central Park estava na tarde ensolarada de sempre com uma multidão de patinadores, skatistas, jogadores de Frisbee e meninas com o sutiã do biquíni fingindo que estavam na praia de St. Tropez.

Vanessa ligou a câmera no local habitual na Fonte Bethesda. Tiphany tirou Tooter da blusa e começou a banhá-lo na água. Dan voltou e comprou um daqueles cones de sorvete enormes de um vendedor na esplanada. Depois ele se sentou em um banco do parque para esperar por Vanessa, rezando para que Tiphany o deixasse em paz.

— Então eu acho que posso ser feliz em West Point — confidenciou Chuck Bass para a câmera de Vanessa. — Desde que eu possa encontrar um lugar para manter Sweetie perto de mim, para que eu possa visitá-lo. E eles não vão raspar a minha cabeça... sem ofensas.

E eu pegar uma cama maior do que aqueles catres pequenininhos que eles dão para os manes pobres dormirem.

Parece que ele vai ter um despertar rude.

— A mamãe prometeu que vai abrir uma conta para mim na Balducci's, para eles me mandarem uma caixa com brie, caviar, chocolate e cigarros uma vez por semana —

acrescentou ele. — Vou sentir falta do meu apartamento, mas é melhor do que nada... —

A voz dele falhou e ele enfiou a cara no monte de pêlos brancos do pescoço de Sweetie.

—West Point

— disse ele, a voz abafada. — A porra da West Point!

De repente Nate Archibald apareceu ao lado dele e Chuck olhou para cima, dando um sorriso detestável, como se não estivesse quase aos prantos.

— Eu acabei, se quiser ser o próximo — resmungou ele, claramente sem disposição para se abrir diante de outro homem. Chuck se levantou e levou o macaco para onde Tiphany estava dando banho em Tooter. — Posso ajudar? — piou ele na voz do macaco.

Nate pôs as mãos nos bolsos da calça caqui e mudou de posição, passando de um pé a outro. Depois ele se sentou no lugar de Chuck.

— Acho que eu caguei tudo—admitiu ele para a câmera.

— Quer dizer, a vida da minha namorada está, tipo assim, um desastre e eu nem posso ligar pra ela. — Seus olhos verdes pareciam tristes e ele observava Tiphany lavar Tooter na água que caía em cascata da fonte.

— Decidiu para que faculdade quer ir? — perguntou Vanessa. Ela não ligava de ouvir sobre a vida amorosa desse cara, mas o filme devia ser sobre o ingresso na universidade.

Nate fez uma careta.

— Esse é o problema — explicou ele. —Yale. Agora quero ir para Yale. — Ele sacudiu a cabeça e sorriu infeliz para o chão. — De jeito nenhum eu vou para a Brown. E os times de lacrosse das outras universidades não são tão bons. Mas se eu for para Yale e a Blair não sair da lista de espera... — Ele se apoiou nos cotovelos e semicerrou os olhos para o céu. — Sei que foi ela quem disse isso. Mas acho que eu acreditei também... que a gente ia se casar. — Ele se sentou novamente, tirou o boné surrado da St. Jude's e esfregou os olhos, cansado. — Agora eu não sei.

Tiphany levou Tooter até Vanessa e apertou o corpo frio e molhado do animal na nuca de Vanessa.

— Aaaaai!—gritou Vanessa, quase deixando a câmera cair. Depois ela e Tiphany explodiram numa gargalhada histérica.

Nate se levantou, ainda imerso em pensamentos enquanto se afastava.

Em seu banco do parque, Dan atirou o sorvete na lata de lixo e acendeu um cigarro. Era estranho, mas ele e Nate estavam pensando quase a mesma coisa. Ele sempre achou que ele e Vanessa iam ficar juntos para sempre. Agora não tinha tanta certeza.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

GLINDA, A BRUXA BOA

Tá legal, então todo mundo quer ter uma fada madrinha. Bem, uma garota rechonchuda, que é do Upper West Side e pode ou não cometer os erros mais constrangedores da vida uma vez por semana, por acaso acaba de encontrar uma delas em uma veterana loura, alta e linda. Como todos sabemos, **S** é mestre em transformar infâmia em magia. Não olhe agora, mas **J** pode ser a próxima Jessica Simpson! Ou, melhor ainda, a próxima **S**...

COMPANHIA ESTRANHA

Um dos motivos para a maioria de nós estar doida para ir para a faculdade no ano que vem, independentemente do lugar, é que vamos morar *sozinhos* — sem pais nem babás nem empregadas nem guarda-costas nem *ninguém* nos observando. Mesmo que alguns tenham andar próprio ou a própria cozinha ou qualquer outra coisa em casa, a questão é que queremos *ir embora*. A não ser, isto é, que já tenhamos saído de casa — como alguém que conhecemos —, e não está dando certo por causa de alguns hóspedes indesejados...

A VERDADE SOBRE LIBERTY, OU LOLITA, OU O NOME QUE ELA ASSUMIU ESTA SEMANA

Vou contar a vocês o que eu soube. Sabe aquela garota do furão peidorrento e cabelo roxo e preto com uma trança estranha? Antigamente ela era legal. Com isso quero dizer que ela ia a uma boa escola particular só para meninas no Upper East Side, morava em uma casa na cidade e jogava tênis. No terceiro ano ela decidiu se rebelar, "esqueceu" de se candidatar a universidades, largou a escola, foi deserddada pela família e começou a vagar pelo país fazendo piercings para ganhar dinheiro. Quando está sem grana, ela sempre volta para a cidade para sugar os velhos amigos e roubar as roupas deles. E ela sempre é tão alegriinha com tudo que em geral leva algum tempo para as pessoas se tocarem.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Sou chefe de obstetrícia e ginecologia na maternidade do hospital Lenox Hill. Por acaso estava de plantão quando uma mulher em trabalho de parto entrou apressadamente, acompanhada por sua

filha adolescente. Minutos depois fui chamado para outra emergência, mas fiquei tão impressionado com o modo como a filha cuidava da mãe que quis descobrir o nome dela para poder recomendá-la ao programa de medicina de Yale, que eu cursei. A mãe estava registrada com o nome de Rose, mas não consegui encontrar a filha em lugar nenhum. Pode me ajudar?

— drpepper

R: Caro drpepper,

Acho que alguém vai ganhar o dia — quer dizer, a *vida*.

— GG

P: Cara GG,

Não acha que é meio grosseiro, tipo assim, entrar para uma irmandade exclusiva que realmente significa alguma coisa para os outros membros e depois, tipo assim, nunca mais ligar para as pessoas nem nada disso? Quer dizer, por que entrou, antes de tudo?

— myowngrl

R: Cara myowngrl,

Você nunca fez nada de que se arrependesse?

— GG

Flagra

B andando pelo Sheep Meadow com uma Burberry com a estampa Snugli, a irmãzinha nova toda embrulhada dentro. Parece que **B** descobriu seu lado delicado e coberto de peles. **S** é um fotógrafo de moda muito famoso escolhendo acessórios na Jeffrey para fazer umas fotos. Havia um certo bustiê guarnecido de cristais que simplesmente não servia para **S**. Ou ela está pensando em botar silicone, ou eles vão usar peitos falsos, ou o bustiê é para outra garota... N vendo presentes para bebês em prata de lei na Tiffany & Co. Ele pode comprar um chocalho para mim quando quiser. V e aquela garota de cabelo roxo e preto numa fila de conga com C e o macaco dele na Five and Dime em Williamsburg. Sem comentários. E onde estava D? Sem comentários.

Só mais um dia para o fim de semana e já estou ouvindo boatos sobre uma festa.

Pra você que me ama,

gossip girl

mostra-e-explica

— Esta é Yale no lençol para bebê que comprei para ela na Hermes. E aqui estão ela e Kitty Minky vendo *Bonequinha de luxo* comigo na cadeira de balanço. Olha, ela até está com as meias de gatinha com as orelhinhas e bigode!

A sala das alunas na sexta-feira estava na meia hora sagrada durante a qual as veteranas da Constance Billard se sentavam no chão da sala do terceiro ano—uma sala de aula minúscula no quinto andar — bebendo capuccinos, trocando fofocas e opiniões pessoais sobre as novas compras de roupas. Nessa sexta era o primeiro dia

de Blair de volta à escola desde O Bebê, então a meia hora foi usada num mostra-e-explica.

— E aqui está ela dormindo no moisés.

— Ai — disseram trinta meninas em coro.

— E onde ela conseguiu esse mobile incrível da vaca pulando a lua de prata? —

perguntou Laura Salmon.

— E da Tiffany. Foi um presente.

De Nate, acrescentou Serena silenciosamente de onde estava sentada à margem do grupo.

Nate tinha até ligado da Tiffany para Serena para que ela o ajudasse a escolher alguma coisa.

— O cesto onde ela está dormindo é tão lindo — acrescentou Isabel Coates. — Adoro como a fita rosa fica nas mãos dela.

Obrigada, pensou Serena. Ela encomendou o cesto de uma butique para bebês do sul da França e ele fora enviado especialmente para ela.

— Foi trançado a mão com ramos de salgueiro por monges alsacianos — revelou Serena. — Deve ficar na família e virar herança.

O que significa que era um presente para Blair também.

Blair desviou os olhos da câmera digital. Ela e Serena não se falavam desde a infeliz festinha de abertura-de-cartas-de-admissão-das-universidades, e estava bem óbvio que os generosos presentes para o bebê que Serena e Nate tinham mandado para a mãe dela

significavam ofertas de paz. Mas Blair nunca foi de perdoar e esquecer com facilidade.

A primeira sineta tocou e o grupo espremido de meninas resmungou e começou a se dissipar, recolhendo livros, canetas, borrachas, escovas e o que mais precisassem para passar o dia, enquanto ainda se demoravam para ouvir Serena e Blair se enfrentarem.

Serena ficou onde estava, abraçando os joelhos e vendo Blair arrumar as coisas da escola na mochila Fendi azul-clara pequena demais para os livros.

— Ela é linda — disse Serena a Blair com sinceridade. Blair deixou escapar um meio sorriso. Sim, Yale *era* linda

— Como foi o fim de semana?—perguntou Blair. — Para onde acha que vai?

Era uma pergunta espinhosa. Se Serena dissesse Yale, Blair arrancaria seus olhos e os queimaria no chão, e se dissesse outra universidade, ela estaria mentindo, uma vez que ainda não tinha se decidido. Mas Yale ficava mais perto da cidade e tinha Lars e os Whiffenpoofs, e aquele ar nervoso da Nova Inglaterra que a fazia se lembrar de casa.

Além disso, não seria muito divertido se ela, Nate e Blair fossem amigos de novo e todos fossem para lá juntos?

Ela se arrastou de bunda pelo carpete vermelho macio em direção a Blair e começou a explicar.

— Na verdade, eu estou apaixonada. Por todas elas. Cada universidade. — Ela corou enquanto enfiava uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu me apaixonei por meus guias. Eram todos homens e eram tão...

Blair ergueu a mão e revirou os olhos. Será que ninguém nem nada mudava?

— Não quero saber. — Na realidade, ela queria, mas sabia que Serena ia acabar contando de qualquer jeito.

— E você? — perguntou Serena, curiosa. — Como foi na Georgetown?

Blair revirou os olhos de novo e tocou o cabelo, meio constrangida.

— Não vai querer saber. Serena deu de ombros.

— Não importa. Você vai para Yale, de qualquer forma — declarou ela com confiança.

A segunda sineta tocou e as outras meninas vagavam por ali, vendo Serena e Blair pelo canto do olho enquanto fingiam beber nos copos de capuccino vazios.

— Eu soube que Serena conseguiu um supercontrato de modelo para o ano que vem, para dar o lugar dela em Yale para Blair. A Blair só precisa fingir que é ela — cochichou Kati Farkas a Isabel Coates.

E quem Serena vai fingir ser? Kate Moss?

— Eu ouvi dizer que ela e Blair vão levar os bebês delas para Yale e criar um grupo de apoio a lésbicas-com-filhos — sibilou Isabel Coates.

— Ai, meu Deus. Eu vi totalmente Serena no ginecolo-gista da minha mãe ontem —

ofereceu Laura Salmon. — Eu estava esperando pela minha mãe, e depois ouvi Serena dizendo que tinha pegado todas aquelas doenças dos caras com quem ela dormiu no fim de semana. Ai!

— Peraí, pensei que elas estivessem brigadas—disse Kati. — Olha, elas estão se abraçando.

Cada uma das meninas se virou para olhar por sobre o ombro enquanto Serena e Blair estavam unidas.

— O Nate tem ligado, tipo assim, umas dez vezes por dia para perguntar de você —

murmurou Serena enquanto apertava o rosto no de Blair.

Blair mordeu o lábio superior.

— Ele mandou uma coisa muito bonitinha para Yale.

— Você sabe que ele te ama — disse Serena, embora ela não precisasse dizer. — E todos ficamos muito mais felizes quando não brigamos.

— É — admitiu Blair. Mas Nate ia ter de provar isso a ela sozinho.

Até parece que ela precisa ser tão durona para conseguir.

glinda a bruxa boa e sua ajudantezinha

- Posso me sentar aqui? - perguntou Elise a Jenny na hora do almoço da sexta-feira.

- Não sei por que eu ia querer - grunhiu Jenny. Desde que sua foto medonha aparecera naquela revista, ela ficava se esgueirando de cabeça baixa, evitando lugares públicos a todo custo. Só estar na escola já era excruciante. Mas seu pai a obrigara a ir, e agora ela estava estacionada na mesa ao lado do espelho de sempre, olhando para o próprio reflexo.

- Comprei um sanduíche de sorvete para você. - Elise se sentou de frente para Jenny e empurrou o sorvete para ela. Jenny o afastou. Estava em greve de fome.

- Não estou com fome. Na verdade, estou quase indo embora - acrescentou ela, rabugenta. Então Elise estava tentando ser amiga dela de novo? Sinceramente, ela não estava com humor para isso.

Elise pingou mel de uma embalagem plástica em uma xícara de chá, começando a pequena cerimônia do chá que fazia todo dia na hora do almoço desde que ela e Jenny brigaram.

- Fica aqui sentada comigo um pouquinho - pediu ela numa voz que beirava o desespero.

Jenny juntou as sobrancelhas.

- Por quê?

Elise mexeu o chá e tomou um gole com cuidado.

- Sei lá. - Ela olhou para o salão, como se procurasse por alguém. - Porque eu te pedi?

Jenny soltou um suspiro pesado e se levantou.

- Olha, vou para o laboratório de informática, tá legal? - Pelo menos lá ela podia se esconder de todos os olhares maldosos enquanto fingia mandar e-mails a todos os amigos que não tinha. - Te vejo depois.

Elise pegou o braço dela.

- Espera. Senta aí. Só mais um minuto.

Jenny puxou o braço.

- Qual é o seu problema?

A cara sardenta de Elise ficou vermelha feito uma beterraba.

- Eu só... - E então Serena mergulhou seu lindo traseiro na mesa e Elise soltou um longo suspiro de alívio. - Pensei que ia ter de sentar em cima dela para ela não sair daqui -

resmungou ela.

- O que é que tá rolando? - perguntou Jenny. Então agora Elise e Serena estavam, tipo assim, trabalhando juntas para sabotar a vida dela e torná-la ainda pior do que já estava?

Mas que coisa mais linda.

Serena pegou uma pilha de revistas da bolsa.

- Antes que diga alguma coisa, posso te mostrar as coisas que Jonathan Joyce tem feito? -

Ela folheou as revistas e começou a apontar as fotos. - Aqui. E aqui. E olha como isso é bacana!

Jenny ficou vidrada nas fotos. Modelos brincando em uma cama com pouca maquiagem, ou nenhuma, com camisetas velhas e calças baggy de homem. Uma garota sentada sobre as pernas, tomando um copo de leite. Um homem beijando seu cachorro. Uma comissária de bordo dormindo em um saguão de aeroporto coberta pelo paletó do piloto. Não havia nada de provocante nas fotos. Eram simplesmente ótimas.

- Ele quer nos fotografar no carrossel do Central Park no sábado - continuou Serena. - As roupas são incríveis... escolhamos juntos. - Ela sorriu radiante para Jenny. - E o melhor de tudo é que a gente vai ficar com as roupas que usar nas fotos.

Jenny não sabia o que dizer. É claro que parecia empolgante, e a história de ficar com as roupas era definitivamente o máximo, mas como ia saber que não era outra sacanagem degradante olha-a-garota-do-peitão?

- Tenho uma festa de aniversário no sábado em Williamsburg - protestou ela, sem convencer.

- Mas não vai durar até a noite - argumentou Elise. - Eu posso ir com você na sessão de fotos, e posso gritar e apitar se eu achar que sua integridade está sendo comprometida.

Se deixasse, Elise ia partir para os termos clínicos que ela leu em um dos livros de auto-ajuda da mãe. Jenny cruzou os braços, cobrindo a parte de sua integridade que era comprometida com mais frequência.

- Eu o fiz prometer que não vai nos fotografar com nada que seja revelador - acrescentou Serena. - Ele está interessado mesmo em nossa cara.

Jenny examinou seu reflexo na parede espelhada diante dela. Tinha um rosto com, e aquele cara famoso queria tirar uma foto dele. Qual era o problema?

Ela respirou fundo.

- Tudo bem. Eu vou.

- Ueeeebaaaa! - Serena lhe deu um abraço apertado. - Vai ser incrível, você vai ver!

As outras meninas que comiam no refeitório olharam curiosas.

- Vai ver a Jenny concordou em doar o tecido adiposo dos peitos dela para os implantes de Serena - arriscou Mary Goldberg.

Ou talvez Serena tenha encontrado o jeito perfeito de evitar a gangue de perseguidores da Ivy League que vinha à cidade para vê-la no sábado!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

QUE HISTÓRIA É ESSA DE FESTA?

Mas aí será no Brooklyn e as pessoas que vão dar a festa não são basicamente do tipo que vemos socialmente, mas não há muito mais o que fazer neste fim de semana, e uma festa não é feita pelas pessoas que dão: é feita pelas pessoas que vão. Então eu digo o seguinte, vamos nessa, e levem todo mundo que vocês conhecem, e vamos detonar. Entenderam?

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu vou para Georgetown e soube que tanta gente usou a Georgetown como opção de segurança este ano que a universidade está fazendo de tudo para convencer as pessoas a irem para lá. Tipo assim, mandando um grupo de garotas a Nova York neste fim de semana para recrutar toda a galera que entrou.

- gshock

R: Cara gshock,

Por acaso esse grupo específico de meninas tem o cabelo pintado de louro e cicatrizes de tanto raspar as pernas?

- GG

P: Cara GG,

Estou no programa ROTC em Yale, o que significa que meus estudos são pagos pelo exército, e faço treinamento básico ao mesmo tempo. O oficial responsável pelo meu programa recebeu uma carta daquela garota que disse que estava na lista de espera de Yale, mas ela entraria para o programa se eles prometessem uma vaga para ela. Então o oficial do programa decidiu me mandar a Nova York para conhecê-la. Ela escreveu num papel de carta estranho com sapatos em toda parte e pôs uma foto da irmã bebê dela na carta. O nome da irmãzinha dela é Yale. Não parece coisa de biruta?

- armygurl

R: Cara armygurl,

Você não sabe no que está se metendo. Um conselho: use o capacete.

- GG

Flagra

N na **FAO Schwarz**, tentando decidir entre um pônei de pelúcia em tamanho natural e um centro de diversão para berço que toca DVD e MP3. É legal que ele seja tão generoso e tudo isso, mas já está ficando ridículo. **S** e **J** na Bendel's, comprando para festejar enquanto **E**, a amiga de **J**, carregava devidamente as sacolas.

B apresentando a nova irmãzinha ao departamento de calçados da **Barneys**, onde todo mundo sabe o nome dela. Dez rapazes lindos na fila de New Haven cantando uma música de **Amor sublime amor**. Aquela amiga do furão peidorreiro de **V** comprando uma mochilona cheia de birita numa loja de bebidas da Williamsburg. Acho que alguém está se preparando para festejar pra valer. **D** sentado sozinho em um restaurante de Williamsburg tarde da noite, escrevendo. Um poema de aniversário para **V**, quem sabe?

Não se esqueçam, e não se esqueçam de dizer a todo mundo que vocês conhecem para que não se esqueçam – amanhã à noite todo mundo aprontando no Brooklyn.

A gente se vê lá!

Pra você que me ama,

gossip girl

e ele achava que ninguém ia

— Feliz aniversário. — Dan deu a Vanessa o poema que tinha escrito para ela e se apoiou no batente da porta. — Eu queria te dar isso antes que chegue mais alguém.

— Nem diga " Se alguém vier"—alertou Vanessa.—Eles virão. — Ela se curvou na pia do banheiro, vendo seu reflexo enquanto passava

nos lábios o batom preto-arroxeadado de Tiphany. Depois ela se sentou na privada e começou a ler o poema em voz alta.

uma lista de coisas que você adora:

preto

botas com ponta de aço

pombos mortos

chuva suja

ironia

eu

uma lista de coisas que eu adoro:

cigarros

café

você e seus braços brancos como maçã

mas o problema das listas é que tendem a se perder

— Obrigada — disse Vanessa. Ela dobrou a folha de papel e enfiou na gaveta do armário debaixo da pia onde Ruby guardava todas as coisas de cabelo e a maquiagem.

Era uma reação meio esquisita a um poema que devia ser agridoce.

— Meu Deus, cara, você precisa começar a tomar pílulas de felicidade — murmurou Tiphany do corredor. — Como é que pode escrever um poema para o aniversário da namorada que parece tão *melancólico!* — Ela cutucou Dan quando passou por ele, pegou o batom na pia e passou na boca. — Rosas são vermelhas, violetas

são azuis. — Ela puxou Vanessa para cima e lhe deu um beijo no rosto, deixando uma marca borrada de preto-arroxeadado. Depois ela a beijou na outra bochecha. — Cara, você está uma gata assim toda cheia de batom!

As duas meninas riram e se olharam no espelho. Tiphany usava uma blusa de seda preta que pegou no armário de Ruby.

— Blusa legal — observou Vanessa.

— Calça legal — disse Tiphany em resposta. Vanessa tinha pegado a calça de pijama listrada de zebra de Ruby e ela realmente meio que deu certo com uma minissaia de brim preto, uma camiseta preta e botas de combate. Bem uma mistura de Blondie com Sex Pistols.

Dan se afastou, querendo que Tiphany não estivesse no seu humor rude habitual e ouvisse o poema dele. E daí, se não era todo animado, alegrinho e divertido? Ainda era um poema de amor. E havia uma mensagem nele, se ao menos Vanessa tivesse tempo para ouvir.

— Ontem eu estava pensando que podia ser uma noite legal para fazer um piercing —

anunciou Tiphany.

Vanessa olhou para ela no espelho. As orelhas de Tiphany não tinham brinco nenhum.

— É mesmo? Tipo onde?

Tiphany riu e ergueu as sobrancelhas agourentamente.

— Eu não, bobalhona. Você!

A campainha da portaria tocou repetidamente e Tiphany pegou o braço de Vanessa e a arrancou do banheiro.

— Convidei umas pessoas. Você não se importa, né?

— Claro que não — disse Vanessa, feliz por sair do assunto do piercing.

Dan abriu a portaria para eles e um minuto depois uma tropa de caras enormes com sobretudos sujos e cheirando a tinta irrompeu no apartamento com as botas de trabalho.

— Oi, rapazes. — Tiphany arrastou um saco pela sala e o abriu. Estava cheio de garrafinhas de vodca Grey Goose. — Essa é minha equipe da obra. Eles não falam inglês muito bem. — Ela passou a cada um deles uma garrafa e depois abriu uma para si mesma.

— Hora de se divertir!

Dan entrou na cozinha para preparar uma xícara de café bem forte para ele. Os caras da obra tinham cheiro de removedor de tinta e provavelmente eram todos psicopatas, assim como Tiphany. Mas, se eles não falavam inglês, ele não teria de conversar com eles, o que era bom.

Vanessa não ligava que um bando de homens estranhos estivesse em sua casa, desde que se comportasse. Pelo menos agora parecia mais uma festa. Ela foi até o aparelho de som e pôs um EP da banda de Ruby. Como era aniversário dela, ela meio que sentia falta da irmã.

"Prick my finger, kiss my ass!", berrava a voz de Ruby dos alto-falantes.

— *Serena! Conheci uma garota chamada Serena!* — ecoou um grupo de vozes mais melódicas do lado de fora do apartamento.

A porta da frente ainda estava aberta. No corredor estava um cara louro e meio infantil seguido por outros nove rapazes, todos usando terno azul-marinho e gravata de Yale, com uma rosa vermelha na lapela.

— Serena está aqui? — perguntou o louro. Na verdade, ele nem disse a pergunta, ele *cantou*.

— *Aindaaaaa nããããã* — cantou Tiphany em resposta. — Mas *eeeeentraaaaa auúíí!*

— Ela passou uma garrafa de Grey Goose a cada um deles. — Vocês também dançam ou só cantam?

Dan estava parado na cozinha, fumando como uma chaminé e engolindo café. A festa estava se transformando em uma coisa saída de *Amor sublime amor*—operários contra cantores. Talvez eles tivessem um tambor.

Vanessa estava empoleirada no peitoril da janela, filmando as pessoas. A festa já estava tão doida que ela não conseguia imaginar o que ia acontecer depois.

E então a porta da frente se abriu um pouco e entrou um macaco branco usando uma camiseta vermelha com o *S* monogramado.

— Sweetie!—gritou Tiphany, pegando o macaco nos braços. — Tooter está dormindo no armário. Mas, se ele souber que você está aqui, aposto que vai sair para brincar.

— Alguém quer um charuto? — perguntou Chuck Bass, brandindo um punhado deles. —

O mordomo do meu pai acaba de trazer um baú deles de Cuba.

O mordomo dele?

Os Whiffenpoofs e a equipe da obra de Tiphany se serviram dos charutos. Tiphany levou o macaco de Chuck para o armário onde Tooter estava dormindo no chão, enroscado em cima do suéter cinza preferido de Dan.

— Sem macaquices aí, hein, crianças?—disse ela, fechando parcialmente a porta para que eles tivessem privacidade. Ela se virou para Vanessa. — Agora, que tal o piercing?

Vanessa sorriu, nervosa.

— Eu sempre quis fazer um na boca.

— Tá feito! — Tiphany agarrou um dos caras da obra pela camisa.
— Gelo, agulhas, vodca, fósforos. No banheiro. Vai — ordenou ela, empurrando-o novamente.

De repente quatro louras usando suéter cinza da George town apareceram na porta, de mãos dadas.

— Blair Waldorf está aí? — perguntou uma delas.

— Ainda não — respondeu Tiphany, como se conhecesse Blair a vida toda. Ela deu uma garrafa de vodca a cada uma das meninas.
— Mas estou fazendo piercing no banheiro, se quiserem vir.

As quatro meninas se olharam cobiçosamente, os olhos brilhando. Elas sempre quiseram fazer tatuagens iguais. Pier cings iguais no umbigo ia ser melhor ainda.

— Vamos nessa! — gritaram em uníssono.

Vanessa baixou a câmera e as seguiu pelo corredor até o banheiro. Afinal, era aniversário dela. Por que não?

Porque ia doer pra caramba?

b & n

Yale tinha uma enfermeira em tempo integral que dividia o quarto com Myrtle, mas sempre que Blair ouvia o choro do bebê, corria para o quarto antes que a babá chegasse lá e aflagava a cabeça careca de Yale até que ela se aquietasse novamente. Ela fazia isso com tanta regularidade que a enfermeira nem se incomodava mais de se levantar quando ouvia pela babá ele trônica que Yale estava chorando, porque logo em seguida escutava os arrulhos de Blair, "Quem é a minha princesinha?", numa voz que ninguém sabia que Blair era capaz de fazer.

Nessa noite, porém, a enfermeira realmente teria de fazer seu trabalho, porque Blair ia sair.

— Volto daqui a duas horas—prometeu ela à irmãzinha.

O táxi a deixou em um trecho da Broadway em "Williamsburg que só podia ser descrito como miserável. Havia lixo espalhado em toda a calçada e cada porta estava pichada. Ela supôs que a anormal de cabeça raspada da Vanessa e a irmã dela achavam que era urbano, durão e bacana morar em um lugar assim, mas Blair podia viver sem o urbano, o durão e o bacana, muito obrigada. A Quinta Avenida era perfeitamente adequada para ela.

Blair subiu no quadrado de cimento cheio de cocô de pombo que servia de degrau e tocou o interfone para o apartamento de Vanessa. Ninguém atendeu. Ela tocou novamente. De novo, nenhuma resposta. E agora, o que ela devia fazer?

— Acho que deixaram aberto—disse uma voz conhecida. Blair girou rapidamente e viu Nate parado abaixo dela na

calçada. Ali estavam eles, juntos, no Brooklyn. Era totalmente inesperado.

Como se ele não fosse o motivo de ela vir à festa, antes de mais nada.

— Só vim para ver quem estava aqui. Não posso ficar muito tempo — disse ela a Nate asperamente. Ele parecia meio cansado e descuidado, mas de uma forma bonitinha.

Como se tivesse tirado uma soneca todo vestido. Na verdade, ele estava exatamente do jeito que Blair gostava.

— Eu também. — Nate a olhou timidamente com aqueles olhos verdes e brilhantes dele.

—Você está linda. Eu... eu gostei do seu cabelo.

Blair tocou o cabelo. Ele era a única pessoa em todo o universo que percebeu que estava um pouco mais escuro do que antes.

— Obrigada.

— E aí, como estão as coisas em casa, com o bebê e tudo? — perguntou Nate. Ele enfiou as mãos nos bolsos como se não tivesse certeza do que fazer com elas.

Alguém atirou uma garrafa de vodca pela janela e ela se espatifou na calçada só a seis metros de distância. Blair desceu do degrau de cimento. Não ia subir, não agora.

— Yale é... —A voz dela falhou enquanto ela lutava para encontrar as palavras certas que descrevessem a irmã mais nova. — *Perfeita* — disse por fim.

Havia um brilho de felicidade nos olhos de Blair que não estavam ali antes.

— Eu queria conhecê-la um dia — acrescentou Nate. Blair estendeu a mão para o braço dele. O que estavam

fazendo numa festa no Brooklyn, onde nenhum dos dois queria estar?

— Vamos lá *agora*.

Justamente nesse momento um táxi encostou e Serena, Jenny, Elise e dois caras vestidos com ternos amarelo-banana Dolce & Gabbana desceram. Depois outro táxi parou e deixou quatro modelos com roupas de Carmen Miranda, completas, com turbante de frutas e tudo. E em seguida outro táxi cheio de modelos, e depois os Raves — sim, a banda toda, menos o vocalista, que tinha acabado de sair — desceram de outro táxi.

— Nossa limo Hummer quebrou, então tivemos de pegar um táxi — explicou Jenny a Blair e Nate com um riso de felicidade.

Blair apertou mais o braço de Nate e puxou-o para o primeiro táxi vazio.

— Vamos.

Serena pestanejou enquanto eles subiam no banco traseiro.

— Comportem-se, os dois!

Blair sorriu e deixou a cabeça tombar no encosto de couro falso do táxi. A perna de Nate estava tocando a dela e todo o corpo de Blair ardia com o calor dele. Ela se sentiu meio como Sandy no fim do filme *Grease — Nos tempos da brílhantina*, quando ela e Danny dispararam naquele carro envenenado, deixando todos os outros no festival da escola.

Sempre ficava muito óbvio para Blair o que Sandy e Danny iam fazer em seguida, com Sandy vestida naquela calça de vinil preto e tudo. Ele mal conseguia tirar as mãos dela.

"You're the one that I want — ooh, ooh, ooh, honey!" Nate deslizou a mão entre os joelhos de Blair e deixou-a ali.

Ah, ela ia se comportar direitinho a noite toda.

J anda com uma comitiva

Dan mal reconheceu a irmã. Ela e Serena irromperam na festa parecendo estrelas de cinema com a mesma roupa, leggings listrados de turquesa e preto, botas pontudas e colete de couro turquesa. O cabelo tinha passado por uma escova, elas estavam com cílios postiços e os lábios com batom rosa-chocking.

Uma mistura de motociclista piranha da década de 1980 com Mod Squad.

Melhor ainda, elas eram seguidas por toda uma turma de modelos e gente da moda da sessão de fotos, e os membros de uma nova banda de sucesso chamada Raves. Elise também estava ali, vestindo um macacão laranja berrante que Jonathan Joyce dera a ela de presente por ser tão boazinha nas fotos.

Jenny partiu para cima de Dan e lhe deu um beijo no rosto,

— Feliz aniversário! — guinchou ela, embora soubesse perfeitamente que não era aniversário dele. Ela acabara de ter o melhor momento da vida e estava fervendo de adrenalina. — Cadê a Vanessa?

Dan enfiou o décimo nono cigarro da noite entre os lábios e o acendeu rapidamente.

— No banheiro, fazendo um piercing — respondeu ele com amargura.

— Caraça! — Jenny lhe deu outro beijo no rosto. — Que festa ótima!

A banda começou a montar o equipamento na sala. Elise apareceu para arrastar Jenny dali.

— Se nos der licença, Daniel, tem uma coisa que preciso mostrar a Jennifer. — Ela pegou Jenny pelo cotovelo. —Vai gostar de ver isso. Está no armário.

Seriam aqueles dois animaizinhos fazendo bagunça, quem sabe?

Dan não sabia por que estava tão preocupado. Jenny estava bem. Talvez fosse a diferença entre os 14 e os 18 anos. Quando se tem 14 anos, uma coisa que hoje parece o fim do mundo pode ser totalmente esquecida amanhã. Quando se tem 18, sua vida está muito mais perto de acabar.

Ah, dá um tempo. Ele ainda nem fez 18!

A banda começou a tocar e de imediato todos passaram a sacudir o corpo. Na última hora tinha entrado um fluxo contínuo de pessoas e o apartamento estava apinhado de alunos de cada escola particular de Manhattan. Agora que eram veteranos no segundo semestre, não importava se conheciam Vanessa ou não. Dê-lhes um motivo para pirar e as pessoas aparecem.

Dan não estava com muita vontade de dançar nem de pirar. Em vez disso, ele decidiu ficar bêbado. Vagando pela sala de estar, ele pegou uma garrafa de Grey Goose do saco meio vazio de Tiphany e depois se encostou na parede para beber e ver a banda tocar.

Chuck Bass dançava com uma das garotas da Georgetown.

A menina tinha acabado de fazer um piercing no umbigo e estava cheia de Band-Aid, e o apito de metal, pendurado numa corrente no pescoço, ficava subindo e batia em seu nariz arrebitado.

Considerando o parceiro de dança, aquele apito podia ser uma mão na roda.

Uma garota de uniforme completo do exército, até capacete e chapa de identidade, foi até Dan e o cumprimentou.

— Viu Blair Waldorf? — perguntou ela.

Dan sacudiu a cabeça e tomou um gole gigante de vodca. Não tinha muita certeza de como isso ia se manifestar, mas sua própria piração não ia demorar muito.

s não consegue manter seus meninos na linha

Serena dançava com os dois stylists gays da sessão de fotos, os ternos amarelo-banana fazendo um forte contraste com a legging azul-turquesa dela de um jeito espalhafatoso de que ela não se cansava.

— Serena? — Um rapaz alto com óculos de aro prateado entrou em seu campo de visão e pegou a mão dela. Serena parou de dançar, o coração todo alvoroçado. Era Drew, de Harvard. Ou seria da Brown?

— Oi — disse ela devagar, batendo os cílios postiços para ele. Ela apontou para a legging listrada maluca e as botas brancas pontudas. — Como vê, é assim que eu me visto normalmente. — Ela agora lutava para situar Drew. A essa altura os rapazes estavam todos um borrão só. Ele era o cara que toca xilofone ou é o pintor?

Drew deu um sorriso duro. Ele parecia pouco à vontade no terno J. Crew elegantemente passado e sapatos de camurça marrom. Era como se mal pudesse esperar para dizer:

"Vamos cair fora desta pocilga e tomar um café em algum lugar elegante e sossegado."

Serena hesitou. Ela queria ser aquela garota, queria mui to. A garota que tomava café com o namorado. Um casal. Mas ela não queria perder a festa.

De repente alguém pegou-a pela cintura e baixou-a num mergulho exagerado. A respiração de Serena ficou presa na garganta

enquanto ela via a cara quadrada do colega de quarto de Drew.

— Opaaa! — exclamou ela, os olhos arregalados.

— Deve se lembrar do Wade — disse Drew, parecendo ainda mais desconfortável do que antes. — Ele insistiu em vir.

Wade puxou-a para mais perto e lhe deu um beijo na boca. *Smack!*

— Está feliz? — perguntou ele.

Serena não queria parecer fácil, mas tinha de admitir que *estava mesmo* feliz. Quando mais alegre melhor, no que dizia respeito a ela. Uma baixinha louro-avermelhada com uma bolsa Kate Spade preta e caretinha bateu no ombro dela.

— Conhece Nate Archibald? — perguntou a mulher. Serena assentiu.

— Ele já foi. — Drew ainda estava parado ao lado dela, as mãos nos bolsos, com cara de quem precisava fazer alguma coisa. — Esse é meu amigo Drew — disse Serena à loura.

— Ele é de...

— Harvard — completou Drew, erguendo a mão naquele jeito encantador de nerd dele.

Do outro lado da sala os Whiffenpoofs começaram a cantar com os Raves. Eles eram incríveis. Serena ficou na ponta dos pés para acenar para eles e todos os dez rapazes lhe sopraram um beijo. Mas não estava faltando alguém? O artista da Brown. Ele não amava tanto quanto os outros?

Ah, amava sim.

As pessoas estavam se amontoando perto das janelas, vendo alguma coisa que acontecia na rua.

— Me põe no ombro? — pediu ela a Wade com doçura.

Wade carregou Serena até as janelas e ela viu, por sobre a cabeça dos espectadores, do que tratava toda aquela confusão. Na rua, alguém estava pintando em spray um mural em tons de verde e dourado. Era Christian, a cabeça escura curvada com seriedade no trabalho. À medida que o mural tomava forma, ficou evidente que era um retrato de Serena, com borboletas verdes fosforescentes no cabelo e asas douradas brotando dos ombros, como uma espécie de anjo glorioso.

Serena riu, constrangida pela adoração exagerada de Christian, mas se divertindo assim mesmo. Talvez o amor verdadeiro não fosse exatamente o que ela queria. Talvez só fosse... *amor*. E ela estava cercada dele.

o chocalho de morder de b deixa n ligado

— Ande por este lado do quarto — sussurrou Blair. — As tábuas do chão rangem ali.

Nate seguiu-a pelo quarto do bebê, iluminado apenas por um abajur de papel em forma de lua, até onde Yale estava dormindo em seu berço branco cheio de fitas. No canto, perto da janela, o pônei em tamanho natural que ele tinha mandado da FAO Schwarz os olhava como um sentinela.

O bebê estava enrolado em um cobertor rosa e deitado de costas, a cara franzida e vermelha parecendo nova.

— Vê como os olhos dela estão se mexendo por baixo das pálpebras — sussurrou Blair.

— Ela está sonhando.

Nate não conseguia imaginar o que alguém tão novo no mundo podia sonhar, mas imaginou que devia ser como um daqueles

sonhos que ele tinha quando ficava muito chapado. Nada acontecia, ele simplesmente *sentia as coisas*. E ele sempre acordava com fome.

Blair estendeu a mão para o berço e pegou um pequeno chocalho de prata. Parecia um haltere minúsculo.

— Isto era meu quando eu era bebê. — Ela o virou. — Tá vendo todas as marcas de mordida?

Ela passou o chocalho a Nate. À primeira vista, parecia liso, mas quando ele olhou mais de perto pôde ver centenas de marcas. Não era surpresa que Blair tivesse sido uma morde-dora tão voraz, obsessiva e agressiva desde o início. Mas havia alguma coisa calma nela agora, como se aquietar o bebê a tivesse ensinado a se acalmar também.

Nate devolveu o chocalho a ela e o chocalho fez um barulho. Imediatamente Yale começou a se remexer e a gemer, os braços e pernas chutando em todas as direções e o rosto se enrugando como uma ameixa seca.

Blair se curvou no berço e pegou a irmã.

— Shhhhh — sussurrou ela. — Não foi nada. Volte a dormir. — Ela embalou Yale até que ela parasse de se agitar. Depois colocou o bebê novamente no berço e enfiou o cobertor em volta dele. — Pronto. Vá dormir — disse ela de novo e depois olhou para Nate.

— Ela é linda — disse Nate a ela, a voz falhando. Silenciosamente, ele pegou a mão de Blair e puxou-a para o corredor. Ela fechou a porta do quarto e ele a abraçou com força, colocando os lábios nos dela.

— Meus pais viajaram — sussurrou ele no cabelo dela. A cobertura estava tão silenciosa que Blair praticamente

podia ouvir o próprio coração batendo. Tyler e Aaron estavam vendo filmes na biblioteca, e a mãe e Cyrus estavam fora. Mas ela não podia transar com Nate ali, não com Yale deitada dormindo inocentemente no quarto ao lado. Ela fechou os olhos e o beijou de novo antes de sussurrar:

— Tudo bem, estou pronta.

Até que enfim.

J está ansiosa por um futuro escandaloso

Jenny nunca foi uma grande dançarina, mas como podia deixar de dançar naquelas botas brancas pontudas e doidas? E o que seu colete de couro turquesa tinha de maravilhoso era que mantinha tudo no lugar. Não tinha peito se esparramando. Nenhuma apalpadela acidental. Nada se balançando e cambaleando. Mas mesmo sem o colete ela teria se sentido ótima. Mais do que ótima.

Os Raves pararam de tocar e anunciaram que iam fazer um pequeno intervalo. Os Whiffenpoofs, porém, só estavam começando.

— *Um, dois, um dois três...* — começaram eles a cantar naquela harmonia tradicional a capela. — Jenny, oh, Jennifer — começaram a fazer uma serenata para ela. — *A irmãzinha de Serena, Jennifer. Elas não se parecem. Uma é alta, a outra baixa, mas são as gatas mais doidas do mundo.*

Serena apareceu e passou o braço nos ombros de Jenny, balançando-se com a música. Os outros convidados ficaram vagando pela sala, sem prestar muita atenção, agora que a música de verdade tinha parado.

— *Jennifer, ela tem umas tetas enormes!* — cantou Chuck Bass em voz alta enquanto passava pelas duas meninas, sacudindo a bunda

bêbada com o macaco nos ombros e a boina do colégio militar na cabeça. Alguns risos abafados ecoaram pela sala.

Epa.

— Você sabia que eles transaram uma vez, né? — cochichou uma garota da Seaton Arms para a amiga. — Foram pegos numa festa em outubro, no *banheiro*. Ela estava, tipo assim, totalmente nua e Chuck estava fazendo o *toailete* dela.

— Pensei que ele fosse gay—disse uma menina que usava uma camiseta nova da Vassar.

— *Todo mundo quer apertar os grandes peitões de Jenny!* — continuou Chuck de uma forma irritante.

— *Chuck Bass tem cabelo na bunda!* — contra-atacou Serena em voz alta, — ignore —

disse ela a Jenny.

Mas, em vez de ficar roxa de ultraje e totalmente envergonhada, Jenny não conseguia parar de rir. Duas semanas antes a pequena performance de Chuck teria sido um desastre para ela. Agora todo mundo estava rindo dele, e não com ele. E agora que ela passara por um escândalo — ou dois ou três — e saíra ilesa, estava mais resistente. Jenny tinha um passado, uma história. Ela era a garota de quem não se conseguia parar de falar. Com peitões e tudo, ela, Jennifer, estava destinada ao sucesso.

E se a vida desse uma guinada de azar e as coisas se saíssem irreparavelmente mal, ela sempre podia ir para o colégio interno, como o pai ameaçara. Ali ela podia se reinventar.

Talvez ela até voltasse do internato e se reinventasse *de novo*, como Serena havia feito.

Jenny podia até ter tantos namorados quanto Serena. Um dia.

d explora um novo talento

— Me arranja um cigarro, cara? — pediu Damian Polk, primeiro guitarrista dos Raves e um dos preferidos na música para Dan. Dan estava bêbado demais para ficar deslumbrado. Ele ergueu o maço amassado e meio vazio de Camels que tinha aberto só meia hora antes, depois Damian acendeu seu cigarro com o Bic amarelo de Dan. Damian usava uma espécie de casaco militar de lona marrom com palavras em finlandês ou outra língua qualquer pintadas em preto. Era o tipo de casaco que só uma pessoa famosa podia usar.— Por acaso sabe quem é que mora aqui? — perguntou ele.

— *Eu* — respondeu Dan de porre. — Mais ou menos. Com a minha namorada. É o apartamento da irmã mais velha dela, mas ela viajou.—Ele decidiu não mencionar a Tiphany. Preferia pensar que Tiphany não existia. E agora que pensou no assunto, ele não viu Tiphany nem Vanessa a noite toda. Quanto tempo um piercing podia durar?, perguntou-se ele, a cabeça densa da vodca.

Damian assentiu pensativamente.

Os outros membros dos Raves se reuniam na cama, folheando os cadernos de Dan.

— Já viu este? Se chama "Putas" — disse o baixista a Damian, erguendo o poema. —

Seria uma perfeita, tipo assim, balada de amor rejeitado, tá ligado? Tipo a música perfeita para o meio de um show. Especialmente depois desta engraçada, "Matando Tooter".

Dan os encarou. Ainda havia uma chance muito boa de ele estar sonhando ou que tivesse morrido depois de ser pisoteado por um dos enormes amigos operários de Tiphany.

Damian assentiu para ele.

— Achei o cara que escreveu. Ele é bonito o bastante para ser o homem de frente.

Dan oscilou diante dos outros. Homem de frente?

— Mas ele sabe cantar? — perguntou o baterista, dando uma olhada em Dan e puxando o bigode estranho e assustador. Os Raves tinham um estilo meio misto. Parte irmão mais velho legal, parte serial killer.

Cantar?

Damian bateu nas costas de Dan.

— Você vai tentar, não vai? Afinal, as músicas são suas. Cante como quiser. A gente toca muito alto, então você vai achar que está gritando. — Ele deu outro tapinha nas costas de Dan. — E só fazer com que fique bom, tá?

— Tá.

Enquanto seguia a banda até a sala, Dan sentiu como se seu corpo estivesse nas mãos de um ventríloquo louco com um senso de humor distorcido. O que ele percebeu em seguida é que estava tirando a camisa.

Bem, ele é o homem de frente, afinal de contas. O baterista espancou a bateria algumas vezes e uma lufada de expectativa encheu a sala.

— Vamos fazer "Matando Tooter" primeiro, tá legal? — perguntou ele a Dan.

Dan assentiu. Ele mal sabia os versos, mas estava totalmente de porre, então não precisava declamar.

A banda explodiu numa batida frenética e ritmada com uma linha do baixo ondulante.

Era perfeito para o poema, ou música, ou a merda qualquer que quisessem chamar.

— "Está com fome? Fiz uma coisa pra você! Morre, Tooter, morre!"
— gritou Dan no microfone. — "Está cansado? Eu te ponho pra dormir! Morre, Tooter, morre!"

— "Morre, Tooter"! — Os Whiffenpoofs fizeram coro. A sala estava apinhada e imediatamente as pessoas pegaram a loucura, dançando e tirando a roupa.

Dan rasgou a camisa. O que é isso? Ele mostrou o dedo a todos.

— "Quer mais o quê? Vem pegar! Morre, Tooter, morre!" Tá legal, então talvez ele estivesse totalmente de porre, mas

ainda assim era melhor do que chafurdar na autopiedade e se sentir um coitadinho num canto.

E pelo menos agora ele sabia, depois de todos aqueles anos, que escrevia *músicas* mórbidas e tortuosas, e não poemas.

v mete o pé na bunda de alguém

- Aí, tem alguém chamado Vanessa aqui? - gritou um cara do lado de fora do banheiro.

- Oi? - respondeu Vanessa e abriu a porta um pouco. Na última meia hora ela estava curvada sobre a pia, passando água na boca, mas o lábio ainda estava sangrando.

O cara enfiou o telefone na mão dela. Ele estava sem camisa e tinha uma tatuagem de cobra no peito.

- Uma piranha aí já ligou umas quinhentas vezes. Será que ela não entende que a gente está tentando ouvir a música aqui?

Vanessa pegou o fone e o aninhou entre o queixo e o ombro enquanto Tiphany passava gelo no lábio dela.

- Alô?

- Oi, é sua irmã, lembra? - Ruby gritava do outro lado da linha. - Que porra é essa que tá rolando aí?

- Estou dando uma festa - explicou Vanessa, embora mal conseguisse explicar alguma coisa. Ruby sabia perfeitamente que, além de Dan, Vanessa tinha exatamente zero amigo.

- Ah, é, a Srta. Aniversariante? E quem teria ido a essa festa?

Vanessa olhou para Tiphany.

- É a sua irmã? - murmurou Tiphany. Vanessa assentiu e Tiphany apertou um punhado de gelo na mão. - Te vejo depois. - Ela passou aos chutes pelas toalhas manchadas de sangue que estavam no chão do banheiro, deixando a porta aberta quando saiu. A cacofonia da música e gritos e o cheiro de fumaça e vodca quase nocautearam Vanessa.

- São os Raves... ao vivo? Como é que é, a MTV te contratou pra filmar um clip deles ou coisa ssim? - perguntou Ruby.

- Não tenho certeza - respondeu Vanessa com sinceridade. Ela sabia que a festa tinha inchado tremendamente desde que desaparecera no banheiro, mas não sabia até que ponto. - Mas aí, a Tiphany está morando aqui.

- Que Tiphany?

- A tiphany. Você deu a chave a ela. Ela falou que você disse que ela podia ficar por aqui o tempo que ela quisesse. Ela está dormindo na sua cama.

Ruby ficou em silêncio por um momento.

- Peraí, acho que sei de quem você está falando. Ela tem um furão, né? E veio com toda aquela história de que viajou pelo mundo e fez todas aquelas coisas e só precisa de um lugar para ficar por um tempo?

OK.

- Nem acredito que ela ainda tem a chave. Não lembra a história sobre a garota que, tipo assim, se alojou no apartamento quando eu me mudei? Um dia eu consegui que o senhorio a expulsasse, e o tempo todo ela agia como se fosse uma grande amiga.

Isso meio que parecia com a Tiphany.

- Mas ela nem é daqui. - A voz de Vanessa falhou. - Ela é de todo lugar. Ela tem sede de viajar. - Era uma das expressões preferidas de Tiphany, mas, cara, parecia idiota quando Vanessa falou.

- É uma vagabunda - corrigiu Ruby. - E sanguessuga. A posto que não está pagando por comida nenhuma nem nada desde que chegou aí. A não ser, talvez, pelo álcool.

Vanessa não sabia o que dizer. Era verdade. Ela e Dan basicamente estavam alimentando Tiphany há uma semana.

- E, além disso, não podemos ter animais de estimação no nosso prédio. Esse furão pode nos expulsar daí. Toca a garota pra fora, gata. Tá legal?

Vanessa estava à beira das lágrimas. Como pôde ter sido tão idiota e deixar essa garota que ela nem conhecia dominar sua vida? Era

como Relação indecente, aquele filme terrível com Drew Barrymore que Vanessa ficava sem graça de admitir que tinha pegado na locadora, onde Drew, a garota má, se muda para a casa de uma garota inocente e acaba totalmente com a vida dela.

- Vou te ligar amanhã, tá legal? - prometeu Ruby.

- Tudo bem. - Vanessa desligou. Suas mãos tremiam. Ela atirou o fone na pia e marchou para a sala, esquecendo-se completamente do lábio que sangrava.

Meu Deus.

O apartamento estava um tumulto só. Meninas da Constance Bilard, da Seaton Arms e de todas as outras escolas com que Vanessa preferia não ter relação nenhuma dançavam e giravam a bunda na pelve de rapazes da St. Jude's e da Riverside Prep.

Os membros da "turma da obra" da Tiphany, que Vanessa agora suspeitava de que fossem ladrões profissionais ou coisa pior, atacavam a parede da sala com a picareta de Tiphany; o furão de Tiphany e o macaco de Chuck Bass estavam se perseguindo no futon de Ruby, e a própria Tiphany estava parada na frente da TV, passando um dos filmes que Vanessa fizera alguns meses antes, para que todos vissem. Mas onde estava Dan? Será que ela o estava ignorando ou era ele que a ignorava?

Abrindo caminho na multidão, Vanessa investiu para Tiphany e arrancou o controle remoto da mão dela.

- Isto é particular! - gritou ela, desligando a TV. Aos poucos ela pôde sentir sua antiga personalidade ultrajada e rabugenta voltando... e foi ótimo. O que a deixou com uma raiva ainda maior foi que Tiphany havia roubado isso dela.

Aí, Garota.

Tiphany deu seu riso bobalhão e alto de não-somos-grandes-amigas?

- Dan é um poeta chato e um ator bem ruim. - Ela apontou para a sala de estar. - Mas misture as duas coisas e olha o que você tem!

Vanessa olhou para ela e depois se virou para ver o que ela estava apontando. Ela não sabia como pôde ter perdido essa. Lá estava Dan, em cima de um engradado de leite emborcado, sem camisa e suando, mordendo o microfone enquanto cuspiam as palavras de seus poemas, fingindo que eram músicas. Ela se virou novamente. Ia cuidar dele depois.

- Essa blusa é da minha irmã - disse ela a Tiphany sem alterar a voz. - Devolva.

A boca de Tiphany se abriu um pouco.

- Você está usando a calça dela.

- Ela é minha irmã. Devolva - ordenou Vanessa. - E depois ache seus amigos e seu maldito furão e dê o fora daqui.

A raiva que estava se formando desde que conversara com Ruby no banheiro a consumia.

Era aniversário dela e ninguém parecia dar a mínima que estivessem entulhando sua casa.

Ela nem conhecia a maioria das pessoas ali.

- Todo mundo pra fora! - gritou ela. - Quero todo mundo fora daqui agora, porra!

É claro que ninguém a ouviu, não com a barulheira dos gritos bêbados de Dan.

Mas Vanessa tinha uma coisa a seu favor. Era a casa dela e ela sabia onde ficava a caixa de disjuntores. Abrindo caminho por uma rapaz suado e seminu e a namorada torta de bêbada dele, ela se enfiou na cozinha, subiu na bancada e abriu a caixa de metal acima do fogão. Com uma virada de alguns disjuntores, a música sumiu e a única luz acesa era a que estava acima de sua própria cabeça.

- TODO MUNDO PRA FORA! - gritou ela novamente, a boca arreganhada de forma inumana, como Lucy nos quadrinhos Peanuts quando ficava muito irritada com Charlie Brown, o que doeu como o diabo com aquele lábio com piercing.

- Que porra é essa? - perguntou um cara que não usava nada além de uma cueca samba-canção laranja de Princeton.

- Quem diabos é ela? - gemeu a namorada dele.

Mas era uma galera bem-nascida e ninguém gostava de ficar numa festa quando não é bem-vindo. Lentamente, as pessoas começaram a sair pela porta e a descer a escada.

Vanessa até pensou ter ouvido o som distinto de uma picareta batendo no chão.

Ela se sentou no fogão, balançando as botas de combate no forno enquanto via todos irem embora.

- Por que ela não pede só pra gente pegar leve ou coisa assim? - resmungou alguém.

- O que a gente vai fazer agora? É só meia-noite - reclamou outra pessoa.

É claro que Chuck Bass tinha a solução perfeita.

- Vamos mudar a festa para a minha casa! - gritou ele, pegando o macaco e enfiando-o na camisa. Ele passou o braço por duas

garotas louras da Georgetown. - Vocês podem dormir lá, se quiserem.

Tiphany entrou na cozinha usando só um sutiã preto, que também devia ser de Ruby. Ela atirou alguma coisa para Vanessa.

- Aqui está a merda da sua blusa.

Vanessa nem achou que esse tipo de comportamento merecesse uma resposta. Ela observou com uma satisfação disfarçada enquanto Tiphany pegava o furão pelo pêlo do pescoço, arrastava a mochila pela sala e saía pela porta.

Tiphany não era nenhuma sem-teto. Chuck tinha muito espaço.

d e v transam com palavras

Agora só restavam alguns extraviados. Vanessa religou os disjuntores e avaliou o prejuízo. Teria de contratar um serviço de limpeza para ajudá-la com aquilo tudo. Talvez ela descobrisse um jeito de cobrar de Tiphany.

Dan estava de quatro, procurando pela camisa e pelos sapatos. Os cabelos castanhos desgrenhados estavam colados nos olhos e ele mal podia enxergar.

Vanessa desceu do fogão.

— Você pode ficar — disse ela delicadamente. O que aconteceu foi culpa dela, afinal. Se ela não tivesse caído na bes-teirada da Tiphany, ela e Dan estariam morando juntos e se dando bem em vez de afundar no desastre.

Dan encontrou umm tênis Puma e o calçou. Um era melhor do que nada. Ee se levantou.

O lábio superior de Vanessa estava com uma crosta de sangue, mas ela ainda estava melhor do que ele.

— Vou com a banda. Eles querem que eu seja o homem de frente deles — babuciou ele com uma urgência de bêbado.

Vanessa não tinha idéia do que ele estava falando. Talvez, se eles só se sentassem e conversassem, como sempre faziam, as coisas voltassem ao normal.

— É meu aniversário—lembrou-lhe ela, tentando evitar que a voz falhasse.—Não quer ler o poema que escreveu para mim?

Dan sacudiu a cabeça. Quase tudo que ele tinha escrito era para Vanessa.

— É uma música. Todos são músicas.

— Tanto faz. —Vanessa pegou a folha de papel na gaveta do banheiro, grata por nenhuma garota enxerida ter fuçado por ali procurando algum gel capilar ou coisa parecida e levado o poema com ela.

Ela o entregou a Dan e se sentou na frente dele. Era um alívio ficar sozinha com ele de novo, mesmo que as paredes estivessem ruindo em volta deles.

O coração de Dan ainda batia como um louco, mas o resto de seu corpo estava desacelerando. Ele leu o poema com cuidado, a língua pesada de bebida e cansaço.

uma lista de coisas que você adora:

preto

botas com ponta de aço

pombos mortos

chuva suja

ironia

eu

uma lista de coisas que eu adoro:

cigarros

café

você e seus braços brancos como maçã

mas o problema das listas é que tendem a se perder

— É letra de música, né? — observou Dan. — Quer dizer, ficaria muito melhor com música. — Ele tentou reler o poema para si mesmo, mas as palavras começaram a dançar na página e ele não conseguia encontrar sentido em mais nada. Ele sabia que tinha escrito por um motivo, mas não conseguia lembrar qual.

Vanessa fez um som estranho de quem está ofegante e ele olhou e a viu chorando daquele jeito entrecortado de quem não chora com muita frequência. Só uns minutos antes, Dan estava se divertindo muito, gritando a plenos pulmões em um microfone. Como é que tudo ficou tão sério de repente?

Vanessa pegou a mão dele. O rosto dela estava molhado e manchado, o nariz escorria e havia um brinco de prata sangrento no lábio superior.

— Olha, eu sei que está tudo uma loucura, mas ainda vai ficar tudo bem. Quer dizer, é como no seu poema. Eu gosto de coisas feias. Nós dois gostamos quando as coisas não são perfeitas, né?

A mão de Dan pousou mole na dela. Ele sabia que o que Vanessa estava dizendo era importante, mas não conseguia se concentrar.

Ele precisava era de um cigarro e, pelo que podia se lembrar, não tinha nenhum. Ou talvez os cigarros dele estivessem no outro pé do tênis.

— Preciso encontrar meu tênis — disse ele a Vanessa. As lágrimas começaram a cair.

Vanessa pegou a mão dele

com força, desesperada para terminar o que tinha começado, explicar o que ela achava que o poema de Dan significava e como pensava que era verdadeiro.

— Não precisamos ir para a mesma faculdade, nem morar juntos. Podemos *só ficar*. —

Ela limpou o nariz nas costas da mão livre. Havia manchinhas de sangue na calça de zebra que caíram do piercing. Ela as esfregou com raiva. — Não importa o que a gente fizer, sempre vamos ficar juntos, não é?

Dan assentiu.

— É — concordou ele retoricamente. Não era que não estivesse sentindo a dor dela, ele só não conseguia ter uma conversa tão intensa nessa hora.

Os ombros de Vanessa se sacudiram num soluço silencioso. Ela enxugou o nariz novamente, curvou-se para a frente e o beijou na boca. Dan tentou retribuir o beijo, mas teve medo de machucar o lábio de Vanessa.

— Tudo bem.—Ela soltou a mão dele e tentou sorrir. — Saia daqui. Vá virar um astro do rock ou sei lá o quê.

Dan a encarou. Ela estava deixando ele ir? Dãããã.

— Mas você já vai?! —Vanessa cutucou o peito dele enquanto lutava para conter outra rodada de lágrimas.

Dan se colocou de pé, cambaleando. Mal podia ver o chão, de tanta ponta de cigarro, garrafa vazia, roupas deixadas para trás e coisas destruídas que estavam ali.

— Posso voltar amanhã e ajudar a limpar — propôs ele pouco convincente enquanto se arrastava pela bagunça.

Como se amanhã ele estivesse todo de olhos brilhantes, de cabelo penteado e pronto para calçar luvas de borracha para esfregar o chão.

b e n fazem pra valer

— Você ainda tem isso? — Blair puxou a gola em V da cash-mere verde-musgo, que ela dera a ele um ano antes, do encosto da cadeira da mesa de Nate, onde ele deixara na noite anterior. Ela virou-a pelo avesso, procurando saber se o pingente de coraçõzinho de ouro que tinha costurado por dentro da manga ainda estava ali. Estava.

Nate estava parado no meio do quarto, observando-a. Ele queria tirar a roupa, agarrá-la e atirá-la na cama, mas sabia, por experiência própria, que Blair gostava de fazer as coisas do jeito dela, então ele teria de esperar.

Blair baixou o suéter e passou a mão pelo modelo de veleiro na mesa de Nate. Ao lado havia uma foto dele e dos amigos da St. Jude's, segurando dois peixes grandes que tinham pegado numa viagem de pesca no Maine. Com os braços fortes e bronzeados, o sorriso branco e largo, o cabelo castanho-dourado e os olhos verdes brilhantes, Nate era o mais bonito de todos. Não que ela não soubesse disso a vida toda.

Ela não sabia o que estava esperando, e não queria protelar. Só não ficava sozinha com ele dessa forma perfeita e íntima há tanto tempo que queria saborear o momento. E o engraçado era que todas as outras vezes — e foram muitas — que ela pensou que eles estavam a ponto de transar, ela ficava nervosa e agitada e não conseguia parar de falar.

Mas não dessa vez.

— Quer ouvir uma música ou colocar um filme ou coisa assim?— indagou Nate, perguntando-se se precisava levantar o astral. Se ao menos ele tivesse umas velas, um incenso ou coisa parecida. Óleo para massagem? Algemas?

Tá legal, não vamos exagerar.

Blair foi até a estante e acendeu a luminária de globo ridícula que Nate tinha desde os cinco anos. Depois ela apagou a luz do teto. A luz do globo se misturou com o brilho do luar que entrava pela clarabóia, lançando uma luz azul e suave no quarto.

— Pronto. — Ela tirou os sapatos Kate Spade pretos. As unhas dos pés estavam pintadas de vermelho-escuro e pareciam sensuais até para ela. Ela sorriu para Nate. —Vem cá.

Ele obedeceu, enfiando as mãos por baixo da blusa dela e ajudando-a tirá-la enquanto ela praticamente rasgava a dele ao puxá-la pela cabeça. Seu sutiã era fino, branco e sem armação e, quando ela o desabotoou, parecia um lenço de papel no chão.

Nate manteve-se firme. Tinha chegado a esse ponto tantas vezes que não ficaria surpreso se a mãe de Blair batesse na porta e dissesse a eles que eram trigêmeos e que os outros dois bebês iam nascer nesse minuto.

Blair passou os braços no pescoço dele e o abraçou forte. Todas as vezes que se imaginava fazendo isso, ela colocava a si mesma e

Nate no lugar dos atores de um filme antigo. Audrey Hepburn e Gary Cooper em *Amor na tarde*. Kathleen Turner e William Hurt em *Corpos ardentes*. Mas isso era muito melhor, porque era real, e parecia tão *elegante*.

Ele não conseguia parar de beijá-la. Ela guiou a mão dele para o cós do jeans e depois a pegou. Tudo bem, então talvez ninguém fosse bater na porta e o céu não ia cair. Talvez dessa vez realmente acontecesse.

Ela o empurrou para a cama e tirou a calça e a calcinha. E depois não havia mais nada para tirar. Eles se beijaram de novo em cada ponto beijável, até que ficou óbvio que era necessário tomar certas medidas. Nate remexeu na gaveta da mesa-de-cabeceira, procurando uma camisinha.

Agora vem a parte inoportuna.

Só que não foi inoportuna. Sem dizer uma palavra, Blair pegou a camisinha, desceu pelo corpo dele aos beijos e cuidadosamente a colocou, como vestia as delicadas meias em Yale. Pronto. Bem melhor.

Nate tinha se esquecido de como era ficar com Blair. Como o toque dela não era uma experiência de casa mal-assom-brada, onde ele tinha de adivinhar às cegas onde estavam as coisas e o que eram, e ficava esbarrando nas paredes. Com Blair, ele simplesmente *sabia*. E tudo parecia se encaixar.

Blair nem precisou dizer a Nate para pegar leve. Eles estavam numa sincronia tão grande que só o que ela fez foi fechar os olhos e abraçá-lo, arquear as costas um pouco e sentir que estava acontecendo.

Tá-dáááá!

Quando terminou, eles ficaram deitados de costas, de mãos dadas e sorrindo para o teto, porque sabiam que alguns minutos depois podiam transar novamente. Eles podiam passar o resto da vida transando se quisessem. Pediriam comida na ala da casa de Nate. Fariam as provas finais on-line.

— Talvez eu não vá para a faculdade — murmurou Nate. Por que deveria, quando havia tanto prazer para ter? Ele beijou a mão dela.
— A gente podia velejar pelo mundo juntos.

Fazer aventuras.

Blair fechou os olhos e tentou se imaginar navegando pelo mundo com Nate no iate que ele ia construir especialmente para os dois.

— Eu ia usar um biquíni Missoni diferente a cada dia e ficar com um bronzeado perfeito

— sussurrou ela.

Em sua cabeça, a fantasia continuava. O corpo dos dois seria forte e magro de trabalhar no iate e da dieta de peixe cru, alga marinhas e champanhe. À noite eles iam fazer amor sob as estrelas e de manhã iam fazer amor ao som das gaivotas. Eles teriam filhos lindos, louros e bronzeados, que nadariam como golfinhos e nunca usariam roupa. Eles parariam em portos exóticos, onde os nativos dançariam para eles e lhes dariam jóias raras e peles de presente. Um dia eles teriam acumulado uma coleção de tesouros e seriam conhecidos no mundo todo como os navegantes mais ricos do universo, e piratas apareceriam para saquear o butim e roubar os filhos impossivelmente lindos do tipo modelos de Ralph Lauren. Na época, sem nada melhor para fazer com todas as horas no barco, ela e Nate já seriam faixa-preta em caratê e combateriam os piratas, mandando-os afundar para a morte no mar infestado de tubarões. Depois eles navegariam à luz da lua, ilesos e mais apaixonados do que nunca.

Bem que podia acontecer.

— Ou talvez a gente vá para Yale — disse ela cheia de esperança. Hoje, um médico do hospital da mãe dela tinha deixado um bilhete com o porteiro dizendo que queria escrever uma recomendação ao programa de medicina de Yale. Ela nunca pensou em se tornar médica, mas, se iria para Yale, por que não?

— Vou jogar lacrosse e me especializar em geologia — murmurou Nate no cabelo dela.

— É — concordou Blair sonhadoramente.

Nate escavaria as florestas de Connecticut procurando rochas e usaria lindos suéteres Aran que ela ia tricotar para ele durante as longas aulas de medicina. Todas as alunas de medicina seriam apaixonadas pelo brilhante jovem biólogo que por acaso também era orientador de Blair, mas ela não daria a mínima para ele — só teria olhos para Nate.

— E vamos morar juntos — acrescentou ela em voz alta. Em uma antiga casa vitoriana em ruínas perto do campus. Eles fariam sidra quente no forno a lenha e assariam marshmallows na lareira.

Nate sorriu, feliz.

— Vamos ter um dogue alemão.

— Não, *dois* dogues alemães e dois gatos — corrigiu Blair. E eles ficariam tão envolvidos com os estudos e transando na cama antiga em seu quarto vitoriano rachado que iam se esquecer de cortar o cabelo ou comprar roupas novas e iam parecer hippies, mas ainda se formariam com louvor.

— E vamos nos casar — sussurrou ele.

— É. — Blair apertou a mão dele sob os lençóis.

Eles teriam um casamento gigantesco na catedral de St. Patrick e, quando voltassem da lua-de-mel de um ano no sul da França, morariam na cobertura da Quinta Avenida que dava para o parque. Ela seria cirurgiã-geral em Nova York e ele ficaria em casa com os quatro filhos louros de olhos verdes, construindo veleiros na sala de estar. E ele sempre ia levar um Hershey's Kiss para o almoço dela, para mostrar que a amava.

Blair se virou e pousou a cabeça no peito de Nate. As possibilidades eram infinitas, mas eles não tinham de decidir nada agora. A única decisão que tinham de tomar naquele momento era se iam transar novamente, ou esperar alguns minutos e *depois* transar.

O coração dele batia no ouvido de Blair, um som urgente e vibrante. Ela ergueu a cabeça e o beijou.

Por que esperar?

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

UMA FESTA MÓVEL

Da última vez que eu vi, todos ainda estavam respirando, mais ou menos. Uma festa que dura a noite toda — o que significa se arrastar até esta tarde — conta como uma festa ou duas? Aqueles caras eram realmente os Raves, ou uma banda de bar nerd de **Williamsburg** fingindo que eram os **Raves**? E nosso poeta preferido do **Upper West Side** realmente ficou tão bêbado que nem conseguiu encontrar o outro tênis? Não que isso tenha afetado o canto dele. **Ele** quase parecia melhor em Manhattan do que no **Brooklyn**, mas talvez seja porque estivesse todo feliz. **Minha** parte preferida da noite foi quando aquelas meninas louras com suéteres iguais da Georgetown, apitos e **Band-Aids** na barriga fizeram um coro de líderes de torcida para a música e depois convidaram todos os caras para a cama para fazer o jogo da garrafa. E eu que tinha ouvido dizer que as meninas da **Georgetown** eram todas **tão castas**.

Duas pessoas que notavelmente estavam ausentes continuaram ausentes a noite toda, e ainda estão sumidas. Dizem que desapareceram juntos e que pelo resto do ano letivo vamos ter de ver os dois cheios de energia porque o amor é lindo e blá, blá, blá.

Mas tenho certeza de que a gente pode convocar umas surpresas para tornar a vida deles mais interessante — não é?

Seu e-mail

P: Cara GG,

Ando preocupada com a minha irmã. Ela deu uma festona no Brooklyn ontem à noite e aconteceu um monte de merda. É provável que você tenha ido. Ela está bem?

— rb

R: Cara rb,

Ela parecia toda irritada quando nos expulsou para ficar com uma cicatriz permanente.

Nós, mulheres, somos muito resistentes. Embora possa levar algum tempo para o lábio dela curar e ela definitivamente possa precisar da ajuda de uma faxineira.

— GG

P: Tudo bem, então vamos todos para Nova York recrutar aquela garota para ir para a nossa universidade e depois ela desaparece totalmente. DEPOIS a gente, tipo assim, quase quebra o pacto que foi basicamente a nossa missão na vida por dois anos. É tudo culpa dela, e a gente não quer mesmo que ela vá para a nossa universidade nem seja de nossa irmandade de jeito nenhum.

— becs

R: Cara becs,

Não tenho certeza do que posso fazer para te ajudar a essa altura. Vocês ainda têm umas às outras—não é?

— GG

Flagra

S dando um pequeno brunch só para homens em seu apartamento na Quinta Avenida. Na última verificação do bufê, a mesa estava posta para catorze. **J** e **D** dando autógrafos na calçada dos estúdios da **MTV**. Eles podem não ser famosos ainda, mas, se agirem como famosos, o mundo será pequeno para eles. **V** colocando placas de Procura-se Colega de Apartamento em toda **Williamsburg**. **C** e a garota preta-e-roxa que mora com ele empurrando seus animais de estimação em um carrinho de boneca pelo **Zoológico do Central Park**. Olha como ele encontrou a babá perfeita para o macaco enquanto estiver em **West Point** no ano que vem. Desaparecidos: **B** e **N**. Vistos pela última vez saindo do prédio dela na 72 com a Quinta para ir para a casa dele na 82 por volta das onze e meia da noite de ontem.

Minha cabeça ainda está girando com visões de macacos e furões e garotas de colete de couro turquesa, mas não estou com tanta ressaca que não possa fazer mais perguntas: Será que **D** e **V** ainda estão juntos, ou agora são só amigos?

Que tipo de "colega de apartamento" ela está procurando exatamente?

D se tornará um deus do rock famoso no mundo todo?

B finalmente irá para Yale? Será que ela vai entrar para o exército ou se tornar médica para conseguir isso?

B, **N** e **S** vão juntos para Yale? Será que essa é mesmo uma boa idéia?

J se tornará uma supermodelo famosa e intocável ou colocará tudo a perder de novo e terá de ir para o colégio interno para fugir do olhar fulminante das pessoas?

N será infiel a **B** de novo? Se for, será que vai pensar em transar comigo?

Sei que você está morrendo de vontade de descobrir. Mas, primeiro, por favor, vá para casa e descanse um pouco.

Pra você que me ama,

gossip girl

FIM

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>